



*Fernando Pessoa*  
**Vinte Anos de Poesia Ortónima**  
**II**  
**1921-1930**

PESSOANA • EDIÇÕES

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



**S**

**Vinte Anos de Poesia Ortónima**

**II**

**1921-1930**

© Ivo Castro e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Esta edição digital pode ser descarregada gratuitamente.

A citação e a reprodução total ou parcial são autorizadas, devendo a proveniência ser indicada da seguinte forma: «Fernando Pessoa, *Vinte Anos de Poesia Ortónima. II — 1921-1930*, edição de Ivo Castro, ed. digital gratuita, Lisboa, Imprensa Nacional, 2020».

Os textos que formam esta edição foram inicialmente publicados no vol. I, tomo III, da Edição Crítica de Fernando Pessoa: *Poemas de Fernando Pessoa — 1921-1930*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001.

A estrutura e o conteúdo dessa edição-mãe são conservados, com as seguintes intervenções principais: foram corrigidas gralhas, foram revistas leituras, foi adotada a ortografia oficial vigente, foram retirados os instrumentos críticos acessórios do texto (aparatos, anotações, introduções, índices, etc.), em alguns volumes foram retirados poemas incompletos. Para facilitar o cotejo com a edição-mãe, os textos mantêm o número que aí tinham, o que explica alguns saltos na numeração desta edição digital.

Dezembro de 2020.

*Fernando Pessoa*  
**Vinte Anos de Poesia Ortónima**  
**II**  
**1921-1930**  
Edição de Ivo Castro

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2020

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L



## ÍNDICE GERAL

### POEMAS 1921-1930

1	Ah, sempre no curso leve do tempo pesado	21
2	Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.	22
3	Não sei que dor quebranta	22
4	Lígia	23
5	Que é feito do luar de outrora	24
6	Como quem bate à porta	24
7	Nunca mais tornarei onde estou e desamo	24
8	Como por uma peneira	24
9	Ó curva do horizonte, quem te passa	25
10	Névoa que pairas sobre os arvoredos	25
11	Rasga, uma a uma, as cartas. As que foram	26
12	Às vezes quando a vida como tarda	26
13	Sobre este plinto gravo o inútil verso	27
14	Um calor morto e mole move	28
16	Senhor de legiões, o tédio	28
17	Antes que a hora fane	29
18	Aquela tristeza antiga	29
19	É um palco, e um palco de sonho,	30
19A	É um palco, e um palco de sonho,	31
19B	<i>Non necesse est</i>	33
20	No fundo do pensamento	33
21	A noite é calma, o ar é grave,	34
22	Música suave,	35
23	Já que o tempo não pode permitir	35
24	Não mais no fundo morto da hora,	36
25	Cresce a planta, floresce.	36
26	Ah, quanta vez, na hora suave	36
27	Feliz dia para quem é	37
30	Insónia	38
31	Deste sufocado rente	39
32	Guia-me a só Razão.	40

33	Vento que passas	40
34	Flor só de uma cor, amor,	41
35	Transeunte	42
38	Nos meus desejos existe	42
40	A parte do indolente é a abstrata vida.	43
41	Ironia em intenção a Cristóbal Colón	44
42	Ó curva do horizonte, quem te passa,	44
43	Só duas cousas vale a pena ter —	45
44	O louco sente-se imperador ou deus	45
45	Adeus, Maria! Todos nós,	46
45A	Adeus, Maria! Há um só momento	46
46	Canso. Ter que viver com estes todos!	47
48	É uma brisa leve	49
49	Não tragas flores que eu soffro...	49
52	Os deuses, não os reis, são os tiranos.	49
53	Anteus	50
54	Lá fora a vida estua e tem dinheiro.	50
56	Nada	51
58	Começa hoje o ano	51
59	Ano Novo	52
60	Sonho. Não sei quem sou neste momento.	52
61	Nada sou, nada passo, nada sigo.	53
62	Hoje neste ócio incerto	53
63	Depois de me ver ao espelho,	54
64	Aqui, neste sossego e apartamento,	54
65	Ah, como o sono é a verdade, e a única	55
66	Sem dor que seja dolorosa, ou medo	55
67	Loucura 1	58
68	Loucura 2	59
69	Loucura 3	60
70	Sou o mendigo que não pede.	60
71	Doura o dia. Silente, o vento dura.	61
72	Zumbe a abelha, mundana semelhança	61
73	Oiço passar o vento na noite.	61
74	O meu vizinho serralheiro	62

75	Quais milagres de Lourdes, meu amigo!	63
76	É noite e os pensamentos que eu não quero	63
77	Eu	64
78	Morte do Príncipe	64
79	«Divide e reina»: a antiga monarquia	65
80	Ver as cousas até ao fundo...	65
81	Enigma	65
82	Lua do desconhecimento,	66
83	<i>Horae Subcessivae</i>	67
84	Dorme, sonhando! Sparsa luz te alumbre,	67
86	Eu olho com saudade esse futuro	68
87	Dormir! Não ter desejos nem speranças	69
88	Trémula chama,	70
89	Súbita ária leve	70
90	Ah quanta melancolia!	70
91	<i>Audita Caecant</i>	71
92	Maravilhosa paz	72
93	Sim, poderia ser...	72
94	Pia, pia, pia	72
95	Canções da Criança Adulta	73
96	Converso às vezes comigo	75
98	Marinheiro-monge	76
99	No extremo céu azul verde	77
100	Aquele breve sorriso	77
101	A terra, que a noite fecha,	78
102	Inúteis correm os meus dias lentos.	79
103	Sonhos, sistemas, mitos, ideais...	79
104	Como a folha em móveis águas,	80
105	E o rei disse, «Memora estes meus lemas:	80
106	A luz do sol afaga o imenso dia.	80
107	Sinto-me forte contra a vida inteira	81
108	O merecer e o receber não têm	82
109	Em torno a mim os mortos esquecidos	82
110	Oiço dizer a verdade	84
111	Canção partindo-se	85

112	Mas eu, que em toda a parte	86
115	Estio. Uma brisa ardida	86
116	O dia longo tem fim	87
117	Como a névoa que o realço	87
118	Que triste, à noite, no passar do vento,	88
119	Glosas	89
120	Amiel	90
123	O Contra-símbolo	91
124	Em torno a mim, em maré cheia,	92
125	Não é ainda a noite	93
126	Não há verdade inteiramente falsa	93
127	Um desgosto profundo	94
128	Meu coração, bandeira içada	95
129	Universal lamento	95
130	Pouco importa de onde a brisa	96
131	Esta espécie de loucura	96
132	O Catavento	97
135	Tudo dorme. Pela erva	97
136	Sei que nunca terei o que procuro,	98
137	Presságio	98
138	Já não vivi em vão	99
139	Pelo plaino sem caminho	99
140	Horas	100
141	Já me não lembra o sonho que não tive...	100
142	Quem com meu nome é obsceno nas paredes?	101
143	Levámos o dia em conversa.	101
144	Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;	102
145	A levíssima brisa	103
146	Mexe a cortina com o vento.	103
147	Correm-me menos tristonhos	104
148	Morreu. Coitado ou coitada!	104
149	<i>Post-Scriptum</i>	105
150	No fim do outono que finda,	106
151	Durmo. Regresso ou spero?	106
152	É um rio entre arvoredos	107

154	<i>Sonus desilientes aquae</i>	107
155	Ah, nunca, por meu bem ou por meu mal,	108
156	Não: não pedi amor nem amizade	109
157	Ó curva do horizonte, quem te passa	109
158	E ou seja jazida	110
159	À beira do precipício	110
160	Música, sim, popular...	111
161	Xadrez	111
163	Sopra lá fora o vento	112
164	Há luz no tojo e no brejo	113
165	Não tenho razão	113
166	É um canto amargo e moço...	114
167	Pesa-me hoje a discordância	114
168	Brincava a criança	115
169	Não vivo em vão	116
170	E enfeitiçados pelos estos	116
171	Vai verde o ocaso. A tarde é parada.	117
173	Quando, cheio do próprio dó,	117
176	O que eu fui o que é?	118
177	Era um morto encontrado na rua.	119
178	Já sonho	119
179	É triste a noite, é triste o luar, e a gente	120
180	Nas ruas por onde vão	121
181	Paira à tona de água	121
182	Há quanto tempo eu não passava aqui	122
183	A água da chuva desce a ladeira.	122
184	Queria dizer a alguém	123
185	Há música. Tenho sono.	124
186	Meu paraíso perdido!	124
188	Hoje stou triste, stou triste.	125
189	Passava eu na estrada pensando impreciso,	125
190	O sonho que se opôs a que eu vivesse	126
191	A rabanada de vento	126
192	Tradução de poemas que não existem na Antologia Grega	127
193	Tradução de poemas gregos que não existem	127

194	Meu coração steve sempre	128
195	Noturno de Dia	128
196	Da noite extensa onde não vemos	128
197	É inda quente o fim do dia...	129
198	Mexe em árvores o vento,	129
199	Em torno ao candeeiro desolado	130
200	O meu coração quebrou-se	130
201	No fim da chuva e do vento	130
202	Cemitério	131
203	O louco	131
204	Caminho a teu lado mudo.	132
205	Aquarela	133
206	Há uma música do povo,	133
207	Na Rua do Volta-Atrás	134
208	Estrada de Damasco	135
209	Canção Abrupta	135
210	Tenho dó das estrelas,	136
211	A pálida luz da manhã de inverno,	136
212	Sim, tudo é certo logo que o não seja.	137
213	Sim, tudo é certo, logo que o não seja.	137
214	A tua voz fala amorosa...	138
215	Qual é a tarde por achar	138
216	Aquela graça indecifrável	139
217	Vou com um passo como de ir parar	139
218	<i>Abat-jour</i>	140
219	Há como um círculo de névoa	141
220	Parece que stou sossegando	142
221	A uns o Fado é mestre, a outros menino.	142
223	Silêncio. Deixa-me pensar.	143
224	Aqui está-se sossegado,	143
225	Glosa	145
226	O céu de todos os invernos	145
227	Mas o hóspede inconvidado	146
228	Um muro de nuvens densas	146
229	Na água a água forma bolhas,	147

230	Sim, sim, eu conheci-o.	148
232	A razão desta tristeza	149
233	Teu seio é nulo, porque não existes,	150
234	Pela rua já serena	150
235	<i>Assoupissement</i>	151
237	Epitáfio Desconhecido	151
238	Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,	152
240	Lisboa e Submisso ao Destino	152
241	Ah, no terrível silêncio do quarto	154
242	Nem de estes bosques saberei dizer	154
243	Como entre os bosques marginais, secretos	155
244	Nas grandes horas em que a insónia avulta	155
245	Tudo quanto sonhei, ou quis, amando,	156
246	Como um cansaço ao fim do vento	157
247	Na noite triste e sem querer	157
248	Glosa	157
249	Tem um olhar direito e doce,	158
250	Monumento a António José de Almeida	158
251	Odiosamente	159
252	Que viva essa pedra morta ali verei,	159
253	Férias de Severo	159
254	O grande espetro, que faz sombra e medo,	161
255	Relógio, morre —	163
256	Passos da Cruz	163
257	Quando Cristo, Rei da Lei,	164
258	Amun-Ra	164
259	Quem vende a verdade, e a que esquina?	166
260	Na noite que me desconhece	166
261	Deixei cair o livro onde não li	167
262	Em tempos quis o mundo inteiro.	168
263	Mais triste do que o que acontece	168
264	Ó ervas frescas que cobris	169
265	Há quanto tempo não canto	169
266	Quiséssemos-nos na hora vã.	170
267	Ó sorte de olhar mesquinho	170

268	Na imensa solidão	171
269	Dormi. Sonhei. No abstrato labirinto	171
269A	Dormi. Sonhei. No informe labirinto	172
270	O grande dia mostra o grande oceano.	172
271	Brisa irreal da aurora,	173
272	Dói-me quem sou. E em meio da emoção	174
273	Depois que os convidados	174
273bis	Ter saudades é viver.	175
274	Vai leve a sombra	176
274A	Sombra...	176
274B	Vai leve a sombra	177
274C	Vai leve a sombra	177
275	Árvore verde,	177
276	Eu tinha um sonho	178
277	Boiam leves, desatentos,	179
278	O harmónio enha, moribundo e raso,	179
279	Vou em mim como entre bosques	180
281	Ronda o vento, ronda o vento,	181
282	Deixa-me ouvir o que não ouço...	181
283	Fito-me frente a frente.	182
284	Que coisa é que na tarde	182
285	Não quero mais que um som de água	183
286	Como inútil taça cheia	184
287	Deve chamar-se tristeza	184
288	Quem me roubou quem nunca fui e a vida?	185
289	Inconsciência da infância! Ah, mas com quanta	185
290	Deveras, Maria?	185
291	Se sou alegre ou sou triste?...	186
292	Tirem-me a coleira de lata	187
293	Que grande dose de seria!	187
294	Um, dois, três...	187
295	O grande sol na eira	188
296	Menos mundo, por amor de Deus!	189
297	Grande sol a entreter	189
298	Maravilha-te, memória!	190

299	Meu navio sem viagem,	190
300	Ter antes disto outro ser!	191
301	Entre a noite que cessa	191
302	No vale umbroso, como	192
303	Não sei quantas almas tenho.	192
304	Dói-me o nevoeiro, dói-me o céu	193
305	O sol queima o que toca.	194
306	Vem do fundo do campo, da hora,	194
308	Entre o luar e o arvoredor,	195
310	Às vezes entre a tormenta,	195
311	Puseram-o contra a parede	196
312	Bem sei. Estou triste, sou calvo,	197
313	Passam na rua os cortejos	197
314	A nossa magna língua portuguesa	198
315	Passei a minha legenda.	198
316	Desdobrei o meu estandarte	198
317	Tenho pena e não respondo.	199
318	As formigas do ardor	199
319	Quero ser livre, insincero,	200
320	O rio que passa dura	200
321	Meu ruído da alma cala.	201
322	Gnomos do luar que faz selvas	202
323	Minha mulher, a solidão,	203
324	Ó Maria dos Prazeres,	203
325	Na margem verde da estrada	204
326	A estrada, como uma senhora,	205
327	Tão vago é o vento que parece	206
328	De aqui a pouco acaba o dia.	206
329	É boa! Se fossem malmequeres!	207
330	Enfia a agulha,	207
331	Parece estar calor, mas nasce	208
332	Gradual, desde que o calor	209
333	A tarde vulgar e cheia	209
334	Ao pé dos salgueirais da margem,	210
335	O papel que me escreveste	210

336	Se penso bem, creio haver	211
337	Entre o arvoredo, entre o arvoredo	211
338	Dá a surpresa de ser.	212
339	E toda a noite a chuva veio	212
340	Hoje estou triste, estou triste,	213
341	Não sei que mágoa me deu...	213
342	Como um vento na floresta,	214
343	Neste dia de tristeza	214
344	<i>Nescio quid meditans</i>	215
345	Quanto fui peregrino	215
346	Teias de horror na falsa aragem	217
347	Do meio da rua	217
348	Seja o que for que aconteça	218
349	Não tenho speranza nem fé.	219
350	Por quem foi que me trocaram	219
351	Leve no cimo das ervas	220
352	Se tudo o que há é mentira	221
353	Cai chuva do céu cinzento	221
354	Perdi completamente uma ilusão.	222
355	Passa entre as sombras do arvoredo	222
356	Há um grande som no arvoredo.	223
357	Há um grande som no arvoredo.	224
358	Elias Artista	225
359	Dá-me as mãos por brincadeira	226
360	Há um grande vento entre os montes,	227
361	Tenho dito tantas vezes	228
362	Há certa gente que amamos	228
363	Lenta e quieta a sombra vasta	229
364	Transgressão	230
365	Paira nos bosques noturnos	231
366	Aqui onde um sol brando	232
367	Antes que o sono afunde	233
368	Na praia baixa a onda morre	234
369	Vendi o meu realejo,	235
370	Por trás daquela janela	235

371	Chove. É dia de Natal.	236
372	Maria, (tu és Maria?)	237
373	Não tenho ninguém que me ame.	239
374	O sino da igreja velha	239







Ah, sempre no curso leve do tempo pesado  
A mesma forma de viver!  
O mesmo medo inútil de star enganado  
Por crer ou por descrer!

1

Sempre, na fuga ligeira da hora que morre,  
A mesma desilusão  
Do mesmo olhar lançado do alto da torre  
Sobre o plaino vão!

Saudade, speranza — muda o nome, fica  
Só à alma vã  
Na pobreza de hoje a consciência de ser rica  
Ontem ou amanhã.

Sempre, sempre, no lapso indeciso e constante  
Do tempo sem fim  
O mesmo momento voltando improfícuo e distante  
Do que quero em mim!

Sempre, ou no dia ou na noite, sempre — seja  
Diverso — o mesmo olhar de desilusão  
Lançado do alto da torre da ruína da igreja  
Sobre o plaino vão!

1-1-1921

2 Cansa ser, sentir dói, pensar destrui.  
Alheio a nós, em nós e fora,  
Rui a hora, e tudo nela rui.  
Inutilmente a alma o chora.

De que serve? O que é que tem que servir?  
Pálido esboço leve  
Do sol de inverno sobre meu leito a sorrir...  
Vago sussurro breve

Das pequenas vozes com que a manhã acorda,  
Da fútil promessa do dia,  
Morta ao nascer, na speranza longínqua e absurda  
Em que a alma se fia.

1-1-1921

3 Não sei que dor quebranta  
O meu coração doente,  
Que um pouco dói, e encanta  
Um pouco, e mal se sente.

Não sei se é como a leve  
Dor de mortal ferida,  
Que subtil gume obteve  
Em rápida investida;

Ou se é apenas tanto  
Quanto o pouco que dói,  
Se por conter encanto  
É que menos dor foi...

Não sei, nem me conheço.  
Sentindo-a, esqueço a vida,  
E porque a vida esqueço  
Menos a alma é dorida.

Não sei... Frémite leve  
De asa da maldição,  
Que ou para, ou pouosa breve  
Sobre o meu coração.

23-1-1921

### Lígia

4

Os que do humano mal se compadecem,  
O mal do mal, e não da causa, choram.  
A dor, imerecida ou merecida,  
É sempre a mesma, porque é sempre a dor.  
Justa ou injusta, os Deuses porque a deram,  
Porque foi que não deram não havê-los  
— Os Deuses ou o Fado? Porque foi  
Criado merecer? Ah, se inda ao menos  
Fôssemos nossos e deveras nossa  
A causa do sofrer! Inda que injusto  
Ter de ter dor fosse, se não deu a vida  
E por isso não deu — se o ter possível,  
Ainda que por própria causa, errar,  
Tal dor ao menos, inda que destino, seria sujeição  
Não em tirania. Mas nós, todos  
Efeitos, em nada nossos, alma e gesto  
Filhos dos deuses e do ser superior,  
Servos do Fado obscuro, sem razão  
Senão para só ver, sem ter vontade,  
Senão para cumprir sem ter vontade  
O que os deuses vão mandar que queiramos,  
O que o Destino quis que eles mandassem.

5-2-1921

- 5                   Que é feito do luar de outrora  
                      A que eu sonhava?  
                      O mesmo luar cai agora  
                      No mesmo lugar onde eu stava.  
                      Mas era outro quem o luar encontrava.
- 10-3-1921
- 
- 6                   Como quem bate à porta  
                      De uma casa deserta.
- Inutilmente exorta  
                      Quem nada quiere.
- [10-3-1921]
- 
- 7                   Nunca mais tornarei onde estou e desamo  
                      Mas meu choro de agora é aqui não tornar.  
                      O que tenho e não quero, eu no porvir já amo.  
                      O que não sou ainda é só quem ama o que sou.
- [10-3-1921]
- 
- 8                   Como por uma peneira  
                      Me passa a vida,  
                      Sempre da mesma maneira  
                      E tão ténue a medida
- Que passa toda, tudo cessa...  
                      Superior a qualidade?  
                      Mas a memória não confessa.
- [12-5-1921]

Ó curva do horizonte, quem te passa  
Passa da vista, não de ser ou star  
Seta, que o peito inerte me traspasa,  
Não doas, que morrer é continuar.

9

Não vejo mais esse a quem quis. A taça,  
De ouro, não se partiu. Caída ao mar  
Sumiu-se, mas no fundo é a mesma graça  
Oculta para nós, mas sem mudar.

Ó curva do horizonte, eu me aproximo  
Para quem deixo, um dia cessarei  
Da vista do último no último cimo.

Mas para mim o mesmo eterno irei  
Na curva, até que o tempo a esfera  
.....  
E aonde estive um dia voltarei.

13-5-1921

Névoa que pairas sobre os arvoredos  
Não te ergas. Deixa a paz não ser visível.  
Conserva qualquer cousa de teus medos  
Ao silêncio em que pairas legível.

10

13-5-1921

11 Rasga, uma a uma, as cartas. As que foram  
Flores, murchadas, deixa pelo chão.  
Inúteis □ rememoram  
Não o que foi, mas a recordação.  
Basta a memória, que é de quem existiu.  
Estas da sua auréola apagada  
São a sombra que passa e que fugiu.

13-5-1921

12 Às vezes quando a vida como tarda  
E nem a dor tem força pra doer,  
E a esperança não tem lume com que arda  
Pra fingir aquecer,

E sobre o que é vontade na nossa alma  
Cai uma obscura sonolência fria  
Que se pareceria com a calma  
Se não fosse a agonia,

E em tudo quanto foi em nós intuito,  
E nos tornou possível não descreer,  
Subitamente fecha-se o circuito:  
Cessa poder querer —

Então num lago morto que há na alma  
Cercado de rochedos altamente,  
A que esperasse a noite e a hora calma,  
E a brisa vaga ausente,

Uma figura surge, que parece  
Sereia ou ninfa, e essa □ visão  
Cai como o efeito na alma de uma prece  
Sobre o ermo coração,

E qualquer cousa, que não é esperança,  
Que não é sonho, e é mais uma memória  
De quando nos contaram em criança  
Já deslemburada história,

Embala, e a dor, como uma nuvem, leve  
Passa, ou a névoa rasga e há mar ao fundo,  
E a nau vai regressar de onde há a neve,  
E há luar sobre o mundo.

19 e 20-5-1921

Sobre este plinto gravo o inútil verso  
Que comemora a inútil emoção.  
Se os impérios são pó, não é disperso  
Breve esta inútil comemoração.

13

Por isso, escolho a hora em que contento  
A emoção de escrever, e não o fim.  
E fica o plinto no meu pensamento

Soletra, viandante, o verso posto  
Como denúncia de um momento nulo  
Na pedra: *A morte passa...*  
O *ave atque vale* de Catulo.

20-5-1921

14 Um calor morto e mole move  
As árvores com vento lento.  
Nada em minh'alma se comove  
Não há nada em meu pensamento.

Se quis, hoje foi outro quem quis,  
Se tardei, tardo ainda. O céu  
Não tem azul, tem o matiz  
Dum cinzento que embranqueceu.

E há só em mim, se me prescruto,  
Como que um grande largo só  
Numa cidade ruína e luto,  
De quem os deuses não têm dó.

15-6-1921

16 Senhor de legiões, o tédio  
Devora sem que a guarda guarde.  
Contra ser ser não há remédio  
Renovas-te, magoada tarde?  
Que entras no obscuro da lembrança  
E iluminas quem fui com brando  
Recato de dor morta, e a dança  
Das folhas secas no átrio, quando  
Por eu ser □mente

15-6-1921

Antes que a hora fane 17  
Na haste da emoção  
E o pensamento profane  
Com a vista o coração,

Para um momento, demora  
Os olhos no meu olhar,  
Caia da flor da hora  
Uma pétala de sonhar,

E os nossos olhos já então  
Uns dos outros desprendidos  
Sigam-a até ao chão...  
No jardim dos sentidos...

25-6-1921

Aquela tristeza antiga 18  
Parece-me hoje alegria,  
A verdadeira tristeza,  
A que nem tem um sorriso  
É esta, a quem hoje abriga  
Meu coração sem beleza,  
Nesse desânimo, que esfria  
O pobre esforço impreciso.

Já nem me dera a ventura  
De quando fui venturoso;  
Bastava-me hoje a amargura  
Que foi minha no passado,  
O que sofri que ocioso  
Acho hoje, pra amargurado!

Só um sorriso me resta,  
Mais triste que não sorrir,  
O de lembrar-me que outrora  
Sofri como uma criança,  
Pela falta de uma festa...  
Hoje... Ó noite sem aurora  
Fechas-me os olhos à speranza;  
Fecha-mos já ao porvir!

25-6-1921

19

É um palco, e um palco de sonho,  
Com figuras sem dever,  
Cujo destino é risonho  
Por nada ter de ser.

Interlúdio indecifrável  
Entre sentir e o mundo,  
Longe da hora implacável  
O palco, e o pano de fundo

Castelos de um século morto  
Balaústres de esperar  
E o drama é no sonho absorto,  
Atores de cor e luar,

Que vivem a música e □  
Em transparência alheada  
Da vida, que é plebe e mulher,  
E da morte, que não é nada.

25-6-1921

É um palco, e um palco de sonho,  
Com figuras sem dever.  
No seu destino é risonho  
Só não se compreender.

Não há no enredo que jazem  
Speranças ou espectadores.  
O que há de mim no que fazem?  
Figuras de ária e de cores.

Fora do acaso e do opróbio  
De existir por ter nascido,  
O momento em que vivem, cobre-o  
Já o futuro olvido.

Interlúdio incompreensível  
Salvo se não se buscar,  
Sonho, cor morta, insensível  
A ter que querer e amar.

Atores por vida entrados  
Num viver de vazio e dentro  
A vida, que têm, com lados  
Como uma lua com centro.

Mas são reais a seu modo  
Têm um universo seu  
Que naquele palco está todo  
E só precisa de céu.

Ah, viver sempre o mundo,  
A vida e a sensação  
Só em panos de fundo,  
Só em cenário e ficção!

Nas esplanadas pintadas  
Do lado em que são reais,  
Descendo as falsas escadas  
Mas gente e vida e □

Estar, como eles, no espaço  
Entre a emoção e o gesto,  
Seu palco nosso terraço  
Sobre o luar interior.

Substância de logro e de febre,  
Bosques e noites na alma,  
Sem que o encanto se quebre  
Pelos bosques tristes de calma.

Alegre interferência  
Com a vida e a lastimação  
Perfume de desistência,  
Gesto absoluto e vão.

A sua paisagem humana  
Dum século morto e triste  
Tem flores com que engalana  
Aquilo que não existe.

Desleixo longe de ser  
Vida em dif'rença enganada  
Da vida, que é plebe e mulher,  
E da morte, que não é nada.

20-9-1919

**Non necesse est**

19B

É um palco, e um palco de sonho,  
Com figuras sem dever...  
Ali um destino risonho  
Funde sonhar com ser.

Cenário do sonho, ilude-o!  
Ação, nunca te dê!  
Ficções de interlúdio,  
Enganai quem vos fez!

E viva a alma a esquecer,  
Em transparência alheada,  
A vida, que é plebe e mulher,  
E a morte, que não é nada!

No fundo do pensamento  
Nos jardins da fantasia  
Onde não chega um momento  
Da noite que há, nem do dia,

20

Passas, figura que sonho,  
Esqueces, e sempre vais passando;  
E sinto um pouco risonho  
O rosto de mim cismando...

Perde-te em luares e áleas  
Livre da mente em que moras  
Onde florescem as últimas dalias  
Longe das únicas horas.

25-6-1921

A noite é calma, o ar é grave,  
Na sombra cai um luar vago.  
Subtil, a sem-razão suave  
Da vida estagna como um lago  
Na sensação, e a alma esquece  
Ao fim dos parques da emoção,  
Ao som da brisa que estremece  
As águas dessa solidão.

Nesta hora, como se entretecendo  
De uma meada em mãos com sono  
Que vão compondo e desfazendo  
Esse afazer desse abandono,  
Com sensações de mão que as tece  
A mão que as tece adomo a alma  
E o gesto, com que teço, esquece,  
E o fundo da alma não tem calma.

Outrora, ao pé dos balaústres  
Vizinhos a se ver o mar  
E a noite, sonhos vãos e ilustres  
Deram futuro ao meu sonhar.  
Hoje, amargo de só ficar-me  
Daqueles sonhos tê-los tido  
Vivo de inútil recordar-me  
Qual se fosse outro o eu vivido.

Outrora fui quem hoje me amo,  
E não amava quem eu era.  
Sem voz, oculto, por mim chamo.  
Choveu na minha primavera.  
A noite, sem saber de mim,  
Com sua vaga brisa tece  
Meadas de destino e fim  
Em dedos em que a alma esquece.

Conheço o fundo ao gozo e à dor  
Sem ter da dor e gozo havido  
Mais que a sombra sem vulto ou cor,  
E dos passos o caso e o ruído  
Ó noite, ó luar, ó brisa incerta,  
Não me deis mais que eu nada ser.  
Só me fique a janela aberta  
Da vida, e a noite sem saber.

18-7-1921

Música suave,  
Tu não me dizes nada.  
Mas, se passa uma ave  
Perto à janela, alada  
Sombra enche a sala, e passa  
Assim por meu ser que sonha  
Uma sombra de graça.  
É súbita e risonha,  
E escuto sem pensar  
Teu murmúrio sem cor,  
E deixo de □

22

[18-7-1921]

Já que o tempo não pode permitir  
Que fiques sempre nesta linda idade,  
Deixe-te sempre nela te sentir  
Nem sentir nunca dela saudade.

23

[post 18-7-1921]

24 Não mais no fundo morto da hora,  
Parque, ermo ausente passarei  
Ao som de águas que a tarde chora  
Nem te verei...

25-7-1921

25 Cresce a planta, floresce.  
A flor, abrindo, cresce.  
Murcha a flor e eu, que vejo  
Crescer planta e flor, e esse  
Murchar também, desejo  
Saber qual é a prece,  
O suspiro, o ensejo  
A dar ao que entrevejo.

5-8-1921

26 Ah, quanta vez, na hora suave  
Em que me esqueço,  
Vejo passar um voo de ave  
E me entristeço!

Porque é ligeiro, leve, certo  
No ar de amavio?  
Porque vai sob o céu aberto  
Sem um desvio?

Porque ter asas simboliza  
A liberdade  
Que a vida nega e a alma precisa?  
Sei que me invade

Um horror de me ter que cobre  
Como uma cheia  
Meu coração, e entorna sobre  
Minh'alma alheia

Um desejo, não de ser ave,  
Mas de poder  
Achar aquele voo suave  
Ser o meu ser.

5-8-1921

Feliz dia para quem é  
O igual do dia,  
E no exterior azul que vê  
Simples confia!

27

O azul do céu faz pena a quem  
Não pode ter  
Na alma um azul do céu também  
Com que viver.

Ah, e se o verde com que estão  
Os montes quedos  
Pudesse haver no coração  
E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar  
Igual do dia  
Insciente e sem querer passar.  
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu  
Tão belos ser  
Quem de si sente que perdeu  
A alma pra os ter!

5-8-1921

30

### Insónia

Insónia. Ouço o gemido  
No ermo vento lá fora.  
É o único ruído  
Na horrível noite agora.

Só. E em confusa lida  
De negrume e tremer  
Enchem-me o medo à vida  
E o terror de a morrer. —

Ao mistério onde estou  
E ao que terei que achar  
Quando entre, mais que só,  
No fatal limiar.

Só posso a um horror  
Fugir, o outro encontrando.  
Só me cessa um terror  
Em o outro começando.

Em torno ao desespero  
Que não tem porta ou estrada,  
Em que nada em mim quero  
Nem posso sonhar nada,

O vento faz um ruído  
Que me deixa mais só,  
Medo exterior ouvido  
No ermo ser em que estou.

Ah, ao menos a loucura!  
A falsa insciência e infância!  
Tudo menos a agrura  
Desta consciência e ânsia,

Plaino sem horizonte  
Nem □ nem estrada,  
E sem ter para onde  
Olhar, sem ser um nada.

13-8-1921

Deste sufocado rente  
À alma, fim de um grito,  
Sinto caindo a mente  
Num abismo infinito.

31

Sinto por todo o tempo  
Que o tempo durará.  
Cairei pelo Tempo,  
A razão cairá.

E sinto tanto que hei  
De parar quando apenas  
Meu horror a hirta lei  
Que a Morte □

[post 13-8-1921]

32

Guia-me a só Razão.  
Não me deram mais guia.  
Alumia-me em vão?  
Só ela me alumia.

Dizem que é a Noite a flux  
Pequena de uma aurora.  
Luz que vem não é luz:  
Não me alumia agora.

Dizem que a Noite não  
É mais que Luz à mente.  
Porque é Noite então?  
Porque é que o olhar mente?

Porque hei de eu crer que ver  
É ser cego, se vejo,  
Se vejo que nascer  
É só por um desejo?

20-8-1921

33

Vento que passas  
Nos pinheirais,  
Quantas desgraças  
Lembram teus ais.

Quanta tristeza  
Sem o perdão  
De chorar, pesa  
No coração.

Minh'alma alada  
Sinto-te bem,  
Vento na estrada  
Poeirando além...

Gemes distante  
Desfolhas perto...  
Repassas errante  
Meu passado aberto.

E ó vento vago  
Das solidões  
Traze um afago  
Aos corações.

À dor que ignoras  
Presta os teus ais,  
Vento que choras  
Nos pinheirais.

21-8-1921

Flor só de uma cor, amor,  
Da cor da ilusão.

34

Busquei com afã, amor,  
Na vida real (sob o azul do céu)  
Flor como a quero em mim, amor  
(Era minha só. Era um amor meu).

[21-8-1921]

**Transeunte**

Ouço tocar um piano, e ao fundo  
Da música rir. Falto  
Ao sonho, olho; é nesse segundo  
Andar do prédio alto.

De vozes jovens tanta alegria!  
Falsa talvez? Sei-o eu?  
Que inveja daquele prazer me esfria!  
Vulgar? Mas não é meu.

Ali naquele segundo andar  
Talvez sejam felizes.  
Passo, e o meu sonho daquele lar  
É como um sonho de outros países.

21-8-1921

Nos meus desejos existe  
Longinquamente um país  
Onde ser feliz consiste  
Apenas em ser feliz.

Só palavras. Se estou triste  
Um pouco o olhar consiste  
Em dizê-lo assim, e, ao fundo,  
De um mar verde a alma insiste  
Em fingir de alma do mundo.

Sob um céu azul a espuma  
De um mar verde abre na areia  
E as barcas vem, uma a uma,  
Quando se levanta a bruma  
Brincar com a maré cheia.

Isto não é nada, nem  
Sentido ou presença tem  
No próprio sonhar que o sonha  
Mas dizendo-o sinto bem  
A alma e a speranza risonha.

21-8-1921

A parte do indolente é a abstrata vida.  
Quem não emprega o esforço em conseguir,  
Mas o deixa ficar, deixa dormir,  
O deixa sem futuro e sem guarida.

40

Que mais haurir pode da morta lida,  
Da sentida vaidade de seguir  
Um caminho, da inércia de sentir,  
Do extinto fogo e da visão perdida,

Senão a calma aquiescência em ter  
No sangue entregue, e pelo corpo todo  
A consciência de nada qu'rer nem ser,

A intervisão das cousas atingíveis,  
E o renunciá-las, como um lindo modo  
Das mãos que a palidez torna impassíveis.

30-9-1921

41

**Ironia em intenção  
a Cristóbal Colón**

Faz um a casa onde outro pôs a pedra.  
O galego Colón, de Pontevedra,  
Seguiu-nos para onde nós não fomos.  
Não vimos da nossa árvore esses pomos.

Um império ganha para Castela.  
Para si glória merecida — aquela  
De um grande longe aos mares conquistado;  
Mas não ganha o tê-lo começado.

Que Deus o mande pra onde quiser  
Prenda-o numa pedra que a terra tiver.  
No Império é que não fica!

E então Deus prende-o no extremo sonho  
Dum promontório.

Rasga-lhe as carnes eternamente  
Novas que sempre o açor presente  
Rasga de novo.

10-1-1922

42

Ó curva do horizonte, quem te passa,  
Passa da vista, não de ser ou star.  
Não chameis à alma, que da vida esvoaça,  
Morta. Dizei: Sumiu-se além no mar.

Ó mar, sê símbolo da vida toda —  
Incerto, o mesmo, e mais que o nosso ver!  
Finda a viagem da morte e a terra à roda,  
Voltem a alma e a nau a aparecer.

11-1-1922

Só duas cousas vale a pena ter —

43

Glória ou poder —

O ouro a sorte pode dar, o amor

Por sorte pode pertencer,

Ambos sem dar esforço ou □□ dor

Podemos receber.

Não a glória ou o mando. Mesmo o rei

Que nasceu pela lei

Senhor e forte, glorioso e alto

Como nasceu naquele

Estado não o sente grande, e só se é falto

Sente na dor a altura dele.

Quero ter o que posso merecer

E conseguir haver

Seja em vida ou em morte que o consiga.

2-2-1922

O louco sente-se imperador ou deus

44

e crê-se, crê com firmeza e

certeza absoluta.

Se é assim, com que inteira segurança

Posso eu crer no que creio,

Não mais certezas tenho

Que o louco.

2-2-1922

45

Adeus, Maria! Todos nós,  
De qualquer modo, stamos sós.  
Uns não sabem: são felizes  
Vivem a vida das raízes...

22-4-1922

45A

Adeus, Maria! Há um só momento  
Na vida, e morre sem razão.  
Ser feliz é um esquecimento  
E poder sê-lo uma ilusão.  
Adeus, Maria! O coração  
Não pode com o pensamento.

Amámo-nos... Seria amor?  
Sabe-se lá o que se sente!...  
É uma cousa meio dor  
Que parece alegria, e a gente  
Sente-se amando vagamente.  
No fundo há só um amargor.

Amar é querer ser feliz  
Com uma outra alma onde o achar.  
Há tanta cousa que se diz  
E não se pode realizar!  
Não sei se te fingi amar,  
Mas, se fingi, eu não o quis.

Nem sei se foi com alegria  
Ou dor que me esqueci de ti,  
Ou como é que te esqueceria  
Se não fosse que te esqueci.  
E é desde que te aborreci  
Que te recordo noite e dia.

Isto é subtil e complicado  
Nem talvez tenha uma razão.  
Creio que todos têm passado  
Pela mesma complicação.  
Em que é que pensa o coração?...  
E é isto amar e ser amado!...

Adeus, Maria! Ah, se eu pudesse  
Não te dizer adeus, e amar  
Fosse uma cousa que esquecesse  
Sem deixar de continuar!  
Ter o prazer de recordar  
Sem que o que lembra se perdesse!

Mas tudo é como não queremos.  
Temos que ser quem somos. Nem  
Vale a pena saber que havemos  
Razão contra nós-mesmos. Bem  
Faz quem despreza, ou quem se abstém!  
Adeus!... Sonhamos o que temos.

Canso. Ter que viver com estes todos!  
A pretensão a iguais a mim!... Sorrio  
Dos grandes ares e melhores modos...  
Aqui faz frio.

46

Ah, a plebe sem pretensões nenhuma!  
Farto... Que multidão em breve escala!  
Ligeiras amo só a brisa e espumas...  
Como isto se intercala

Entre minha emoção e o pensamento!  
Como não quero conviver vivendo!  
Que verdades são o mar e o vento!  
Hei de ver se me emendo...

A conversa diverge para o mesmo...  
Os artistas são damas de conversa.  
Distraio-me de ouvi-los e ouço a esmo  
Frases na hora adversa...

Oh Dante, Milton, almas com vigor,  
Tirai-me disto! Quero o génio ou o céu,  
Ser convincente artista! Que bolor  
No que não se esqueceu!

Tensão da alma para as deusas todas!  
Glória do além da vida! Sprança ativa...  
Ah! E erguer o véu àquelas modas,  
Estrelas em gente viva...

Antes, moça, duas fitas sem rebuço!  
Ah, mau gosto, que mal escolhes os teus!  
Obscuro, indiferente tusso,  
Como todos são réus!

Carcaça do porvir! Que há de ir saindo  
Deste acordar de requintados? Ri  
Da graça desse dito entressaído  
Do abade. (Nem o ouvi...

Só o tom da voz) Que vejo! Então Fernando,  
Você não nos diz nada? Mas que triste!  
Penso em ti, Shakespeare, e vou pensando:  
Mas pra quê que isto existe?

22-4-1922

É uma brisa leve 48  
Que o ar um momento teve  
E que passa sem ter  
Quási que tido ser.

Quem amo não existe.  
Vivo indeciso e triste.  
Quem quis ser já me esquece  
Quem sou não me conhece.

E em meio disto o aroma  
Que a brisa traz me assoma  
Um momento à consciência  
Como uma confiança.

18-5-1922 (a. m.)

Não tragas flores que eu soffro... 49  
Rosas, lírios, a vida...  
Ténue e insensível sopro  
O céu que se não duvida!

Não tragas flores, nem digas...  
Sempre há de haver cessar...  
Deixa tudo acabar...  
Cresceram só ortigas.

18-5-1922

Os deuses, não os reis, são os tiranos. 52  
É a lei do Fado a única que oprime.  
Pobre criança de maduros anos,  
Que pensas que há revolta que redime!

Enquanto pese, e sempre pesará,  
Sobre o homem a serva condição  
De súbdito do Fado □

27-5-1922

53

### Anteus

Adeus, adeus, a speranza sempre tarda  
E às vezes, quando vem, é já saudades.

27-5-1922

54

Lá fora a vida estua e tem dinheiro.  
Eu, aqui, nulo e afastado, fico  
O perpétuo estrangeiro  
Que nem de sonhar já sou rico.

Não sou ninguém, o meu trabalho é nada  
Neste enorme rolar da vida cheia,  
Vivo uma vida que nem é regrada  
Nem é destrambelhada e alheia.

E um século depois terá esquecido  
Tudo quanto estuou e foi ruído  
Nesta hora em que vivo. E os bisnetos

Dos opressores de hoje, desta hora lata  
Só saberão mas vagamente a data  
E claramente os meus sonetos.

2-9-1922

**Nada**

56

Ah, toca suavemente  
Como quem vai chorar  
Qualquer canção tecida  
De artifício e de luar...  
Nada que faça lembrar  
A vida.

Prelúdio de cortesias,  
Ou sorriso que fanou...  
Jardim longínquo e frio...  
E na alma de quem o achou  
Só o eco absurdo do voo  
Vazio.

8-11-1922, about 3 a. m.

**Começa hoje o ano**

58

Nada começa: tudo continua.  
Onde estamos, que vemos a passar?  
O dia muda, lento, no amplo ar;  
Múrmura, em sombras, flui a água nua.

Vêm de longe, □  
Só nisso vê-las teve começar.  
Em cadeias do tempo e do lugar,  
É abismo o começo e ausência.

Nenhum ano começa. É Eternidade!  
Agora, sempre, a mesma eterna Idade,  
Precipício de Deus sobre o momento,

Na curva do amplo céu o dia esfria,  
A água corre mais múrmura e sóbria  
E é tudo o mesmo: e verbo o pensamento.

[1-1-1923]

59

### Ano Novo

Ficção de que começa alguma cousa!  
Nada começa: tudo continua.  
Na fluida e incerta essência misteriosa  
De passar, flui em sombra a água nua.

Curvas do rio escondem só movimento.  
O mesmo rio flui onde se vê.  
Começar só começa em pensamento.

[1-1-1923]

60

Sonho. Não sei quem sou neste momento.  
Durmo sentindo-me. Na hora calma  
Meu pensamento esquece o pensamento,  
Minh'alma não tem alma.

Se existo, é um erro eu o saber. Se acordo  
Parece que erro. Sinto que não sei.  
Nada quero, nem tenho, nem recorde.  
Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões.  
Fantasmas me limitam e contêm.  
Dorme, insciente de alheios corações,  
Coração de ninguém!

6-1-1923

Nada sou, nada passo, nada sigo. 61  
Trago, por ilusão, meu ser comigo.  
Não compreendo compreender, nem sei  
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.

Fora disto, que é nada, sob o azul  
Do lato céu um vento vão do sul  
Acorda-me e estremece no verdor.  
Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.  
Sonhar é nada, e não saber é vão.  
Dorme na sombra, incerto coração.

6-1-1923

Hoje neste ócio incerto 62  
Sem prazer, nem razão,  
Como a um túmulo aberto  
Fecho meu coração.

Na inútil consciência  
De ser inútil tudo,  
Fecho-o contra a violência  
Do mundo duro e surdo.

Mas que mal sofre um morto?  
Contra que defendê-lo?  
Fecho-o, em fechá-lo absorto,  
E sem querer sabê-lo.

9-2-1923

63  
Depois de me ver ao espelho,  
Sem mais, devolvo o retrato.  
Sou tão feio e estou tão velho  
Que era mais que um desacato  
Não devolver o retrato  
Ou só com a condição...  
Dê-me, em troca, só perdão.

24-3-1923

64  
Aqui, neste sossego e apartamento,  
Nesta quieta solidão sem fim,  
Sem cuidado ou tormento  
Que ocupe este momento,  
Da vida e mundo volto-me pra mim.

Tão breve sombra do que pude ser  
Me encontro, tão perdida semelhança  
Com minha vida por acontecer,  
Tão noturna lembrança  
Do dia e do viver,

Que se perturba a solidão, e eu moro  
Entre homens novamente  
E novamente choro  
O que fui de outros, e que rememoro,  
E, memorando-o, é mais insubstancial.

Ténue, vazio, inútil, imperfeito.

15-5-1923

Ah, como o sono é a verdade, e a única  
Hora suave é a de adormecer!  
Amor ideal, tens chagas sob a túnica.  
Sperança, és a ilusão a apodrecer.

65

Os deuses vão-se como forasteiros,  
Como uma feira acaba a tradição,  
Somos todos palhaços estrangeiros  
A nossa vida é palco e confusão.

Ah dormir tudo! Pôr um sono à roda  
Do esforço inútil e da sorte incerta!  
Que a morte virtual da vida toda  
Seja, sons, a janela que, entreaberta,

Só um crepúsculo do mundo deixe  
Chegar à sonolência que se sente;  
E a alma se desfaça como um feixe  
Atado pelos dedos de um demente...

18-5-1923

I

Sem dor que seja dolorosa, ou medo  
Que seja mais do que um receio,  
Dói no meu coração, como em segredo,  
Indefinido anseio.

66

Humilha como se eu fora humilhado,  
Pesa, seja o que for,  
Nem, como a grande dor, contém o agrado  
De ser a grande dor.

É uma cousa mesquinha e insubsistente,  
Constituída por desolações.  
De quê? Não fora desoladamente  
Tantas indecisões

Se eu soubera que fim ou que miragem,  
Que entrevisível sonho  
Põe a dor de eu não tê-lo na passagem  
Deste amplo ócio tristonho.

28-8-1923

## II

Não são os reis e os povos rebelados  
De quem nasce a injustiça que é maior.  
Dos deuses e dos imutáveis fados  
Deriva inevitável a mor dor.

Não te rebeles, quer te não consoles,  
Quer esqueças, que é inútil pranto ou riso.

## III

Sim, se deus fora um, e fora justo  
E, sendo justo, todo-poderoso,  
Com justa raiva e doloroso susto  
Erguêreis vosso brado,  
Gritáreis vosso pasmo ao Céu piedoso  
No que vos fez a dor já duvidoso,  
Na injusta morte injusto revelado.

Mas, não havendo mais que na mentira  
Esse deus só, onnipotente e bom,  
Sendo nós, plebe anónima, sob a ira  
Ou o capricho de forças mais que fortes

Que jogam jogos ou que fazem obras  
Sinal de bem e mal, gozos e mortes,  
Não há que ter mais que resignação,  
Sem nada na mão  
De que tudo e nada é como nós.

IV

Mãe dolorosa, os deuses que vos são?  
Que importa um ente anónimo na vida  
Às forças contra quem lutou em vão  
A prometeia ânsia, e o furor morto  
De Orfeu, chorando, atónito e absorto,  
Eurídice perdida?

V

Vários são, vários agem, vários querem  
Os que, nossos iguais salvo em poder,  
Não precisam de ter, para que imperem,  
Ou justiça, ou bondade, ou harmonia...  
Mas só a força e a posse de querer,  
E a imperiosa e incerta fantasia.

VI

Puseste a crença num Deus justo e bom.  
Foi esse Deus que te matou teu filho?

VII

Chorais em vão, no aspérrimo desterro  
Em que ficais; e, amaldiçoando os céus,  
Inútil voz ergueis, que o vosso erro  
Não é a vossa dor, é o vosso Deus.

Não houvessem à vossa juventude  
Falado num Deus justo e omnipotente;  
Houvesse a infância vossa recebido

Testimunho sombrio, certo e rude  
Dos veros deuses, caprichosa gente,  
Que sem cura de mal ou bem, iguais  
A nós na incerteza e na inconstância,  
O justo e injusto sem fiel sentido  
Derramam pela terra, pouco mais  
Que nós salvo em ter força e não ter ânsia...

Ah, quem vos disse que ao injusto e ao justo  
Há quem destine um fado diferente?  
Que mentirosa língua vos falou  
Que devemos sperar do fado augusto  
O bem por bem e o mal por mal? Que gente  
Vos mentiu de um Deus só?

Decerto não houvéreis esperado  
Prémio ou justiça dos supremos reis  
Nem contra o céu erguéreis o vão brado  
De quem sofre a □

28-8 a 3-9-1923

## Loucura 1

Análogo começo,  
Uníssonos me peço,  
Gaia ciência o assomo —  
Falha no último tomo.

Onde prolixo ameaço  
Paralelo transpasso,  
O entreaberto haver  
Diagonal a ser.

E interlúdio vernal,  
Conquista do fatal,  
Onde, veludo, afaga  
A última que alaga.

Timbre do vespertino,  
Ali, carícia, o hino  
Otonou entre preces  
Antes que, água, comeces.

24-9-1923

## Loucura 2

68

Para no ambíguo destinar-se  
Entre longínquos precipícios  
A ânsia de dar-se preste' a dar-se  
Na sombra maga entre suplícios,

Roda dolente do parar-se  
Para, velados sacrifícios,  
Não ter terraços sobre errar-se  
Nem ilusões com interstícios.

Tudo velado, e o ócio a ter-se  
De leque em leque, a aragem fina  
Com consciência de perder-se,

Tamanha a flava e pequenina  
Pensar na mágoa japonesa  
Que ilude as sirtes da Certeza.

24-9-1923

**Loucura 3**

Dói viver, nada sou que valha ser.  
Tardo-me porque penso e tudo rui.  
Tento saber, porque tentar é ser.  
Longe de isto ser tudo, tudo flui.

Mágoa que, indiferente, faz viver.  
Névoa que, diferente, em tudo influi.  
O exílio nada do que foi sequer  
Ilude, fixa, dá, faz ou possui.

Assim, noturno a árias indecisas,  
O prelúdio perdido traz à mente  
O que das ilhas mortas foi só brisas,

E o que a memória análoga dedica  
Ao sonho, e onde, lua na corrente,  
Não passa o sonho e a água inútil fica.

24-9-1923

Sou o mendigo que não pede.  
Quem fui morreu sem mais que o sonho.  
Tudo o que quis meu ser impede.  
Quem sou em saber o componho.

À sombra só sombra se sucede  
No dia □ e tristonho.

24-9-1923

Doura o dia. Silente, o vento dura. 71  
Verde as árvores, mole a terra escura,  
Onde flores, vazia a álea e os bancos.  
No pinhal erva cresce nos barrancos.  
Nuvens vagas no pérfido horizonte.  
O moinho longínquo no ermo monte.  
E a alma, que contempla tudo isto,  
Nada conhece, e tudo reconhece.  
Nestas sombras de me sentir existo,  
E é falsa a teia que tecer me tece.

24-9-1923

Zumbe a abelha, mundana semelhança 72  
Do amparo do irreal, e, sem mudança,  
Conseguindo o destino ser vazio.  
Onde outro noutro se imaginava oculto.

[24-9-1923]

Oiço passar o vento na noite. 73  
Sente-se no ar, e alto, o açoite  
De não sei quem em não sei quê.  
Tudo se ouve, nada se vê.

Ah, tudo é símbolo e analogia.  
O vento que passa, esta noite fria,  
São outra cousa que a noite e o vento —  
Sombras de Ser e de Pensamento.

Tudo nos narra o que nos não diz  
Não sei que drama a pensar desfiz  
Que a noite e o vento narrando são.  
Ouvi. Pensando-o, ouvi-o em vão.

Tudo é unísono e semelhante.  
O vento cessa e, noite adiante,  
Começa o dia e ignorado existo.  
Mas o que foi não é nada disto.

24-9-1923

74

O meu vizinho serralheiro  
Sabe salvar a humanidade.  
É simples — fica o mundo inteiro  
Composto de uma só metade.

Cessa o burguês, o cheio abdica  
Da sua submissão latente...  
E este mundo inteiro fica  
Composto da metade ausente.

Se não é isto que o vizinho  
Tem por melhor do futuro.  
Prisões, que expliquei sozinho.  
O que ele quer é mais obscuro.

Composta assim de vãos homens  
A humanidade, enfim feliz,  
□ e de sofrer.  
É o serralheiro que o diz...

Ó pagã felicidade!  
Ó cantigas de um porvir fagueiro!  
Ah Minerva, por que amabilidade,  
Ah Deus, por que infelicidade  
Não me fizeste serralheiro?

26-9-1923

Quais milagres de Lourdes, meu amigo! 75  
Milagres de Rússia.  
Curar paralisias!

Curar egoísmos, isso é que é milagre.  
Ah Lourdes, Lourdes, quantas Lourdes há!

[26-9-1923]

É noite e os pensamentos que eu não quero 76  
Visitam-me o princípio de sonhar.  
A loucura que aguardo e que não espero  
Começa no meu cérebro a falar.

Mistura-se-me tudo na consciência  
E eu sinto que por baixo existo eu.  
Quero mexer mãos de incoexistência  
E afastar do meu corpo aquele véu.

Mas as imagens como acontecimentos  
Percorrem-me como se eu fosse um largo.  
Coexistem impossíveis pensamentos  
No meu cérebro vão que □.

E na noite em que quero dormir passa  
Tudo menos o sono em seu desterro,  
Como um riso na casa da desgraça  
Ou um palhaço num séquito de enterro.

9-10-1923

**Eu**

Sou louco, e tenho por memória  
Uma longínqua e infiel lembrança  
De qualquer dita transitória  
Que sonhei ter quando criança.

Depois, maligna trajetória  
Do meu destino sem esperança,  
Perdi, na névoa ou noite inglória,  
O sonho e o arco da aliança.

Só guardo como um anel pobre  
Que o tê-lo herdado só faz rico  
Um fim perdido que me cobre

Como um céu dossel de mendigo,  
Na curva inútil em que fico  
Da estrada certa que não sigo.

9-10-1923

**Morte do Príncipe**

Que tendes?  
Sono, sono, muito sono,  
Um sono metafísico que envolve  
A soma do universo. Quero extinto o fulgor das estrelas,  
e a noite toda, que estão separadas de mim por eu star  
separado delas.

Quero fechar os olhos e dormir  
Para além do que é sono, não ter alma,  
Não haver universo e só dormir.

22-10-1923

«Divide e reina»: a antiga monarquia 79  
Seu lema imperial assim decide.  
É o contrário da democracia:  
Como são muitos, é «reina... e divide.»

20-12-1923

Ver as cousas até ao fundo... 80  
E se as cousas não tiverem fundo?

Ah, que bela a superfície!  
Talvez a superfície seja a essência  
E o mais que a superfície seja é mais que tudo  
E o mais que tudo não é nada.

Ó face do mundo, só tu, de todas as faces,  
És a própria alma que reflectes.

[1923]

### Enigma

81

No fundo de tudo quanto pensamos  
Há a caverna do que nós somos.  
Sonhos lhe boiam na sombra aberta.  
Velam-lhe em teia a entrada ramos.  
Ramos aquém com três estrelas-pomos.  
A árvore deles é aqui e incerta.

Por trás das costas do visto mundo  
Por trás de nós se sonhamos ver,  
Fuga de um onde ladeando estar,  
Ramos sem rede cruzando o fundo

Do pensamento e caverna-ser  
Com sonhos boiando no cavernar.

Quadro-boiado do fundo da alma,  
Com pomos luzindo na árvore-parte,  
Com o segredo por trás de alguém...  
Brilha um instante uma luz sem calma  
Como um relâmpago de standarte,  
E em tudo isto não há ninguém.

11-2-1924

82

Lua do desconhecimento,  
Revela o que nunca será...  
Planície só planície e vento,  
Lago só lago, quem dirá

Quanto pensamos sem sabermos,  
Quanto sabemos sem ser nós?  
Luar de nos desconhecermos,  
Que enigma, que intuito sem voz

Estagna entre alturas sonhadas,  
Lacustre?, e antes do haver ser,  
Passava como futuras manadas  
Sobre não poder-se conhecer?

Desespero do luar eterno,  
Maligna stirpe da □□ fria,  
Que surge com mentiras de inferno  
A esfinge ao fim da fantasia.

[11-2-1924]

**Horae Subcessivae**

83

Morto? Não sei que pensamento  
Te ponha ao lado de morreres;  
Ó companheiro que um momento  
Roubas a mim, roubas a seres...

As longas noites rememoro  
De vã conversa e ocioso estudo,  
E dentro em mim, abstrato, choro  
A sorte temporal de tudo.

Com que maligna insubsistência  
Tudo não é, e tudo flui!  
Ó privilégio da demência...  
□ eternos que construí!

Pudesse eu conceber sem morte  
Cada intangível impressão,  
Oco triunfador da Sorte,  
Brandindo um cetro de ilusão,

Entrara ao menos no futuro  
Sem mais mistério que ser eu,  
Vivendo sempre em sonho obscuro,  
O sonho obscuro que morreu.

1-3-1924

Dorme, sonhando! Sparsa luz te alumbre,  
Fatal, que a noite nebulosa submete.  
A longínqua razão, céu a interprete  
Diverso se constele e te deslumbre.

84

Arfar do peito que o sorriso adumbre,  
Cabelo leve sobre a face. Vê-te  
Um olhar que te sonha, e a que compete  
A transfiguração, e o que translumbre.

Dorme! Na alcova exclusiva do universo  
Quanto erro-sombra é toda a tua vida,  
Ao luar da luz inteiro imerso  
Por fora do teu sono na descida  
Da impressão! E a ver-te? E o fim disperso  
Da flor do lótus amarelecida?

1-4-1924

86

Eu olho com saudade esse futuro  
Em que serei mais novo que depois,  
E essa saudade, com que me sinto dois,  
Cerca-me como um mar ou como um muro.

Não descreio, nem creio; mas ignoro.  
Stou posto onde se cruzam as estradas,  
Multiplicando definidos nadas,  
E no meio do jogo amuo e choro.

O presságio roeu os meus prenúncios.  
Velei a esfinge com serapilheiras.  
E os jardins dispostos em quincúncios

Dão sobre esteiras de mar morto e vago,  
E um vapor de corda, sem bandeiras,  
Para no tanque, que nos finge um lago.

28-5-1924

Dormir! Não ter desejos nem speranças  
Flutua branca a única nuvem lenta  
E na azul quiescência sonolenta  
A deusa do não-ser tece alva as tranças.

87

Maligno sopro de árdua quietude  
Percorre a fronte e os olhos aquecidos,  
E uma floresta-sonho de ruídos  
Ensombra os velhos mortos de virtude.

Ah, não ser nada conscientemente!  
Prazer ou dor? Torpor o traz e alonga,  
E a sombra conivente se prolonga  
Na vida interior, que à vida mente.

Desconheço-me. Embrenho-me, futuro,  
Nas veredas sombrias do que sonho.  
E no ócio em que diverso me suponho,  
Vejo-me errante, demorado e obscuro.

Minha vida fecha-se como um leque.  
Meu pensamento seca como um vago  
Ribeiro no verão. Regresso, e trago  
Nas mãos flores que a vida prontas seque.

Inconsequência da vontade absorta  
Em nada querer... Prolixo afastamento  
Do escrúpulo e da vida do momento...

21-8-1924

88 Trémula chama,  
Subjeita ao vento,  
Sombras derrama  
E um pensamento  
Noturno acama.

[29-8-1924]

89 Súbita ária leve  
Do fundo do arvoredo  
Diz-me não sei que breve  
E ansiado segredo.

Que amor se não perdera  
Se o amor cantara assim!  
Feliz aquele que era  
Quem nunca fui em mim...

Sonho que em si se acoite  
Aquele canto em flor.  
Começa na alma noite  
E cessa na minha dor.

[*post* 29-8-1924]

90 Ah quanta melancolia!  
Quanta, quanta solidão!  
Aquele alma, que vazia,  
Que sinto inútil e fria  
Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!  
Que mágoa que sabe a fim!  
Se a nau foi abandonada,  
E o cego caiu na estrada...  
Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,  
Nenhum momento de meu...  
Onde for que a alma emprego...  
Na estrada morreu o cego  
.....  
A nau desapareceu.

3-9-1924

*Audita Caecant*

91

Dormimos o universo; a extensa mole  
Da confusão das cousas nos engana,  
Sonhos; e a ébria confluência humana  
Prolixa ecoa-se de prole em prole.

O ouvido atento, que se às portas cole  
Onde suspeita deuses, só se ufana  
Da pulsação do sangue em si, que irmana  
Seu som com passos que a distância estiole.

Cegos que um louco guia, atravessamos  
A inútil extensão do que não vemos  
Barulhando ervas húmidas e ramos;

Em nossa mão a mão do louco temos      antes: louco  
E qualquer coisa dada desejamos  
Que pela mão funesta recebemos.

25 e 26-9-1924

92

Maravilhosa paz  
Da lua no céu denso!  
Cismo, esqueço que penso.

Que afago me desfaz?  
Que mole esquecimento  
Me disfarça um momento?

Alguma brisa o traz?  
No meu longo serão  
Nada em meu coração.

9-11-1924

93

Sim, poderia ser...  
Mas era preciso ver...  
Eu preciso ver...

Poderei? Talvez...  
Tu és aquela que és...  
Eu sou isso por quem vês.

[9-11-1924]

94

Pia, pia, pia  
O mocho  
Que pertencia  
A um coxo...

Zangou-se o coxo  
Um dia.  
Meteu o mocho  
Na pia, pia, pia.

[9-11-1924]

## Canções da Criança Adulta

95

### I

Ó borboleta de algumas cores  
Quem me dera ir para onde fores,  
Talvez a vida seja melhor  
Fora da vida, seja onde for.  
Aqui a vida tem sempre gente  
E há muita cousa que se sente  
Por não ser sempre inteligente.  
Ó borboleta, quem dera ter  
As tuas asas para viver;  
Que inda que o fim seja morrer,  
Que mais fé tem quem sabe ler?

### II

Tanta gente a pensar, tanta gente a fazer  
E a vida surge a correr  
Num sentido que não tem nada com isso...  
E isso tem alegria?  
Ó vida, deixa-me viver!...

Tanta gente a ser diferente  
E tudo a mesma gente!  
Tanta gente fora de aqui  
Mas toda ela indo estar ali.  
Tanta gente a pensar, tanta gente a sentir,  
E afinal só o que acontece  
É que se pode conseguir.

### III

Casas com gente, e gente na rua,  
E a gente, despida, ficava nua.  
Buscam alguns um brinquedo só  
Os outros buscam para fazer dó

Com vidas e causas que vão vingando  
E toda a gente vive enganando.  
Se toda a gente dissesse a verdade  
A vida da gente era só metade.  
Por isso é preciso buscar seu riso,  
Quer com brinquedos, quer com a vida,  
E fazer de conta que há cristo  
E puxar à linha a máquina partida.

IV

Boneca, quem sabe se és alguém?  
A gente toda que a vida tem  
Amar-se mais que a boneca, sim,  
Mas está tudo fora de mim,  
Como a boneca que é só assim.  
Quem sabe o que é ser boneco, hem?  
Quem sabe se todos somos assim?

24-11-1924

V

A Teca faz anos  
Hoje,  
Nuvem dos desenganos  
Faz.  
Só os sorrisos tiranos  
Do bebé ainda sem manos  
Dizem  
A Teca faz anos  
Hoje.  
  
E a cegonha do Egipto  
Que escreve ipto,  
A cegonha do Egisto

Que escreve isto,  
Dá à Teca os parabéns  
Tambéns.

E cantando estou eu a  
Guardando quando dá  
Os parabéns, escrebe is-  
To para bem Dá.  
Ibis.

[24-11-1924]

Converso às vezes comigo  
E esse diálogo a sós  
Com o impossível amigo  
Que sonha cada um de nós,

96

Vai de clareira em abrigo  
Ouvido, visto, veloz  
Nas expressões que consigo  
Das sombras a que dá voz.

E a perfeita consonância  
De quem fala com quem ouve  
Aquece a lume de infância  
A casa em que ainda chove,  
E eu durmo a alada distância  
Da conversa que não houve.

25-11-1924

Marinheiro-monge  
Deste mar profundo,  
Rema-me pra longe  
De eu sentir o mundo!

Rema, e de teus braços  
O angular potente  
Que impele o barco apague os traços  
Do meu sentir doente!

Chia a spuma e alveja,  
Spuma é o mundo certo.  
Como a água contra nós fresqueja  
Spelheando tão perto!

Marinheiro-monge  
Deste mar d'além,  
Leva-me pra longe  
De se piorar um bem!

Como pesa a vida  
Se ela nos não for  
Mais indefinida  
Do que o peso e a dor!

Rema, e olha-me mudo,  
Vendo sem visão  
Quero sentir tudo  
Sem ter coração!

Marinheiro-monge  
Deste mar sem fim,  
Rema pra longe  
Do que sou pra mim!

27-11-1924

No extremo céu azul verde  
Onde ainda não esclareceu,  
De atra nuvem sob o véu  
Nítida strela se perde.  
Assim meu ser se perdeu.

99

Perdeu-se a strela pra mim  
Ficando ainda no céu  
Por trás do postiço véu.  
Pra mim me perdi assim,  
Mas, ai, meu ser era eu!

28-11-1924

Aquele breve sorriso  
Que a tristeza entendeu,  
No ar já tão impreciso  
Que já nascendo morreu.  
De que veio esse sorriso?  
Porque é que ele foi meu?

100

Não me lembra que lembrança  
Por acaso o alumiou,  
Ou se foi fé ou speranza  
Que nele me clareou.  
Fui um momento a criança  
Que morri e não voltou.

Ah, fugidia doçura  
Do que nem se descobriu,  
Nuvem negra de amargura  
Que a lua cobre, e a cobriu.  
Fica lembrança e ternura  
Do que não se possuiu.

Perante a vaga doçura  
Do que nesse mundo fulgiu,  
Na memória ao menos dura,  
Sorriso de quem sorriu.

28-11-1924

101

A terra, que a noite fecha,  
O sol a abriu e aqueceu.  
Coração que se não queixa,  
É coração que morreu.  
Porque o sol volta ao que deixa  
E a ninguém o que perdeu.

À haste tornam as flores,  
E são todas como iguais,  
Mas não há iguais amores.  
A nós não tornamos mais.  
Somos nós, nós, os verdores  
(E só vós, hastes, ficais).

O sol vem todos os dias,  
Vê a terra que deixou.  
Ah, mas estas alegrias  
Não são as que alumiou.  
Cobre a terra só vidas frias  
A que ele crê que voltou.

Tudo aquilo que não somos  
Para nós é sempre igual.  
Colhemos os mesmos pomos.

[post 28-11-1924]

Inúteis correm os meus dias lentos.  
Pecam cansaço minhas horas mortas.  
Fechadas, por abrir, todas as portas;  
Corredores desertos os momentos...

102

Fictícia dor dos tédios sonolentos,  
Tornada real desde que a ela exortas,  
Vida perdida — ideias vãs absortas  
No trivial profundo dos concorrentes.

A página difusa em dialética  
Tornou vazia a convicção da vida  
A memória doente urra de eclética.

O sonho se confunde com a imagem  
E o pensamento, sei eu, na descida,  
Vê começar a impossível viagem.

13-12-1924

Sonhos, sistemas, mitos, ideais...  
Fito a água insistente contra o cais.  
E como flocos de um papel rasgado  
A ela os lanço, como a um justo fado.  
Com olhos sigo-os em que não há mais  
Que um vão desassossego resignado.

103

Eles a mim como consolarão,  
A mim, que de inquieto já nem choro,  
Que na erma mente e no ermo coração,  
Sombras, só sombras, sombras rememoro.  
A mim, em tudo, sempre, em vão  
Cansado até dos deuses que não são?

20-12-1924

104                    Como a folha em móveis águas,  
De onda em onda, em confusão,  
Rola de mágoas em mágoas  
Meu inerte coração.

Mas nem as águas o arrastam  
Por vontade de arrastar;  
Por um destino se afastam  
Alheio ao seu afastar.

Assim as mágoas que apertam  
Meu coração, é sem qu'rer

□

25-12-1924

105                    E o rei disse, «Memora estes meus lemas:  
Tem fé, não sonho. O sonho é um abrigo  
Que não um scudo. Nem receoso, temas,  
Que o medo é a mor parte do perigo.  
Pesam em ti as, que aceitaste, algemas,  
Mais que as impostas. Não há qu'rer antigo.  
Ousa, vendo. Abdica antes que abduques,  
Sabe ficar, se força é que fiques.»

23-1-1925

106                    A luz do sol afaga o imenso dia.  
Um sopro brando, quási não de inverno,  
Sobriamente os campos inebria.  
Ah, mas o que há de eterno?  
Em que é que a alma sem sonhar confia?

Meu coração nada recebe da hora  
Salvo o vácuo de nada receber.  
Como criança abandonada, chora,  
    Que não sabe o que qu'rer,  
Nem por onde ir, nem porque se demora.

E alheio a isto, que sou eu, que brando  
O sol de inverno lembra a primavera!  
Que afago busca o que em mim stá sonhando?  
    Que spera quem não spera?  
Que fica a quem só sabe estar passando?

23-1-1925

Sinto-me forte contra a vida inteira  
    Neste momento.  
A mim mesmo tomei a dianteira.  
Sinto que não há em nada noite ou vento  
Que estorve minha vida aventureira.

107

Mas já, ao senti-lo, sei que não o sinto  
    Com o querer,  
Mas com o sonho com que me amplo minto.  
Sei já que não o quererei perder.  
De um falso fogo cinzas me pressinto.

Sarça que não aquece nem dá luz,  
    Fogo fátuo de mim,  
Para que vens pôr no meu ser a flux  
Um tumulto de qu'rer sem ser nem fim?  
Ó árvore crescendo para cruz,  
    Porque florir no meu jardim?

[23-1-1925]

108

O merecer e o receber não têm  
Comum medida. Uma é a lei que ditamos,  
Outra a que os deuses deram. Merecemos  
De um lado e do outro recebemos, nem  
Um lado é mais que o outro lado do outro.  
Ignotas causas geram ignorados  
Efeitos conhecidos. Entrevemos,  
E a parte que do todo ao olhar nos cabe  
Não reproduz o todo em menos, é  
Parte diversa dele. No que vemos  
Nada vemos do todo, e só o que vemos.

28-2-1925

109

I

Em torno a mim os mortos esquecidos  
Volveram todos. Eu em sonho os vi.  
Se os amei, como foi que os esqueci?  
Se os esqueci, como foram queridos?

Rápida vida, como os fizeste idos!  
Com que fria memória os lembro aqui!  
Já desleixo chorar o que perdi,  
Lembro-os longe da sombra dos sentidos.

Quando os perdi, pensei: Cada momento  
Me lembrará sua presença morta,  
Eterna em meu constante pensamento.

Mas lentamente a vida fecha a porta.  
Fechada toda, o olhar stá desatento.  
Para longe de Deus quem me transporta?

II

Quantos nos deram seu fiel amor  
A quem não damos uma fiel memória!  
Amaram-nos. Parecem uma história.  
O invisível já não tem calor.

De vez em quando lembram, e uma dor  
Esforça-se por não ser transitória.  
Mas vem uma conversa, e foi-se a glória  
De sentir ter quebrado este torpor.

Deus vos faça ou inscientes ou piedosos,  
Ó mortos que julgamos que lembramos  
E que entre nossas distrações e gozos

Inconscientemente abandonamos.  
Mas foi sobre vós que os rumorosos  
Ciprestes, deslembados, derramamos.

III

Múrmura voz das árvores mexidas  
Por um noturno, vago, leve vento,  
Casa-te com meu triste sentimento  
Que paira sobre as campas esquecidas!

De quantas almas, no silêncio idas,  
Não há neste momento um pensamento!  
Que Deus as guarde do conhecimento  
De como estão longínquas e perdidas!

Ah, quão inteiramente eram mortais!  
Não fazem falta à vida leve e forte.  
Sem eles, os que amavam são iguais.

Quem vai tem em quem fica a pior sorte.  
Nós é que aos mortos enterramos mais!  
É em nosso coração que vive a Morte!

IV

Emerjo, vago, dum dormir profundo  
E, mal desperto para mim e o dia,  
Um sonho de conversa me inebria  
Com um amigo, □

Acordo mais... É um morto que confundo  
Com quem inda ontem, que é há um dia, eu via.  
Hoje que longe até da fantasia!  
Que mundo é este, que é o mesmo mundo?

Que porta se fechou num só momento  
E entre a realidade e o pensamento  
Pôs um abismo-ausência que me ensombra?

O que é que falta ao que conheço e faço?  
Em que sombras me envolvo e me embaraço?  
E eu mesmo, eu mesmo, quanto sou de sombra?

11-4-1925

110

Oiço dizer a verdade  
E sorriso indiferente...  
A verdade!

6-5-1925

**Canção partindo-se**

111

Pousa de leve,  
Inda que um breve  
Momento, a tua mão de neve  
Sobre onde sinto o coração.  
Ainda é cedo...  
Guarda o segredo  
E pousa leve, como a medo,  
Sobre minha alma a tua mão.  
Como é que na alma  
Pousa uma palma  
De mão e como é que lhe acalma  
A vaga dor que não tem fim?  
Não sei sabê-lo.  
No meu cabelo,  
Ao menos, pousa, como a vê-lo,  
Tua mão calma, de marfim.  
Que é a vida? Nada.  
A sorte? Estrada  
Que leva só a alma enganada  
Por onde vai e onde não quer..  
E a alma? Um sono?  
Ser? O abandono  
De ser, e as folhas que no outono  
O ouvido sente anoitecer..

13-5-1925

112

Mas eu, que em toda a parte  
Sou peregrino e estranho,  
Que por nenhuma arte  
Felicidade tenho,

Ouçó-te sem saber  
Se me alivia ou não  
Teu canto a estremecer  
Dentro em meu coração.

Sinto mais a alegria  
Do teu canto, ou a dor  
Que esse canto alumia  
Mostrando-ma melhor?

Não sei, e uma incerteza  
De desconsolação □

19-5-1925

115

Estio. Uma brisa ardida  
Passa no ar abrasado.  
Não stou cansado da vida:  
De mim é que stou cansado.

E como na tarde sumida  
O sol baço luz sem rir,  
Tenho que sorrir à vida  
Sem ter vida a que sorrir.

15-6-1925

O dia longo tem fim 116  
O sol, vermelho, morreu.  
Sofro. E o que entristece em mim  
    É mais que eu.

É a imensa natureza  
Que em mim mesmo se entristece.  
De um Deus parece a tristeza  
Com que minha alma falece.

Não, não há própria amargura  
    Agora em meu coração  
Nem há eu nisto — só escura  
    E estulta desolação.

16-6-1925

Como a névoa que o realço 117  
    Tira às cousas de verão  
Há um repouso triste e falso  
    Dentro do meu coração.

Alegria que parece  
    Uma tristeza, torpor  
De quem nada lembra ou esquece  
    Nem sabe ter gozo ou dor.

Stagna-me a alma sem nada,  
    Tudo é um vácuo e um fim,  
Não há stradas na encruzilhada  
    Nem ninguém dentro de mim.

16-6-1925

I

Que triste, à noite, no passar do vento,  
O transvasar da imensa solidão  
Para dentro do nosso coração,  
Por sobre todo o nosso pensamento.

No sossego sem paz se ergue o lamento  
Como da universal desilusão,  
E o mistério, e o abismo e a morte são  
Sentinelas do nosso isolamento.

Stamos sós com a treva e a voz do nada.  
Tudo quanto perdemos mais perdemos.  
De nós aos que se foram não há strada.

O vácuo incarna em nós, na vida; e os céus  
São uma dúvida certa que vivemos.  
Tudo é abismo e noite. Morreu Deus.

II

Stou só. A atra distância, que infinita  
A alma separa de outra, se alargou.  
Em mim, porém, meu ser se unificou.  
Sou um universo morto que medita.

Se estendo a mão na solidão aflita,  
Nada há entre ela e aquilo que tocou.  
Satélite de um mundo que findou,  
Rodeio o abismo, strela erma e maldita.

Não há porta no cárcere sem fim  
Em que me vivo preso. Nunca houve  
Porta neste meu ser que finda em mim.

Vivo até na consciência a solidão.  
Na erma noite agora o vento chove  
E um novo nada enche-me o coração...

III

Evoco em vão lembranças comovidas.  
Quadros, afetos muitos e ilusões  
São pó — pó frio, cinza sem visões,  
E são vidas ou cousas já vividas.

Quê? Até do passado sinto vivas  
As cousas que fui eu. Que solidões  
Me sinto! □

E, sem orgulho de ser todo o Inferno  
E vivo em mim a angústia insuperável  
Do ermo que se sente vácuo e eterno.

22-7-1925

**Glosas**

119

I

Toda a obra é vã, e vã a obra toda.  
O vento vão, que as folhas vãs enroda,  
Figura o nosso esforço e o nosso estado.  
O dado e o feito, ambos os dá o Fado.

Sereno, acima de ti mesmo, fita  
A possibilidade erma e infinita  
De onde o real emerge inutilmente,  
E cala, e só para pensares sente.

II

Nem o bem nem o mal define o mundo.  
Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo  
Suposto, o Fado que chamamos Deus  
Rege nem bem nem mal a terra e os céus.

Rimos e choramos através da vida.  
Uma coisa é uma cara contraída  
E a outra uma água com um leve sal.  
E o Fado fada alheio ao bem e ao mal.

III

Doze signos do céu o Sol percorre,  
E, renovando o curso, nasce e morre  
Nos horizontes do que contemplamos.  
Tudo em nós é o ponto de onde estamos.

Ficções de nossa mesma consciência  
Jazemos o instinto e a ciência.  
E o sol parado nem percorreu  
Os doze signos que não há no céu.

14-8-1925

Não, nem no sonho a perfeição sonhada  
Existe, pois que é sonho. Ó Natureza,  
Tão monotonamente renovada,  
Que cura dás a esta tristeza?  
O esquecimento temporário, a estrada  
Por engano tomada,  
O meditar na ponte e na incerteza...

Inúteis dias que consumo lentos  
No esforço de pensar na ação,  
Sozinho com meus frios pensamentos  
Nem com uma speranza mão em mão.  
É talvez nobre ao coração  
Este vazio ser que anseia o mundo,  
Este prolixo ser que anseia em vão,  
Exânime e profundo.

Tanta grandeza que em si mesma é morta!  
Tanta nobreza inútil de ânsia e dor!  
Nem se ergue a mão para a fechada porta,  
Nem o submisso olhar para o amor!

20-8-1925

### O Contra-símbolo

123

Uma só luz sombreia o cais.  
Há um som de barco que vai indo.  
Adeus! Não nos veremos mais!  
A maresia vem subindo.  
Desde o fundo do mar vem vindo!

E o cheiro pútrido a mar morto  
Cerra a atmosfera de pensar  
Até tornar-se este como porto  
E este cais a bruxulear.

Uma estação ferroviária  
Algures no esperar campestre  
Do expresso trovoando a ária  
De tudo quanto gire e reste.

Um apeadeiro universal  
Onde cada um spera isolado  
Ao ruído — mar ou pinheiral? —  
O expresso inútil atrasado.

E no desdobre da memória  
O viajante indefinido  
Ouve contar-se só a história  
Do cais morto e do barco ido.

30-1-1926

124

Em torno a mim, em maré cheia,  
Soam como ondas a brilhar,  
O dia, o tempo, a obra alheia,  
O mundo natural a star.

Mas eu, fechado no meu sonho,  
Parado emigro, e, sem querer,  
Inutilmente recomponho  
Visões do que não pode ser.

Cadáver da vontade feita,  
Mito real, sonho a sentir,  
Sequência interrompida, eleita  
Para os destinos de partir,

Mas presa à inércia angustiada  
De não saber a direção,  
E ficar morta na erma estrada  
Que vai da alma ao coração.

Hora própria, nunca venhas,  
Que ontem talvez foi pior...  
E tu, sol claro que me banhas,  
Ah, banha sempre o meu torpor!

26-4-1926

Não é ainda a noite  
Mas é já frio o céu.  
Do vento o ocioso açoite  
Involve o tédio meu.

125

Que vitórias perdidas  
Por não as ter querido!  
Quantas perdidas vidas!  
E o sonho sem ter sido...

Ergue-te, ó vento, do ermo  
Da noite que aparece!  
Há um silêncio sem termo  
Por trás do que estremece...

Pranto dos sonho fúteis,  
Que a memória acordou,  
Inúteis, tão inúteis —  
Quem me dirá quem sou?

27-5-1926

Não há verdade inteiramente falsa  
Nem mentira de todo verdadeira.  
O rio leva, na espumelhada esteira  
Tudo o que esterilmente me realça...

126

Prazeres, talento, a perfeição consciente...  
O tipo físico distante dos outros,  
(E se eu deixar cair uma semente  
No rio, os resultados serão neutros)...

Maravilha fatal de toda a verdade...  
O homem que se interroga, e age por fora  
E só regressa a casa se não piora...

No entanto, um bocado de saudade,  
Uma maneira de um apego à hora  
E uma reminiscência sem verdade.

19-7-1926

127

Um desgosto profundo  
Que esgota em profundeza e altura  
Todas as sensações do mundo,

Desvairada amargura,  
Impotente saudade finda  
Na praia morta e a noite scura.

Talvez uma sprança ainda  
Doire de madrugada a vir  
A terna agonia e infinda.

Talvez... Mas há um espetro a vir  
No fundo do conhecimento  
E numa salva vem servir.

26-8-1926

Meu coração, bandeira içada  
Em festas onde não há ninguém...  
Meu coração, barco atado à margem  
Esperando o dono, cadáver amarelado entre os juncais...  
Meu coração, a mulher do forçado,  
A estalajadeira dos arautos da morte,  
Aguarda à porta, com um sorriso maligno,  
Todo o sistema do universo,  
Concluso a gravidade e a esfinges...  
Meu coração, algema partida...

[26-8-1926]

Universal lamento  
Aflora no teu ser.  
Só tem de ti a voz e o momento  
Que o fez em tua voz aparecer.

Assim o poeta outrora  
Ouviu na voz do mar  
A mesma voz universal que inútil chora  
A certeza que tudo há de passar.

E essa onda que treme em fluxo e luta  
Reflui no canto teu.  
Paro, e em meu ser o mesmo poeta escuta  
E a lua brilha sobre o Mar Egeu.

Mais antiga tristeza  
Em teu ser stá a sós,  
E é toda a dor da muda natureza

□

28-9-1926

130

Pouco importa de onde a brisa  
Traz o olor que nela vem.  
O coração não precisa  
De saber o que é o bem.

A mim me baste nesta hora  
A melodia que embala.  
Que importa se, sedutora,  
As forças da alma cala?

Quem sou, pra que o mundo perca  
Com o que penso a sonhar?  
Se a melodia me cerca  
Vivo só o ela aqui estar.

29-9-1926

131

Esta espécie de loucura  
Que é pouco chamar talento,  
E que brilha em mim na escura  
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade,  
Porque, enfim, sempre haverá  
Sol ou sombra na cidade,  
Mas em mim não sei o que há.

6-10-1926

**O Catavento**

132

Vaiou toda a noite dos lados da barra  
Com chuvas o vento —  
Um vento daquele que rasga e desgarra,  
Veloz e violento.

E por toda a noite, ouvindo-o e sofrendo,  
Pensei no que sou —  
Uma alma, sozinho, planeando, e sabendo  
Que ignoro onde vou.

E por toda a noite na minha consciência  
Inerte e desperta  
Cruzavam-se a chuva e o vento, e a ciência  
Duma alma deserta.

Raiou sossegado, cansada a tormenta,  
O dia por fim,  
E eu esqueci também minha dor violenta,  
Levada talvez pela longa tormenta  
Pra longe de mim.

28-10-1926

Tudo dorme. Pela erva  
Um vento ouvido passa.  
E ela cicia, serve  
Do silêncio que a abraça.

135

Paira um luar de sobre  
Juncos em lagos vagos,  
Mas nenhuma grinalda cobre  
Este lugar sem lagos.

Esta paisagem vive  
Só de antes eu a sonhar  
Não sei se ali estive  
Lembro-me de a lembrar.

É um simples campo e a noite  
E uma brisa qualquer,  
Prelúdio a cinza e sombra,  
Mágoa na despedida.

E esta impalpável hora  
Se infiltra no meu ser,  
Como uma voz que chora.  
Nem lembrar nem esquecer.

21-3-1927

136

Sei que nunca terei o que procuro,  
E que nem sei buscar o que desejo,  
Mas busco, insciente, no silêncio escuro  
E pasmo do que sei que não almejo.

10-4-1927

137

### **Presságio**

Vinham, loucas, de preto  
Ondeando até mim  
Pelo jardim secreto  
Na véspera do fim.

Nos olhos loucos tinham  
Reflexos de um jardim  
Que não o por onde vinham  
Na véspera do fim.

Mas passaram... Nunca me viram...  
E eu quanto sonhei afim  
A essas que se partiram  
Na véspera do fim.

10-4-1924

Já não vivi em vão  
Se escrevi bem  
Uma canção.

138

A vida o que tem?  
Estender a mão  
A alguém?

Nem isso, não.  
Só o escrever bem  
Uma canção.

7-5-1927

Pelo plaino sem caminho  
O cavaleiro vem.  
Caminha quieto e de mansinho,  
Com medo de Ninguém.

139

[7-5-1927]

**Horas**

Dão horas na torre.  
Alguém morre.  
Dá horas o som do sino,  
Há o Destino.  
Aonde és, trémula escorre  
A hora da torre...  
E pingos na terra bastam  
E alastram.  
Tudo tem outro sentido,  
Cessou o ruído.

[22-5-1927]

Já me não lembra o sonho que não tive...  
Eram só sombras e existiram antes...  
Na sucessão incerta dos instantes  
Com o que delas lembra, meu ser vive.

Aqui, se aqui é nada, absurdo estive  
E entre marés de espumas e brilhantes  
Contei à noite as súplicas constantes  
Que não contei à noite, no declive.

Num fechar de olhos coagulam-se astros...  
Nirvana... E o ocaso, regressada a hora,  
Só tinge de ouro mate os alabastros...

Que jura eterna nunca se demora?  
Que passo é sempre livre de seus rastros?  
Que nome fica, se a saudade chora?

31-5-1927

Quem com meu nome é obsceno nas paredes? 142  
A sucessão das horas imprevistas  
Não me traz novas das horas nunca vistas,  
E os pescadores vão tirar as redes...

Mercê do ocaso, no mar calmo há paz,  
Mas o cansaço que nos toma dói.  
Vida do mar? Matinas do herói?  
Quem me leva tudo isso, ou me lo traz?

Tinta entornada do poema sonho...  
A ficção meto na estouvada mente,  
E um pouco de fugaz e inconsequente  
No seguimento paralítico do sonho...

[31-5-1927]

Levámos o dia em conversa. 143  
Foi inútil o dia.  
Mas quem de maneira diversa,  
Se pudesse, o passaria?

Levámos o dia falando  
De nada e de tudo,  
E o vento (não sei se o havia) era brando,  
E o sussurro mudo.

Levámos o dia perdendo-o,

□

2-6-1927

144 Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;  
Não venhas falar, nem sorrir.  
Estou cansado de tudo, estou cansado,  
Quero só dormir.

Dormir até acordado, sonhando  
Ou até sem sonhar,  
Mas envolto num vago abandono brando  
A não ter que pensar.

Nunca soube querer, nunca soube sentir, até  
Pensar não foi certo em mim.  
Deitei fora entre ortigas o que era a minha fé,  
Escrevi numa página em branco, «Fim».

As princesas incógnitas ficaram desconhecidas,  
Os tronos prometidos não tiveram carpinteiro.  
Acumulei em mim um milhão difuso de vidas,  
Mas nunca encontrei parceiro.

Por isso, se vieres, não te sentes a meu lado, nem fales.  
Só quero dormir, uma morte que seja  
Uma coisa que me não rale nem com que tu te rales —  
Que ninguém deseje nem não deseje.

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo  
As esperanças e as ambições que tive,  
E hoje sou apenas um suicídio tardo,  
Um desejo de dormir que ainda vive.

Mas dormir a valer, sem dignificação nenhuma,  
Como um barco abandonado,  
Que naufraga sozinho entre as trevas e a bruma  
Sem se lhe saber o passado.

E o comandante do navio que segue de veras  
Entrevê na distância do mar  
O fim do último representante das galeras,  
Que não sabia nadar.

28-8-1927

A levíssima brisa  
Que sai da tarde morna  
Na minha alma imprecisa —  
Impressão entorna.

145

Nada conduz a nada,  
Nada serve de ser  
No sossego da estrada  
Nada vejo viver.

Meu conhecer é triste  
O que é que tem razão?  
Nada, e o nada persiste  
Na estrada e no verão.

7-9-1927

Mexe a cortina com o vento.  
Do mesmo modo  
Mexe com o meu pensamento  
O mundo todo.

146

Nem sei que certa diferença  
Existe entre eu  
Crer com alma, e enrolar sem crença  
Um lunar véu.

7-9-1927

147

Correm-me menos tristonhos  
Meus dias, dia por dia,  
Mas faz-me falta nos sonhos  
A antiga melancolia.

Como onda com onda liga  
No mesmo curso da água,  
À minha tristeza antiga  
Sucedede uma nova mágoa.

Como de uma ânsia que cessa,  
Ainda a mais infinita,  
Tristeza que não começa,  
Saudade de speranza, aflita.

5-10-1927

148

Morreu. Coitado ou coitada!  
Vê-lo, ou vê-la, no caixão!  
Isto é «sentido», ou é nada?  
O choro é tépido e vão.

Tem a face transtornada  
De tantas calmas que estão  
Naquela expressão fixada  
Pela falta de expressão.

Morreu. Uns meses depois  
Morreu. Amada ou amado,  
Seja lá o que for dos dois —

Passou a ser o passado...  
Ó grandes mágoas, vós sois  
Um esquecimento adiado.

8-10-1927

**Post-Scriptum**

Gostaria de saber  
De que sonha quem não sonha,  
Que tem para se entreter  
E fazer meio-risonha  
A vida que há por viver...

Gostaria de sentir  
Como é a alma que vive  
Sem para a alma sorrir...  
Eu sonhei e nada obtive.  
Sonharei sem conseguir.

Mas do que fiz e que faço,  
Que é nada, como o é tudo,  
Guardo no meu ser o traço  
Do sonho que me faz mudo,  
E rio-me do cansaço...

Os grandes homens da terra,  
Os que fazem, sem gramática,  
Frases de paz e de guerra,  
E sabem tudo da prática  
Salvo que a prática erra —

Sim, esses têm presença,  
Multidão e biografia...  
Que o Fado os tenha na crença  
Que esse valer tem valia!...  
Casei com a diferença.

9-10-1927

150

No fim do outono que finda,  
Na última tarde que resta  
Da vaga speranza vinda  
Como um ruído da floresta,

Frio e apagado anseio,  
Incerto em meu ser bóio,  
O único passageiro  
Do último comboio.

Não sei como diga o que anda  
Pelo meu ser a doer,  
Que se extravasa da banda  
De nada já poder ser.

Sozinho no anseio mudo  
Com que medito o anseio.  
Sem mente que pense tudo,  
Nem duvido nem creio.

Não tenho que ter razão.

10-10-1927

151

Durmo. Regresso ou spero?  
Não sei. Um sonho flui  
Entre o que sou e o que quero,  
Entre o que sonho e o que fui.

19-10-1927

É um rio entre arvoredo 152  
E eu durmo de o sonhar.  
Fazem-se de segredo  
Os ramos a cruzar.

E só de o sonhar fluo, ...  
Cerca-me outro dormir  
E o que eu sou de eu flutuo  
E também nós flutuamos  
Sem pensar nem sentir.

[19-10-1927]

*Sonus desilientes aquae*

154

Som breve da água,  
Tão calmo e tão bom,  
Não sei se esta mágoa  
É mais ou é menos  
Ouvindo esse som.

Sei que é diferente...  
Mas não sei dizer  
Se o som que se sente  
Da água vai fazer  
Lembrar ou esquecer...

Sei eu o que sinto?  
Sei eu o que sou?  
Descrevo-me, e minto...  
Com a água, e o seu canto,  
Cantando me vou...

23-10-1927

Ah, nunca, por meu bem ou por meu mal,  
    Converti minha dor  
    Em dor universal!  
Por eu sofrer não sofre quem não sofre...

Ditosos os que podem, pervertendo  
    Seu pranto em dor de tudo  
    Star assim convivendo,  
Ainda que só com a imaginação.  
    São humanos, e eu não.

Felizes os que podem erigir  
    Sua alma em universo  
    E sofrer a expandir!  
Quanto mais sofro, mais pertenço a mim.  
    Choro, e não sou afim.

Meu coração não pode ter a crença,  
    Por sofrer, que todo o orbe  
    Vive uma dor imensa.  
Sofro sem outros, sem pesar nem dó,  
    Sofro eu, sofro só.

Só gozo a liberdade indefinida  
    De não ter a ilusão  
    De que sou toda a vida,  
De que sou símbolo, eu que só isto sei:  
    Nada sou nem serei.

Alheia a mim a humanidade vasta  
    Ri, com pencas de choro.  
    E a alegre vida arrasta  
As almas altas sofrem sem trocar  
    Padecer por amar.

24-10-1927

Não: não pedi amor nem amizade

156

Às almas nem à vida;

Pedi-os à ilusão, à saudade,

E a uma sprança perdida.

O que me deram não compensa o nada

Do que a vida me deu;

Mas, como a um pobre, o que me deu pousada

Deu-me um pouco do céu.

Perdi já tudo: o que negou o que é

E o que o sonho me dera...

Sou hoje o sol que vagueia a pé

Entre o que foi e o que era.

Hoje, descrente até do que não há,

Vagueio em mim sem mim,

E tudo o que sonhei é um deus que está

Guardando a treva e o fim.

31-10-1927

Ó curva do horizonte, quem te passa

157

Passa da vista, não de ser ou star.

Assim talvez a anónima desgraça

Chamada morte, saiba não mutar.

Na curva da consciência, se nos perde

A visão do que amamos, não o ser...

31-10-1927

158

E ou seja jazida  
Ou água furtada,  
Acaba o guardado  
E a vida é adormecida.  
Está a vida correndo  
E a morte parada.

[1-11-1927]

159

À beira do precipício  
Brincamos a dançar,  
À beira do precipício  
Quando a chama acabar.

Há flores pela relva  
E há bens que são bem  
Como o ar fresco da selva  
E não nos ver ninguém.

À beira do precipício  
Brincamos a sorrir  
À beira do precipício  
Onde vamos cair

Porque cansa o horizonte  
E um e outro escorrega  
Mesmo baixando a vista  
A gente fica cega

E cai no precipício  
Que está ao nosso lado  
E à beira do precipício  
Continua o horizonte  
De quem fica fixando.

1-11-1927

Música, sim, popular...  
Harmónio de viajero...  
Meu coração transborda  
Quem será quem chamamos?

160

Tudo quanto a alma deseja  
Passa na música bem  
Que passa e que nada deixa  
Senão pena de quem detém.  
Tudo quanto eu queria  
Não fica dentro de mim  
Mas na música se esfria  
E tem um som e um fim.  
Maligna sorte de uma alma  
Não poder ter emoção  
Senão quando vive calma  
Fora de ter coração.

[1-11-1927]

### **Xadrez**

161

Peões, saem na noite sossegada,  
Cansados, cheios de emoções postiças,  
Vão para casa, conversando em nada,  
Sob peles, e casacos, e peliças.

Peões a que o destino não concede  
Mais que uma casa por direita sorte,  
Salvo se a diagonal lhes outra cede,  
E ganham novo, com a alheia morte.

Súbditos sempre da maior mudança  
Das nobres peças que ou o Bispo ou a Torre  
Subitamente a sorte lhes alcança  
E no isolado avanço o peão morre.

Um ou outro, chegando ao fim, consegue  
O resgate do que é outro do que ele;  
E o jogo, alheio a cada peça, segue,  
E a inexorável mão por junto impele.

Depois, coitados, sob peliça ou renda,  
Mate! se finda o jogo e a mão cansada  
Guarda as peças sem nexo da contenda,  
Que, como tudo é jogo, o fim é nada.

1-11-1927

163

Sopra lá fora o vento  
Até me entrar na alma,  
E o próprio pensamento  
Sente levada a calma

Porque há no som agreste  
Do vento a assoprejar  
Um horror que desveste  
De speranza meu cismar.

Até eu fui feliz...  
Lá no passado, mas fui...  
O vento forte diz  
Que em nada me dilui,

Que em nada me apavora,  
Violento, vão, vazio,  
Enchendo de oco a hora  
Que ao coração dá frio.

19-11-1927

Há luz no tojo e no brejo  
Luz no ar e no chão...  
Há luz em tudo que vejo  
Não no meu coração...

164

E quanto mais luz lá fora  
Quanto mais quente é o dia  
Mais por contrário chora  
Minha íntima noite fria.

26-11-1927

Não tenho razão  
Pra dizer que não  
Nem tenho fim  
Pra dizer que sim.  
Se acordo enganado  
E não vejo nada  
Ou se digo assim:  
Talvez, ou por uma vez,  
Ou então ao invés  
Ou então a fingir,  
Eu quero crer...  
Mas não vou dizer  
Se já vou saber...  
Quero decidir...

165

1-12-1927

166

É um canto amargo e moço...  
Cessou, ou foi mentira?  
Choro porque o não ouço.  
Chorara se o ouvira.

Nem sei dizer se eu achara  
Melhor que prosseguisse  
Ou se fora mais rara  
Coisa que o nunca ouvisse.

Nem até sei se ouvi  
O que ouvi dele, e choro  
Metade do que senti,  
Metade do que ignoro.

Pálida sombra de areia  
Deixada em desmazelo...  
Ouvi-te, ou sou só poeira  
Do próprio pesadelo?

1-12-1927

167

Pesa-me hoje a discordância  
Entre a vida e o que sou.  
Sou feito só de distância  
Não stou naquilo em que stou.

Nos parques dos outros todos,  
Nós entramos sem fim  
Onde ir como os vários modos  
Que passeiam num jardim,

Rejo-me, orquestral, a sfinges  
E, como um claustro ignoto,

□

5-12-1927

Brincava a criança  
Com um carro de bois.  
Sentiu-se brincando  
E disse, Eu sou dois!

Há um a brincar  
E há outro a saber,  
Um vê-me a brincar  
E outro vê-me a ver.

Estou por trás de mim  
Mas se volto a cabeça  
Não era o que eu qu'ria  
A volta só é essa...

O outro menino  
Não tem pés nem mãos,  
Nem é pequenino  
Nem tem mãe ou irmãos.

E brinca comigo  
Por trás de onde eu estou  
Mas se volto a cabeça  
Já não sei o que sou.

E o tal que eu cá tenho  
E sente comigo,  
Nem pai, nem padrinho,  
Nem corpo ne' amigo,

Tem alma cá dentro  
Está a ver-me sem ver,  
E o carro de bois  
Depois já parece  
Só o brinquedo.

Se eu tivesse outra vez  
O menino de lá,  
O carro de bois □

5-12-1927

169

Não vivo em vão  
Se escrever bem  
Uma canção;

E também não  
Se der a alguém,  
Útil, a mão.

Pobre, porém,  
Não posso a mão  
Dar a ninguém.

Escreverei bem  
Uma canção.

8-12-1927

170

E enfeitados pelos estos  
De paixões sensuais e puras,  
Glosam com vis iluminuras  
Teu nome escrito em palimpsestos.

Rainha ou santa, ou sem a legenda  
De rainha ou de santa, a sfinge  
Nem sequer era bizantina  
Tua legenda e a sfinge nela...  
O céu de sombras se constela  
Só de te ler a absurda sina.

Foram mortos entre emboscadas  
Os que sonhavam te buscar...  
E os que ficaram a penar,  
Hoje, longe das vãs passadas,  
□

8-12-1927

Vai verde o ocaso. A tarde é parada.  
Um tédio absurdo e excessivo vem  
Do espaço calmo do céu sem nada.  
Meu ser vazio não é ninguém.

171

Maligno ermo, do vão passado,  
E do futuro vão que já sei,  
O esforço stéril a dar e dado  
Ó dia inútil que deixarei.

E neste momento de azul e verde  
É como um prazer, como a dor alheia,  
Saber que tudo se sente e perde  
E que um dilui a si em cheia.

8-12-1927

Quando, cheio do próprio dó,  
No meio do ermo e horrível universo;  
Cada um conhece que está só  
E que quanto mais saúda os céus e o pó  
Mais somente em si mesmo está imerso;

173

Quando, na fria e alheia solidão  
Que é tudo, quando o sente o coração,

Quando são mortos os que nos amaram  
E só os que nos querem nos finaram,  
Para fazer mais fria e mais sozinha  
A casa sem raiz que nos deixaram  
E a aborrecida vinha...

Então, quando uma nova consciência,  
Um pavor louco da infinita treva,  
Nos enche a inexistência  
E uma névoa de névoa...

Então, Senhor, erguendo o olhar sem rumo,  
Surge da terra do infindo fumo,

Teu vulto misericordioso,  
Teu gesto paternal e cuidadoso,  
Tua tristeza e alegria...

27-1-1928

176

O que eu fui o que é?  
Relembro vagamente  
O vago não sei quê  
Que passei e se sente.

Se o tempo é longe ou perto  
Em que isso se passou,  
Não sei dizer ao certo.  
Que nem sei o que sou.

Sei só que me hoje agrada  
Rever essa visão  
Em que não vejo nada  
Senão o coração.

5-2-1928

Era um morto encontrado na rua.  
Levam-o em padiola  
Para casa que não era sua,  
Uma casa grande, como um centro político, ou escola.

177

Levam-o, apanhado do chão,  
Caído por doença súbita, desconhecido.  
Tinha, como nós todos, vida e coração.  
Apanham-o no chão, caído.

Diz o jornal «com ar de operário», mas até  
Que não dissesse, que ar poderia ter  
Verdadeiramente quem publicamente só é  
Apanhado do chão, onde ficou a morrer?

Vejo levá-lo na padiola, e em minha alma  
Há um frio que desconheço, um pavor.  
Levam-o para a morgue pela tardinha calma...  
Que tenho eu de melhor ou certo, ou de melhor.

Não foi identificado? Qual de nós o é?  
Em padiola? É diferente ir morto em caixão?

[5-2-1928]

Já sonho  
A canção.  
Os fados  
Suponho  
Que estão  
Parados.

178

Que calma  
Se apaga  
A tarde!

E a alma?  
É vaga  
E arde.

Que sente?  
— Anseio?  
Ilusão,  
Somente?  
Descreio  
Da canção.

Tão triste  
O luar  
Me tem.  
Consiste  
Amar  
Nem bem?

Tão vazia  
A terra  
□  
Inteira...

9-3-1928

179

É triste a noite, é triste o luar, e a gente  
Que passa alegre faz-me triste.  
Não sei em que consiste  
O que desejo e que tudo isto faz dormente.

Tudo conheço porque sonhei tudo. Nem sei  
Quem fui. Queria agora  
Dizê-lo, como quem já não chora...  
Canção impossível, quando te cantarei?

11-3-1928

Nas ruas por onde vão 180  
Os outros para um destino,  
Meus passos acasos são:  
Vou deserto e sem tino.

Nem sonho nem pensamento  
Ocupa o que me sinto...  
É como quando o vento  
No chão noturno extinto

Remexe, e ou folha se ouve  
Ou poeira alterada...,  
Ou talvez passar, ou chove...,  
Mas tudo isto é nada.

11-3-1928

Paira à tona de água 181  
Uma vibração.  
Há uma vaga mágoa  
No meu coração.

Não é porque a brisa  
Ou o que quer que seja  
Faça esta indecisa  
Vibração que adeja;

Nem é porque eu sinta  
Uma dor qualquer.  
Minha alma é indistinta,  
Não sabe o que quer.

É uma dor serena,  
Sofre porque vê.  
Tenho tanta pena!  
Soubesse eu de quê!...

12-3-1928

182 Há quanto tempo eu não passava aqui  
Por esta rua, há dez anos talvez!  
Aqui morei, contudo, aqui vivi  
Um tempo — uns dois anos ou três.

A rua é a mesma, o novo é quasi nada.  
Mas ela, se me visse, e o dissesse,  
Diria, É o mesmo, e eu stou tão mudada!  
Assim a alma lembra e esquece.

Passamos pelas ruas e por gente,  
Passamos por nós mesmos, e acabamos;  
Depois na ardósia, a Mão Inteligente  
Apaga o símbolo, e recomeçamos.

12-3-1928

183 A água da chuva desce a ladeira.  
É uma água ansiosa.  
Faz lagos e rios pequenos, e cheira  
A terra a ditosa.

Há muitos que cantam a dor e o pranto  
De o amor os não qu'rer..  
Mas eu, que também o não tenho, o que canto  
É uma cousa qualquer.

A água, que desce a ladeira, faz rir.  
As gaivotas no fim...  
Há tantas que cantam só por se sentir.  
Cantam sem mim.

21-3-1928

Queria dizer a alguém  
Como quem já lhe falou,  
Não o que penso, nem bem  
O que sinto, mas o que sou.

184

Não por palavras — até  
Poucas palavras é vão,  
E um sorriso ou olhar é  
Como fala a canção —,

Mas por um vago florir  
Da alma à flor do dizer,  
Que não chegasse a abrir  
Em voz, em símbolo, ou ser...

Um intervalo ou olvido  
Do gesto ou da expressão  
Que fique no olhar ou no ouvido  
Como sendo do coração.

21-3-1928

185

Há música. Tenho sono.  
Tenho sono com sonhar.  
Estou num longínquo abandono  
Sem me sentir nem pensar.

A música é pobre. Mas  
Não será mais pobre a vida?  
Que importa que eu durma? Faz  
Sono sentir a descida...

Que inteligência há de dar-se  
Ao princípio da absorção?  
Há música. Antes chorar-se  
Sem que □

Aventura inexecuível,  
Congruência com não ser.  
Meu coração no desnível,  
Meu cansaço sem ceder.

25-3-1928

186

Meu paraíso perdido!  
Meu rebanho abandonado!  
Vou no séquito abolido  
Como um pajem exilado.

[25-3-1928]

Hoje stou triste, stou triste. 188  
Starei alegre amanhã...  
O que se sente consiste  
Sempre em qualquer cousa vã...

Ou chuva, ou sol, ou preguiça...  
Tudo influi, tudo transforma...  
A alma não tem justiça,  
A sensação não tem forma.

Uma verdade por dia...  
Um mundo por sensação...  
Stou triste. A tarde stá fria.  
Amanhã, sol e razão.

22-4-1928

Passava eu na estrada pensando impreciso, 189  
Triste à minha moda.  
Cruzou um garoto, olhou-me, e um sorriso  
Agradou-lhe a cara toda.

Bem sei, bem sei: sorria assim  
A um outro qualquer.  
Mas então sorriu assim para mim...  
Que mais posso eu qu'rer?

Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,  
Vou sem ser nem prazo...  
Que ao menos na strada, me sorria alguém  
Ainda que por acaso.

22-4-1928

190

O sonho que se opôs a que eu vivesse  
A sprança que não quis que eu acordasse,  
O amor fictício que nunca era esse,  
A glória eterna que velava a face...

Por onde eu, louco sem loucura, passe  
Esse conjunto absurdo a teia tece...  
E, por mais que o Destino me ajudasse,  
Quero crer que o Deus dele me esquecesse.

Por isso sou o deportado, e a ilha  
Com que, de natural e vegetal  
A imaginação se maravilha...

Nem frutos tem nem água que é potável...  
Do barco naufragado vê-se a quilha...

□

26-4-1928

191

A rabanada de vento  
Deitou ao chão o andaime  
Do meu desalento  
E eu grito: Salvai-me!

Mas se a rabanada de vento  
Deitar ao chão  
O andaime do meu desalento,  
Não há salvação.

28-4-1928

**Tradução de poemas que não  
existem na Antologia Grega**

192

De Corinto me levam, escrava, para Siracusa.  
Do berço te levam à cova, ó Déspota, da mesma maneira.

Mirto, com cinco anos de vida, os Deuses me mataram.  
Brincava. Não lhes fiz mal a eles, nem a ninguém.

Tive a coroa nos jogos melhores, e os beijos nos melhores amores.  
Meus olhos estão fechados para os amores e para os jogos.  
Os que hoje têm as coroas e os beijos são diferentes de mim.

Viandante, lembrar-te-ás, em meio do amor, das carícias da que te não amou.

Levantei a mão, saudando os Deuses, sem quase mudar.  
Não chegou o verão e estou morta.  
Chamo-me Clóris. Sou de Siracusa.

19-5-1928

**Tradução de poemas gregos  
que não existem**

193

Fui forte, venci as misérias da alma com a alma toda.  
Lembro o teu sorriso pequeno, Leucótoe, e não sorrio para não chorar.

Vi-te qual eras, Dikê, num sonho da meia-noite da solidão.  
De novo te amei, mas de outra maneira. Mas vi-te qual eras.

As árvores da floresta onde andámos são as mesmas, ou são outras.  
Nós, Lídia, nem somos os mesmos nem outros, porque lembramos.

[19-5-1928]



É inda quente o fim do dia... 197  
Meu coração tem tédio e nada...  
Da vida sobe maresia...  
Uma luz azulada e fria  
Para nas pedras da calçada...  
Uma luz azulada e vaga  
Um resto anónimo do dia...  
Meu coração não se embriaga.  
Vejo como quem só divaga...  
É uma luz azulada e fria.

13-7-1928

Mexe em árvores o vento, 198  
É um murmúrio o mexer...  
Não tenho outro pensamento  
Mais que uma speranza a esquecer.

Som alto nas folhas leves,  
Quem me dera saber dar  
Em versos simples, breves,  
Essa música do ar.

Mas ela é tal qual a ouço  
E não tal qual a direi...  
Quero sonhar e não posso...  
Quero cantar e não sei...

6-8-1928



**Cemitério**

202

Os mortos depressa esquecem.  
Daqui quantos lembrarão?  
E os ciprestes estremecem  
Com a brisa do verão...  
O dia é alegre. Quantos  
Gozam ser □

Que sabe a vida da vida?

Tudo se esquece aqui.  
Só os ciprestes estremecem  
E o verão claro sorri...

Até rente a este muro  
De onde os ciprestes se movem  
Fala no canto obscuro  
Um par risonho e jovem.

Jaz ali quem amam?

23-10-1928

**O louco**

203

E fala aos constelados céus  
De trás das mágoas e das grades,  
Talvez com sonhos como os meus...  
Talvez, meu Deus!, com que verdades!

As grades de uma cela estreita  
Separam-o de céu e terra....  
Às grades mãos humanas deita  
E com voz não humana berra...

(Ó meu irmão, porque és humano,  
As tuas grades são visíveis...  
Quantos não fecham a alma insana?  
Os outros, ser, □ impossíveis?)

30-10-1928

204

Caminho a teu lado mudo.  
Sentes-me, vês-me alheado...  
Perguntas, Sim... Não, não sei...  
Tenho saudades de tudo...  
Até, porque estás passado  
Do mesmo mal que passei.

Sim, hoje é um dia feliz.  
Será, não será, por certo...  
Num princípio não sei quê  
Há um sentido que me diz  
Que isto — o céu longe e nós perto —  
É só o sonho do que é...

E lembro em meia-amargura  
Do passado, do distante,  
E tudo me é solidão...  
Quem fui nessa noite escura?  
Quem sou nesta morte instante?  
Não pergunto... Tudo é vão.

4-11-1928

**Aguarela**

205

Quando o barco passa na água  
Faz as vezes de ilusão...  
Gosto desta dor sem mágoa  
Que me embala o coração.

Quando o barco vai no rio  
A gente para a pensar...  
Mas nem se pensa a frio,  
Porque pensar é sonhar.

Quando o barco vai da vista  
Há uma tristeza que vem.  
Quem quer que a vida exista?,  
... Mas sonhos não são ninguém...

6-11-1928

Há uma música do povo,  
Nem sei dizer se é um fado...  
Que ouvindo-a há um ritmo novo  
No ser que tenho guardado...

206

Ouvindo-a sou quem seria  
Se desejar fosse ser...  
É uma simples melodia  
Das que se aprendem a viver...

E ouço-a embalado e sozinho...  
É essa mesma que eu quis...  
Perdi a fé e o caminho...  
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora  
A vaga e triste canção...  
Que a minha alma já não chora  
Nem eu tenho coração...

Sou uma emoção estrangeira,  
Um eco de sonho ido...  
Canto de qualquer maneira  
E acabo com um sentido!

9-11-1928

207

Na Rua do Volta-Atrás  
Antes de chegar ao fim,  
Encontrei o meu rapaz  
E, tem graça, ao mesmo tempo  
Ele me encontrou a mim.  
Na Rua do Volta-Atrás  
As coisas passam-se assim.

Na Rua do Volta-Atrás  
Passam coisas do amor...  
São coisas que a gente faz...  
E fá-las enquanto é tempo  
Que depois não tem sabor.  
Na Rua do Volta-Atrás  
Quem para é por ter calor.

Na Rua do Volta-Atrás  
Há tantos que vão seguir...  
Mas veem que a vida faz  
Mais sentido a passar tempo  
Para quem só quer partir.  
Na Rua do Volta-Atrás  
Voltei-me para trás a vir.

25-11-1928

**Estrada de Damasco**

208

I

Só quem não encontrou a dor profunda  
Não encontrou, Senhor, a tua strada.  
Igual a ti tem que ser a alma funda  
Que sofra como tu, que se confunda.

27-1-1928

II

Mas chega um dia, chega uma hora e um caso  
Em que, na vituperação do destino,  
O coração se sente no ocaso.

E então do nosso □ torpor  
Se ergue a súplica, o dito  
Que dor é como a minha dor?

27-11-1928

**Canção Abrupta**

209

O céu de todos os invernos  
Cobre em meu ser todo o verão...  
Vai pra as profundas dos infernos  
E deixa em paz meu coração!

O quê? Não quer ficar se te opões?  
Pois leva-o, guarda-o bem ou mal.  
Eu tenho muitos corações.  
É um privilégio intelectual.

1-12-1928

210           Tenho dó das estrelas,  
Luzindo há tanto tempo,  
Há tanto tempo...  
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço  
Das coisas,  
De todas as coisas,  
Como das pernas ou de um braço?

Um cansaço de existir,  
De ser,  
Só de ser,  
O ser triste brilhar ou sorrir...

Não haverá, enfim,  
Para as coisas que são,  
Não a morte, mas sim  
Uma outra espécie de fim,  
Ou uma grande razão —  
Qualquer coisa assim  
Como um perdão?

10-12-1928

211           A pálida luz da manhã de inverno,  
          O cais e a razão  
Não dão mais sprança nem menos sprança sequer,  
          Ao meu coração.  
          O que tem que ser  
Será, quer eu queira que seja ou que não.

No rumor do cais, no bulício do rio,  
Na rua a acordar  
Não há mais sossego, nem menos sossego sequer,  
Para o meu sperar.  
O que tem que não ser  
Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar.

28-12-1928

Sim, tudo é certo logo que o não seja.  
Amar, teimar, verificar, descrer...  
Quem me dera um sossego à beira-ser  
Como o que à beira-mar o olhar deseja.

212

20-1-1929

Sim, tudo é certo, logo que o não seja.  
Amar, teimar, verificar, descrer...  
Passos... Não quero ter que descrever...  
A alma universal conclua e veja!...  
Mas como ter boca é da cereja  
Segundo se convenciona de se dizer...  
Mas quem sabe o que quer por ti deseja...  
Filho, eu que te desejo não te perder...  
Triste sorte a que é minha e dos posiços  
Que, tendo achado o certo entre milhares  
Verificaram que os possíveis viços  
Saem das ervas más — os tristes mares.

213

20-1-1929

214

A tua voz fala amorosa...  
Tão meiga fala, que me esquece  
Que é falsa a sua branda prosa.  
Meu coração desentristece.

Sim, como a música sugere  
O que na música não stá,  
Meu coração nada mais quiere  
Que a melodia que em ti há...

Amar-me? Quem o crera? Fala  
Na mesma voz que nada diz...  
Se és uma música que embala.  
Eu oiço, ignoro, e sou feliz.

Que importa o que a verdade exalça?  
Que sou feliz desta maneira?  
Nem há felicidade falsa.  
Enquanto dura é verdadeira.

22-1-1929

215

Qual é a tarde por achar  
Em que teremos todos razão  
E respiraremos o bom ar  
Da alameda (sendo verão),

Ou, sendo inverno, baste star  
Ao pé do sossego ou do fogão?  
Qual é a tarde por voltar?  
Essa tarde houve, e agora não.

Qual é a mão cariciosa  
Que há de ser enfermeira minha —  
Sem doenças minha vida ociosa?  
Oh, essa mão é morta e osso...  
Só a lembrança me acarinha  
O coração com que não posso.

22-1-1929

Aquela graça indecifrável  
Que morre sem saber falar  
Pende no meu sonho estável  
Como uma música no ar.

216

Meu coração recebe dela,  
Dessa lembrança dolorida,  
Um ar bom que abre as janelas  
E refresca o torpor das vidas...

Não creio que haja muito a entender.  
Ela era uma alma alada e nobre  
Que deu um breve tempo  
Como se desse sorriso a um pobre.

Deu-me um sorriso e não saudades.

31-1-29

Vou com um passo como de ir parar  
Pela rua vazia  
Nem sinto como um mal ou mal-estar  
A vaga chuva fria...

217

Vou pela noite da indistinta rua  
Alheio a andar e a ser  
E a chuva leve em minha face nua  
Orvalha de esquecer...

Sim, tudo esqueço. Pela noite sou  
Noite também  
E vagaroso eu □ vou,  
Fantasma de ninguém.

No vácuo que se forma de eu ser eu  
E da noite ser triste,  
Meu ser existe sem que seja meu  
E anónimo persiste...

Qual é o instinto que fica esquecido  
Entre o passeio e a rua?  
Vou sob a chuva, anónimo e diluído,  
E tenho a face nua.

14-2-1929

*Abat-jour*

A lâmpada acesa  
(Outrem a acendeu)  
Baixa uma beleza  
Sobre o chão que é meu.

No quarto deserto  
Salvo o meu sonhar,  
Faz no chão incerto  
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz  
Que oscila no chão  
Meu sonho conduz  
Minha inatenção.

Bem sei... Era dia  
E longe de aqui...  
Quanto me sorria  
O que nunca vi!

E no quarto silente  
Com a luz a ondear  
Deixei vagamente  
Até de sonhar...

28-2-1929

Há como um círculo de névoa  
Que mais e mais me envolve e oprime —  
Um círculo de densa névoa...  
Meu coração desassossega.  
Minha alma nada quer ou exprime,  
Parada, desolada e cega.

219

Ah, seja eu luz, e por mim mesmo  
À névoa em torno afastarei.  
Serei meu próprio guia eu mesmo...  
Conheça eu bem que nada e luz  
É quanto dão ao Génio e ao Rei  
Deuses e o Fado que os conduz.

5-3-1929

220            Parece que stou sossegando  
                 Starei talvez para morrer.  
                 Há um cansaço novo e brando  
                 De tudo o quanto quis querer.

                 Há uma surpresa de me achar  
                 Tão conformado com sentir,  
                 Súbito vejo um rio  
                 Entre arvoredo a luzir.

                 E são uma presença certa  
                 O rio, as árvores e a luz.

17-3-1929

221            A uns o Fado é mestre, a outros menino.  
                 Ninguém sabe o que faz ou de que é dino.  
                 Grato, apanha o que cai das mãos do acaso,  
                 E fita firme teu fatal destino.

                 Ou erva ao escuro, ou girassol que fita  
                 A alta luz da imponderável cripta —  
                 Igual murchar na hora fatal os baixa  
                 À noite da ampla leiva e da lei escrita.

                 Não cures, não medites, não empregues  
                 Um só esforço no que ames ou que negues.  
                 Nada é nosso — nem nós, que um Fado estranho  
                 Manda. Não vais na strada: a estrada segues.

                 Mil como tu nesta hora põem a mente  
                 Em negar o desejo do existente,  
                 Mil, como tu, como se acorda, são  
                 Novos servos do eterno e vão presente.

25-3-1929

Silêncio. Deixa-me pensar.  
Há um sonho em mim que me prendeu,  
Um que começa a começar  
Aquém da terra e além do céu.  
Deixa-me ser nem teu nem meu.  
Deixa-me só não sossegar.

223

A maravilha da distância  
É feita de mar largo e azul.  
Há sobre o perto a irreal fragrância  
De um campo aberto sobre o sul.  
Meu coração atual é êxul,  
Meu ser cativo é livre de ânsia.

Não sei quem foi que ali me disse  
Palavras que não sei contar.  
Foram de anónima ledice.  
Silêncio. Deixa-me pensar.  
Não tenho amor para te dar.  
Minha alma jovem tem velhice.

27-3-29

Aqui está-se sossegado,  
Longe do mundo e da vida,  
Cheio de não ter passado,  
Até o futuro se olvida.  
Aqui está-se sossegado.

224

Tinha os gestos inocentes,  
Seus olhos riam no fundo.  
Mas invisíveis serpentes  
Faziam-a ser do mundo.  
Tinha os gestos inocentes.

Aqui tudo é paz e mar.  
Que longe a vista se perde  
Na solidão a tornar  
Em sombra o azul que é verde!  
Aqui tudo é paz e mar.

Sim, poderia ter sido...  
Mas vontade nem razão  
O mundo têm conduzido  
A prazer ou conclusão.  
Sim, poderia ter sido...

Agora não esqueço e sonho.  
Fecho os olhos, oiço o mar  
E de ouvi-lo bem, suponho  
Que vejo azul a esverdear.  
Agora não esqueço e sonho.

Não foi propósito, não.  
Os seus gestos inocentes  
Tocavam no coração  
Como invisíveis serpentes.  
Não foi propósito, não.

Durmo, desperto e sozinho.  
Que tem sido a minha vida?  
Velas de inútil moinho —  
Um movimento sem lida...  
Durmo, desperto e sozinho.

Nada explica nem consola.  
Tudo está certo depois.  
Mas a dor que nos desola,  
A mágoa de um não ser dois —  
Nada explica nem consola.

29-3-1929

**Glosa**

225

Quem me roubou a minha dor antiga,  
E só a vida me deixou por dor?  
Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,  
Me deixou só no fogo e no torpor?

Quem fez a fantasia minha amiga,  
Negando o fruto e emurchecendo a flor?  
Ninguém ou o Fado, e a fantasia siga  
A seu infiel e irreal sabor...

Quem me dispôs para o que não pudesse?  
Quem me fadou para o que não conheço  
Na teia do real que ninguém tece?

Quem me arrancou ao sonho que me odiava  
E me deu só a vida em que me esqueço,  
«Onde a minha saudade a cor se trava».

1-4-1929

O céu de todos os invernos  
Cobre em meu ser todo o verão...  
Vai pràs profundas dos infernos  
E deixa em paz meu coração!

226

Por ti meu pensamento é triste,  
Meu sentimento anda estrangeiro;  
A tua ideia em mim insiste  
Como uma falta de dinheiro.

Não posso dominar meu sonho.  
Não te posso obrigar a amar.  
Que hei de fazer? Fico tristonho.  
Mas a tristeza há de acabar.

Bem sei, bem sei... A dor de corno...  
Mas não fui eu que lho chamei.  
Amar-te causa-me transtorno,  
Lá que transtorno é que não sei...

Ridículo? É claro. E todos?  
Mas a consciência de o ser, fi-la bastante clara deitando-a a rodos  
Em cinco quadras de oito sílabas.

3-4-1929

227

Mas o hóspede convidado  
Que mora no meu destino,  
Que não sei como é chegado,  
Nem de que honras é dino,

Constrange meu ser de casa  
A adaptações de disfarce.

7-4-1929

228

Um muro de nuvens densas  
Põe no branco do ocidente  
Negras roxuras pretensas.

Com a noite tudo acaba.  
O céu frio é transparente.  
Nada de chuva desaba.

E não sei se tenho pena  
Ou alegria da ausente  
Chuva e da noite serena.

De resto, nunca sei nada.  
Minha alma é a sombra presente  
De uma presença passada.

Meus sentimentos são rastros.  
Só meu pensamento sente...  
A noite esfria-se de astros.

1-5-1929

Na água a água forma bolhas,  
E o regato, rio a brincar,  
Leva também coisas e folhas  
Como se fosse para o mar.

229

Obscuras vidas, sois o mesmo  
Que as grandes vidas a brincar,  
Levais o que levais a esmo,  
E o fim é sempre qualquer mar.

Meu coração não tem sossego,  
Pensa que tudo é só brincar  
De deuses servos de um deus cego  
Para quem tudo é ele e o mar.

13-5-1929

Sim, sim, eu conheci-o.  
Realmente era negro, luzidio,  
Madrugador, jovial.  
Sim, e de manhã cedo  
Deveras se encontrava entre o arvoredo  
Mas sem risadas (de ave fazem medo),  
Nem (que quer dizer isso?) de cristal.  
Nesta altura, acabado o romantismo,  
Um melro só a um melro é igual.

Quanto à história, nem cismo.  
Acabou mal,  
Com Natureza contra Bíblia, como,  
Em épocas de um outro assomo,  
Seria Bíblia contra a Natureza,  
Com igual misticismo.  
Veio o Junqueiro, filho da Certeza,  
E o melro morreu realmente  
(Mas morreu de o fazerem gente),  
Caindo do ar real e insciente  
Num gesto de asa que despreza.

E o gesto de asa diz — pois tudo fala  
No romantismo, ainda quando cala:

«Sou um melro, e não um sócio vil  
Da Associação do Registro Civil.  
Sou um melro totalmente, e existo  
Alheio a Cristo e a não-Cristo,  
Sem dar lição alguma sobre nada,  
Mera alimária alada,  
Inconsciente, como o céu de estar  
Onde está, de mover-me e de cantar.  
E se morri, arre!, morri.  
Com isso provo que vivi.  
Morri: pois deixem-me morrer  
Sem me quererem compreender.

«E quanto aos versos subversivos  
De Igrejas e Escrituras,  
Deixem-se disso: são motivos  
De audácias que já nem são bravuras.  
Vejam claro,  
Escrevam raro,  
Tenham verdade ao menos no sentir,  
E então por certo me ouvirão a rir,  
Madrugador, jovial,  
Logo de manhã cedo  
Cantando entre a verdade do arvoredo  
E não entre a mentira universal.

[21-5-1929]

A razão desta tristeza  
Que me dói no pensamento  
É de grande singeleza.  
Eu conheci a beleza,  
Não conheci o momento.

232

Se estas palavras tão claras  
São fúteis de interpretar,  
Reparem que as coisas raras  
Também se chamam «preclaras»  
— Isto é, antes de aclarar.

Creio no meu destino certo...  
Não «existo» eu não diria,  
Pois o Fado é muito esperto —  
Fica tudo a descoberto

□

[post 4-6-1929]

233

Teu seio é nulo, porque não existes,  
Vénus Urânia; nem teus braços são  
Dos que as carícias cobiçadas dão  
E os olhos que te buscam ficam tristes.  
Não duram sóis os dias em que insistes  
Com tua ausência ideal do coração,  
Mas amar-te é um dano e um perdão  
E às nossas alma renovada assistes.  
Cinge-me em sonhos teu destino raso  
Como a malignidade de ter vida,  
Sem consequência digna de ter prazo.

11-6-1919

234

Pela rua já serena  
Vai a noite  
Não sei de que tinha pena,  
Nem se é pena isto que tenho...

Pobres dos que vão sentindo  
Sem saber do coração!  
Ao longe, cantando e rindo,  
Um grupo vai sem razão.

E a noite e aquela alegria  
E o que medito a sonhar  
Formam uma alma vazia  
Que paira na ala do ar...

Como faíscas de um disco.

18-6-1929

**Assoupissement**

235

Canta-me, canta, sem parar,  
Sem nada querer conseguir,  
Uma canção que faça sonhar...  
Sem fazer sentir...

Estou como se tivesse pena.  
Não conheço ninguém no mundo.  
Canto que a noite está serena  
E qualquer história é amor profundo...

Tudo serve... O luar, o rio,  
A barquinha que está a boiar...  
Tendo menos este fastio  
De desejar e de pensar...

Canta, não penses, bem sei... Nada...  
Deixa-me desejar não ser  
Com a alma leve e descansada...  
Dormis, vestígios do saber?

26-6-1929

**Epitáfio Desconhecido**

237

Quanta mais alma ande no amplo informe,  
Mais pronto a ti, lar anterior, do fundo  
Da emoção regressa, ó Cristo, e dorme  
Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

26-6-1929

238      Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,  
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,  
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,  
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.

A vida é como uma sombra que passa por sobre um rio  
Ou como um passo na alfombra de um quarto que jaz vazio;  
O amor é um sono que chega para o ser que se é;  
A glória concede e nega; não tem verdades a fé.

Por isso na orla morena da praia calada e só,  
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;  
Sonho sem quási já ser, perco sem nunca ter tido,  
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.

Deem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,  
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;  
Deem-me um vago amor de quanto nunca terei,  
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei.

Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar,  
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,  
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,  
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu.

10-8-1929

240

### **Lisboa e Submisso ao Destino**

Sim, terei tudo, terei tudo  
Quando já tudo não for nada...  
Porque é que tiraram a scada  
Com que se ia tirar o scudo?  
Porque é que eu suo, inútil, mudo,

Caído antes d'emborrachado,  
Na contusão aconchegado,  
Sem meus esfregões de veludo?

Porque é que, inabituaado a escarros,  
O que ficou da minha mágoa  
Se pegou às rodas dos carros?  
Porque é que a mesa que parti  
Ficou contra a parede — a água  
De quem limpa o ranho ali?

Meu génio, com a esfinge e o mastro,  
Ruiu a potes e tigelas  
Nas madrugadas amarelas  
A que chamei o último astro.  
Creio em Jesus e em Zoroastro  
Como quem lê puras novelas,  
E tendo só fósforos e velas  
Fui candelabro e poetaastro.

Findos os granéis distintivos  
Sem talvez mais que assar castanhas  
Em tudo quanto é neles sentido  
Sentei-me à porta de querer  
Entre as formigas e as aranhas  
E cocei-me a compreender.

Fechei a porta. Despi-me. Eu  
Sou um agora, e entre mim  
E o vasto universo sem fim...  
Toda esta terra e aquele céu...

Só sonho no que já morreu,  
E deito-me na cama toda  
Como quem já se sente afim

Com o jazigo que inda é seu...  
Gritei à vida «merda!» e a vida  
Nem me deu eco da derrota.  
Que tem ela com ser vivida?  
A escadaria do castelo?  
Pois sim, □

15-8-1929

241 Ah, no terrível silêncio do quarto  
O relógio com o seu som de silêncio!  
Monotonia!  
Quem me dará outra vez a minha infância perdida?  
Quem ma encontrará no meio da estrada de Deus...  
Perdida definitivamente, como um lenço no comboio.

16-8-1929

242 Nem de estes bosques saberei dizer  
Se me hão de dar venturas que lembrar,  
Se me hão de dar tristezas que esquecer.

Assim, como se, indo eu a caminhar,  
Perdesse o nome e a forma do caminho,  
E não mais visse coisa que encontrar,

Nem sequer saberei se é lar ou ninho  
Ou outra qualquer cousa mais da alma  
O que me dá o que não adivinho.

Na longa solidão vedada e calma  
Corre um som de água □

19-8-1929

Como entre os bosques marginais, secretos  
Pelo pender cerrado de amplos ramos,  
O pensamento perde os seus objetos

243

E longe já da vida em que ficamos  
Ao calmo e vago luarar das águas  
Que dormem escamas até onde estamos,

Entre uma nova mágoa esquece mágoas,  
Assim no sonho margens novas usa  
De onde veja, e abandona as duras fráguas

Onde se a vida talha e a obra é conclusa.  
Mas de que serve a riba onde sem barco  
Ou a vida ou a ciência é já confusa.

Mais val talvez o paul verde ou o charco  
De que ninguém presume mais que nada  
Cujo sentido é nulo e o □□ parco.

19-8-1929

Nas grandes horas em que a insónia avulta  
Como um novo universo doloroso,  
E a mente é clara com um ser que insulta  
O uso confuso com que o dia é ocioso,

244

Cismo, embebido em sombras de repouso  
Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,  
Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo  
Me foram nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.  
Meu coração, que fala estando mudo,  
Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,  
E não há Deus, nem ser, nem Natureza,  
E a própria mágoa melhor fora dor.

31-8-1929

245

Tudo quanto sonhei, ou quis, amando,  
O abismo o inclui, e forma um vulto brando  
Cuja aérea presença faz meus sonhos,  
Mas meus sonhos como eu vivem passando.

Nove vezes a Stige a si se envolve,  
Mas tudo quanto é vida mais que nove.  
Tudo é problemas, se se pensa ou sente,  
E nada se consegue ou se resolve.

No fim quente do estio o autono quente  
Principia e uma dúvida se sente  
Que passa do exterior à alma e à vida,  
Mas até a dúvida em si mesma mente.

Sábio é o que deixa que o Destino o faça.  
Se tem que ser meu ser glória ou desgraça,  
Sê-lo-á sem que o queira ou o consiga,  
E o que for é, se o for, e, sendo, passa.

Glória ou vergonha nada pesa. Bate  
Só no sozinho coração o rebate  
Do que nos acontece ou não sucede.

13-9-1929

Como um cansaço ao fim do vento 246  
Remoinham folhas a esquecer...  
Não há nada em meu pensamento  
Senão vontade de o não ter...

Sou triste por pensar de mais  
E mais triste por o saber...  
A água corre pelo cais  
Mas não a posso compreender...

Quem fez meus sonhos interpostos  
Entre a razão e a conhecer?  
A armada da alma deixa os postos...

17-9-1929

Na noite triste e sem querer 247  
Deixai a lua se entreabrir  
Por sobre o campo se mexer...  
Que vai meu coração saber?  
Que vai minha alma pressentir?

18-9-1929

**Glosa** 248

Minha alma é areia de mágoa  
Mas flui de minha lembrança  
Uma quadra, como água.

Bem sei que isto não é nada,  
Mas quem dera a alma que seja  
O que isto é, como uma estrada.

Talvez eu fosse feliz  
Se em mim ouvisse a ilusão  
Do que isto finge que diz

Porque o esforço é vil e vão.  
A verdade, quem a quis?  
Não conluas, nada, não...

9-11-1929

249

Tem um olhar direito e doce,  
Um ar de rosto de confiança,  
E amará como se o amor fosse  
Uma alegria de criança...

Trouxe-me a flor por brincadeira.  
Maliciosamente vinda,  
Seu mesmo gesto era a maneira  
□

Ou talvez não e tudo mude,  
Mas, se for como as sempre iguais,  
Que o eterno desencontro escude  
Minha alma contra vê-la mais.

2-12-1929

250

### **Monumento a António José de Almeida**

Nobre a seu modo, e o modo não o era.  
Falou, calou, acabou... Porque erguer  
Pedras a quem das pedras foi só hera?  
Ah, prestem-lhe a homenagem de o esquecer!

[Dezembro 1929]

**Odiosamente**

251

Imortais todos nós? E  
Que coisas não vêm de aí?  
Santo Deus, então lá em cima  
Ainda há Magalhães Lima?

[Dezembro 1929]

Que viva essa pedra morta ali verei,  
A mão que fez e o coração que quis,  
E estas palavras estão no pedestal:  
«Meu nome é Igimondias, rei dos reis  
Vede a minha obra, ó grandes □

252

Nada mais está em torno ao que há no chão  
Desse grande destino.  
A areia aplaina a sua solidão.

Um viajante de uma terra  
Disse-me: Impera no deserto.

[post 11-1-1930]

**Férias de Severo**

253

Aqui estou posto, onde algas e cortiça  
À praia sem ninguém a maré traz;  
Onde não há verdade nem justiça  
Mas só o som sem nada que o mar faz.

E aqui, ao pé do antigo promontório,  
Alheio em pedra bruta ao nome seu,  
Volto, depois de um grande fado inglório,  
À confusa substância que sou eu.

Tantas grandezas me pesaram na alma,  
Tanta vicissitude me formou,  
Que agora, a sós sem mim, não sei da calma  
Que deveria ter, nem sei quem sou.

Fui tão estrangeiro no que fui, tão vago  
Andei de mim em quanto consegui,  
Que me recolho como o fim de um estrago  
Do que me resta, e não é nada em si.

Pensei, fugindo às legiões e às praças,  
Dar-me a mim mesmo, e aqui me soletrar,  
Liberto de venturas e desgraças,  
Tal qual eu sou, sem nada me alterar.

Mas ai!, não é em vão que se caminha  
Fora da alma, entregue à vida e à sorte.  
A alma que trago já não é a minha.  
Sou um sobrevivente aquém da morte.

Deixei quem fui ser sem ter cortiça  
De um mar pior que este que se ergue aqui.  
Aqui não há verdade nem justiça.  
Não as achei também onde vivi.

Pesa-me a simples natureza. Anseio  
Por me encontrar, e sinto-me sentir  
Que só voltando ao exílio de onde veio  
Minha alma poderá se conseguir.

Mas nem posso ficar nem regressar.  
Vendi a alma aos dias e às noções.  
Não tenho pátria em mim a que voltar,  
Nem próprios pensamentos ou emoções.

Metade meu, metade alheio, agora

□

31-1-1930

I

254

O grande espetro, que faz sombra e medo,  
Ergueu-se ao pé de mim, e eu temi-o;  
Não porém com pavor, que aflora cedo,  
Mas com um negro medo, oco e tardio.

Trajava o corpo seu vácuo e segredo  
E o espaço irreal, onde formava frio,  
Era como os desertos de degredo,  
Um não-ser mais vazio que o vazio.

Não mais o vi, mas sinto a cada hora  
Ao pé da alma, que teme e já não chora,  
A álgida consequência e o vulto nada,

E cada passo em minha senda incerta  
Um eco o acompanha, que deserta  
Da atenção fria, inutilmente dada.

II

Na pior consequência de pensar  
Invoquei Deus, como um auxílio, e não  
Como o ermo só criador da criação.  
Sentia-me órfão. «Pai, quero-te amar...»

Mas nos ermos do tempo e do lugar,  
Na minha iniludível solidão,  
Nem Deus nem almas encontrei, e em vão  
Abri a porta da alma par em par.

Fui ser pedinte à esquina do Destino,  
Fiz-me, por consagrar a pena e a esmola,  
Tal qual eu era, mísero e menino.

Mas nada me conhece ou me consola.  
O mundo existe, a mente é desatino,  
E o nada que não somos nos desola.

### III

Então, porque pensar conduz ao ermo,  
E há crenças boas onde há juntas casas,  
Fiz do meu coração prolixo e enfermo  
Um campo virtual de sol e asas.

Como quem, tendo um lar e olhando as brasas  
Entra num sonho sem sentido ou termo,  
E há paz até nas lágrimas que, rasas  
Aos olhos □

Abandonei, como um aldeão antigo  
Os largos campos de sol alto e trigo  
E acolhi-me ao caminho, como a um lar...

Mais val a estrada que pensar; mais dura  
A consciência da minha alma scura  
Que o sol na aldeia, como azul do ar.

9-2-1930

Relógio, morre —  
Momentos vão...  
Nada já ocorre  
Ao coração  
Senão, senão...

255

Bem que perdi,  
Mal que deixei,  
Nada aqui  
Montes sem lei  
Onde estarei...

Ninguém comigo!  
Desejo ou tenho?  
Sou o inimigo —  
De onde é que venho?  
O que é que estranho?

1-3-1930

### **Passos da Cruz**

256

#### **I**

Vieram com o ruído e com a espada  
Senhores do destino após vencer  
E uma após outra foi cada mulher  
Os sucessores esconder da estrada.

Eram soldados, com a ordem dada  
E vinham sobriamente recolher  
O sangue das crianças a morrer  
Nos scombros da própria casa achadas.

Mas longe, sobre o asno do destino,  
Levava a Mãe piedosa aquela dor  
Futura que era agora o seu Menino.

Apertava-o ao peito, sob a vaga luz  
Que toldava mais as árvores ao sol frio.  
De uma, talvez, seria feita A Cruz.

23-3-1930

257

Quando Cristo, Rei da Lei,  
Voltou ser, após os três  
Dias que Deus deu ou fez,  
Viu logo nascer do chão  
Quem lhe roubasse o caixão  
E disse: Já me enganei.  
Adeus, vou morrer de vez!

[23-3-1930]

258

### **Amun-Ra**

Meu ser vive na noite e no outramente,  
Vestígio em esteira de onde o barco foi...

Nada é, tudo se outra. A consciência  
É o vácuo entre o que somos e o que Ele é.  
E a Natureza é a sombra que se vê  
Encher de luz o vácuo e a luz é ciência.  
Entre o vácuo de temor  
Enche de movimento a inexistência.  
Mas onde a Luz que é Ele e a intermitência?  
Onde está o universo onde se lê

Com a voz da Razão verbo de fé...  
Onde é que o nada encontra a consistência?  
Paro em mim mesmo, exausto de pensar-me,  
No que sou Tu, Ser que o ser enche e cobre,  
E o silêncio é ouvir-te e renovar-me.  
Oiço e um horror me os olhos da alma vaza.  
E a Sua agonia é na certa sobre  
O não haver senão a Sua asa.  
Dentro d'Ele seu ser de si extravasa.

Foi antes do Não-ser de onde Ele veio,  
Na antiga Noite antes de a noite ser,  
Que no abismo de Ele teve ver  
O Espírito que pensa e está no meio.

E à roda, fluido de ulterior anseio,  
Começo abstrato de poder haver  
Em círculos concêntricos de ter  
Conheceu-se o Universo, a si alheio.

Mas o Fantasma guarda a porta ausente,  
E inda haveria mais que um caos sem céus  
Que passar, antes que ter ser fosse ente.  
Então se abriu a porta e Ele era os véus.  
Cumpra-se em flor no que a tente.  
Sem ser morra. A sua morte é Deus.

28-3-1930

259

Quem vende a verdade, e a que esquina?  
Quem dá a hortelã com que temperá-la?  
Quem traz para casa a menina  
E arruma as jarras da sala?

Quem interroga os baluartes  
E conhece o nome dos navios?  
Dividi o meu estudo inteiro em partes  
E os títulos dos capítulos são vazios...

Meu pobre conhecimento ligeiro,  
Andas buscando o estandarte eloquente  
Da filarmónica de um Barreiro  
Para que não há barco nem gente.

Consequências naturais do malogro...  
Novidades a dar aos mortos...  
Tenho o meu coração frio e rouco

Tapeçarias de parte nenhuma  
Quadros virados contra a parede...  
Ninguém conhece, ninguém arruma,  
Ninguém dá nem pede.

Ó coração epitélico e macio,  
Colcha de *crochet* do anseio morto,  
Grande prolixidade do navio  
Que existe só para nunca chegar ao porto.

28-3-1930

260

Na noite que me desconhece  
O luar vago transparece  
Da lua ainda por haver.

Sonho. Não sei o que me esquece,  
Nem sei o que prefiro ser.

Hora intermédia entre o que passa,  
Que névoa incógnita esvoaça  
Entre o que sinto e o que sou?  
A brisa alheiramente abraça.  
Durmo. Não sei quem é que estou.

Dói-me tudo por não ser nada.  
Da grande noite embainhada  
Ninguém tira a conclusão.  
Coração, queres? Tudo enfada.  
Antes só sintas, coração.

18-5-1930

Deixei cair o livro onde não li  
Mais que uma só palavra lembradora...  
Magia! E outra paisagem e outra hora  
Ante meus olhos irreais reví.

261

E eu, que choro mais que o que perdi,  
E cuja vaga alma,  
O tempo abstrato, não o passado, chora  
Mas no passado o chora, que é o que vi,

De novo torno a ser quem nunca fui,  
E sob meus olhos imprecisos flui  
O rio que não foi a minha infância,

E a minha infância reconhece o rio,  
E a saudade de mim e da minha ânsia  
Segue solene as ondas e o desvio...

21-5-1930

262                    Em tempos quis o mundo inteiro.  
Era criança e havia amar.  
Hoje sou lúcido e estrangeiro.  
(Acabarei por não pensar.)

A quem o mundo não bastava,  
(Porque depois não bastaria),  
E a alma era um céu, e havia lava  
Dos vulcões do que eu não sabia,

Basta hoje o dia não ser feio,  
Haver brisa que em sombras flui,  
Nem se perder de todo o enleio  
De ter sido quem nunca fui.

28-5-1930

263                    Mais triste do que o que acontece  
                          É o que nunca aconteceu.  
Meu coração, quem o entristece?  
                          Quem o faz meu?

Na nuvem vem o que escurece  
                          O grande campo sob o céu.  
Memórias? Tudo é o que esquece.  
                          A vida é quanto se perdeu.  
E há gente que não enlouquece!  
                          Ai do que em mim me chama eu!

9-6-1930

Ó ervas frescas que cobris 264  
As sepulturas,  
Vosso verde tem cores vis  
A meus olhos; já servis  
De conjeturas.

Sabemos bem de que viveis  
Ervas do chão,  
Que sossego é esse que fazeis  
Verde na forma que trazeis  
Sem compaixão.

Ó verdes ervas, como o azul medo  
Do céu sem ser,  
Cobrimdo com o íntimo segredo  
Da vida nova, e outro degredo  
Do infindo haver.

Tenho um terror com tudo eu  
Do verde chão...  
Ó sol, não baixes já no céu,  
Quero um momento ainda meu  
Como um perdão.

14-6-1930

Há quanto tempo não canto 265  
Na muda voz de sentir.  
E tenho sofrido tanto  
Que chorar fora sorrir.

Há quanto tempo não sinto  
De maneira a o descrever,  
Nem em ritmos vivos minto  
O que não quero dizer...

Há quanto tempo me fecho  
À chave dentro de mim,  
E é porque já não me queixo  
Que as queixas não têm fim.

Há tanto tempo assim duro  
Sem vontade de falar!  
Já estou amigo do escuro  
Não quero o sol nem o ar.

Foi-me tão pesada e crescida  
A tristeza que ficou  
Que ficou no chão da vida  
De onde a arte a não levantou.

14-6-1930

266

Quiséssemos-nos na hora vã.  
Amei-te ou não te amei?...  
Esquecer-me-ás amanhã  
Como eu te esquecerei...

21-6-1930

267

Ó sorte de olhar mesquinho  
E gestos de despedida,  
Apanha-me do caminho  
Como a uma cousa caída...

Resvalei à via velha  
Do colo de quem sonhava.  
Lava-me como na celha  
O sabão de quem lavava...

Quem quer saber de quem fora  
    Quem eu fora se outro fosse...  
Olha-me e deita-me fora  
    Como quem farta do doce.

24-6-1930

Na imensa solidão  
De eu ser apenas eu,  
Sentindo o coração  
Como somente meu,

268

O vento me acompanha  
Com seu ruído na noite  
E eis-me só na montanha  
Sob o divino açoite.

Não há contudo nada  
Em meu torno senão  
A solidão acabada  
E isto é este coração.

3-7-1930

Dormi. Sonhei. No abstrato labirinto  
Que há entre a vida e a sombra me perdi.  
E o que, na vaga viagem, eu senti  
Com exata memória não o sinto.

269

Se quero achar-me em mim dizendo-o, minto.  
A vasta teia, estive-a e não a vi.  
Obscuramente me desconcebi.

7-7-1930

Dormi. Sonhei. No informe labirinto  
Que há entre o mundo e o nada me perdi.  
Em bosques de mim mesmo me embebi,  
Misto indeciso do que vi e sinto.

Stagno incorpóreo. No infiel recinto  
Leio o transtorno do que nunca li,  
E o labirinto nunca stá em si,  
Nem há mundo no incerto e abstrato plinto.

Minha alma é um ser em que a verdade engana,  
Memória da partida dos navios  
Na praia que de espuma se engalana.

Não voltaram dos longes os sombrios  
Barcos, e o luar mole deixa ver  
A praia com a espuma a escurecer.

O grande dia mostra o grande oceano.  
A maré que não cessa, nem se cansa  
De não cessar, faz som da extensa água.  
A lata luz faz de ouro o azul do céu.  
Aqui, comigo, mas sós ambos, nota  
O móbil nada ao sol da eterna vida,  
A inútil voz na praia do mar todo.  
E, como quem memora um poema, aprende.  
Sê forte, e a força é a fraqueza dura.  
De nada dono, cúmplice de nada,  
Conhecedor externo de ti mesmo,  
Contempla firme teu fatal destino.

19-7-1930

Brisa irreal da aurora,  
Ar de nascer o dia,  
A um coração que implora  
Que lhe deem alegria  
Dizes porque é que chora.

Dizes que se conhece  
Pelo dia que vem  
Que tudo passa e esquece  
E que a manhã também.

Se um dia nasce a speranza  
Nasce dele também.  
É como uma criança.  
Talvez não traga o bem.  
Mas a aurora não cansa.

Ah, enquanto há o momento  
Em que inda não há nada,  
Sossegue o pensamento  
E a alma durma acordada  
Nesta névoa de vento.

Tão fresco sobre a face  
E as pálpebras de sono,  
Se isto nunca passasse!  
Depois há o dia, o dono:  
Este dia que nasce.

24-7-1930

272

Dói-me quem sou. E em meio da emoção  
Ergue a fronte de torre um pensamento.  
É como se na imensa solidão  
De uma alma a sós consigo, o coração  
Tivesse cérebro e conhecimento.

Numa amargura artificial consisto,  
Fiel a qualquer ideia que não sei,  
Como um fingido cortesão me visto  
Dos trajes majestosos em que existo  
Para a presença artificial do rei.

Sim, tudo é sonhar quanto sou e quero.  
Tudo das mãos caídas se deixou.  
Braços dispersos, desolado espero.  
Mendigo pelo fim do desespero,  
Que quis pedir esmola e não ousou.

26-7-1930

273

Depois que os convidados  
Se foram, e o dia...  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas do ermo parque  
Eu e a minha agonia.

A festa fora alheia  
E depois que acabou  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Quem eu fui e agora sou.

Tudo fora por todos.  
Brincaram, mas enfim  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Só eu, e eu sem mim.

Talvez que ao parque antigo  
A festa volte a ser.  
Ficaram entre as sombras  
Das áleas apertadas  
Eu e quem sei não ser.

[26-7-1930]

Ter saudades é viver.  
Não sei que vida é a minha  
Que hoje só tenho saudades  
De quando saudades tinha.

273bis

Passei longe pelo mundo.  
Sou o que o mundo seu fez,  
Mas guardo na alma da alma  
Minha alma de português.

E o português é saudades.  
Porque só as sente bem  
Quem tem aquela palavra  
Para dizer que as tem.

27-7-1930

274

Vai leve a sombra  
Por sobre a água.  
Assim meu sonho  
Na minha mágoa.

Como quem dorme  
Esqueço a viver.  
Dispertarei  
Ao sol volver.

Nuvem ou brisa,  
Sonho ou □ dada,  
Faz sentir, passa,  
E não foi nada.

3-8-1930, 4 a. m.

274A

### Sombra...

Vai leve a sombra  
Por sobre a água...  
Assim meu sonho  
Na minha mágoa...

Minha tristeza  
Sonha acordada  
Canta embalando  
E ela é a embalada...

«Dorme, desejo...»  
A sombra informe  
Passa... E ela canta  
E nunca dorme.

29-9-1911

**Vai leve a sombra**

274B

Toca de leve  
Na minha dor.  
A hora é breve  
E eu sem amor.

9-12-1914

Vai leve a sombra  
Por sobre a água.  
Assim o sonho  
Passa entre a mágoa.

274C

Nem se compõe  
Nem se desfaz  
Quem sabe se a alma  
O leva ou o traz?

Eco ao crepúsculo  
Do último sino...  
Fui-lhe criança  
Nosso destino...

[3-8-1930]

Árvore verde,  
Meu pensamento  
Em ti se perde.  
Ver é dormir  
Neste momento.

275

Que bom não ser  
Stando acordado!  
Também em mim  
Enverdecer  
Em folhas dado!

Tremulamente  
Sentir no corpo  
Brisa na alma!  
Não ser quem sente,  
Mas tem, a calma...

[3-8-1930]

276

Eu tinha um sonho  
Que me encantava.  
Odiava a aurora,  
Que mo tirava.

Volvia a noite,  
E o sonho a mim.  
Era o meu lar,  
Minha alma afim.

Depois perdi-o.  
Lembrar? Quem dera!  
Se eu nunca soube  
O que ele era.

[3-8-1930]

Boiam leves, desatentos,  
Meus pensamentos de mágoa,  
Como, no sono dos ventos,  
As algas, cabelos lentos  
Do corpo morto das águas.

277

Boiam como folhas mortas  
À tona de águas paradas.  
São coisas vestindo nadas,  
Pós remoinhando nas portas  
Das casas abandonadas.

Sono de ser, sem remédio,  
Vestígio do que não foi,  
Leve mágoa, breve tédio,  
Não sei se para, se flui;  
Não sei se existe ou se dói.

4-8-1930

O harmónio enha, moribundo e raso,  
    No algures desta mole escuridão.  
Ah, que mal estas músicas do acaso  
    Fazem ao coração!

278

Maré dos ramos, vir do mar, má calma  
    Dos juncos, guitarrar, ária de voz —  
Como tudo isso chega ao fim da alma,  
    Onde ela está a sós!

Como se sente vaga a nossa essência,  
    Quando estes sons doem sem ter amor.  
Não sejas, minha fluida consciência!  
    Sê sombra, minha dor!

4-8-1930

Vou em mim como entre bosques  
Vou-me fazendo passagem  
Para me desconhecer.  
Nos meus sonhos sinto aragem,  
Nos meus desejos descer.

Passeio entre arvoredo  
Nos meandros de quem sinto  
Quando sinto sem sentir...  
Vaga clareira de instinto,  
Pinheiral todo a subir...

Grande alegria das mágoas  
Quando o declive da encosta  
Apressa o passo sem querer...  
De quem é que a minha alma gosta  
Sem que eu tenha de o saber.

Sorriso que no regato  
Através dos ramos curvos  
O sol, espreitando, achou.  
Fluir de água, com tons turvos,  
Onde uma pedra a desviou.

Muita curva, muita cousa,  
Todas com gentes de fora.  
Na alma que sinto assim...  
Que paisagem quem se ignora!  
Meu Deus, o que é feito de mim?

4-8-1930

Ronda o vento, ronda o vento, 281  
O vento ronda o meu ser,  
E faz do meu pensamento  
Um arvoredado a tremer.

É a voz do caos que vem  
Às almas novas lembrar  
O abismo que as coisas tem  
Sob o céu, a terra e o mar.

Abstrata, alta, veloz,  
Varre-me as sombras que trilho,  
Porque esta voz é a voz  
Do nada a chamar-me filho.

12-8-1930

Deixa-me ouvir o que não ouço... 282  
Não é a brisa, ou o arvoredado;  
É outra cousa intercalada...  
    É qualquer cousa que não posso  
    Ouvir senão em segredo,  
    E que talvez não seja nada...

Deixa-me ouvir... Não fales alto!  
Um momento!... Depois o amor,  
Se quiseres... Agora cala!  
    Ténue, longínquo sobressalto  
    Que substitui a dor,  
    Que inquieta e embala...

O quê? Só a brisa entre a folhagem?  
Talvez... Só um canto pressentido?  
Não sei, mas custa amar depois...

Sim, torna a mim, e a paisagem  
E a verdadeira brisa, ruído...  
Vejo-te: somos dois...

12-8-1930

283

Fito-me frente a frente.  
Conheço que estou louco.  
Não me sinto doente.  
Fito-me frente a frente.

Evoco a minha vida.  
Fantasma, quem és tu?  
Uma coisa esquecida  
Uma força traída.

Neste momento claro,  
Abdique a alma bem!  
Saber não ser é raro.  
Quero ser raro e claro.

12-8-1930

284

Que coisa é que na tarde  
Me entristece sem ser?  
Sinto como se houvesse  
Um mal que acontecer.

Mas sinto o mal que vem  
Como se já passasse...  
Que coisa é que faz isto  
Sentir-se e recordar-se?

Talvez que seja a brisa  
Que ronda o fim da estrada  
Talvez seja o silêncio,  
Talvez não seja nada...

17-8-1930

Não quero mais que um som de água  
Ao pé de um adormecer.  
Trago sonho, trago mágoa,  
Trago não saber querer.

285

Como nada amei nem fiz  
Quero descansar de nada.  
Amanhã serei feliz  
Se para amanhã há estrada.

Por enquanto, na estalagem  
De não ter cura de mim,  
Gozarei só pela aragem  
As flores do outro jardim.

Por enquanto, por enquanto,  
Por enquanto não sei quê...  
Pobre alma, choras sem pranto,  
E ouves como quem vê.

19-8-1930

286

Como inútil taça cheia  
Que ninguém ergue da mesa  
Transborda de dor alheia  
Meu coração de tristeza.

Sonhos de mágoa figura  
Só para ter que sentir  
E assim não tem a amargura  
Que se entenece a fingir.

Ficção num palco sem tábuas,  
Vestida de papel-seda  
Mima uma dança de mágoas  
Para que nada suceda.

19-8-1930

287

Deve chamar-se tristeza  
Isto que não sei que seja  
Que me inquieta sem surpresa,  
Saudade que não deseje.

Sim, tristeza — mas aquela  
Que nasce de conhecer  
Que ao longe está uma estrela  
E ao perto está não a ter.

Seja o que for, é o que tenho.  
Tudo mais é tudo só.  
E eu deixo ir o pó que apanho  
De entre as mãos ricas de pó.

19-8-1930

Quem me roubou quem nunca fui e a vida? 288  
Quem, de dentro de mim, é que a roubou?  
Quem ao ser que conheço por quem sou  
Me trouxe, em stratagemas de descida?

Onde me encontro nada me convida.  
Onde me eu trouxe nada me chamou.  
Disperto: este lugar em que me stou,  
Se é abismo ou cume, onde estão vinda ou ida?

Quem, guiando por mim meus passos dados,  
Entre sombras e muros que me deu  
À súbita visão dos mudos fados?

Quem sou, que assim me caminhei sem eu,  
Quem são, que assim me deram aos bocados  
À reunião em que acordo e não sou meu?

19-8-1930

Inconsciência da infância! Ah, mas com quanta 289  
Inconsciência igual meus passos vão  
Desde a infância ao lugar onde hoje estão  
Os fios dos rastos dos meus passos.

[19-8-1930]

Deveras, Maria? 290  
Deveras?  
Quem é que se fia  
Em promessas?  
E então dessas...  
Deveras, Maria?  
Sinceras?

Mas olha: acredita!  
Acredita a valer.  
Tudo pode ser.  
Até  
O teres a dita  
De uma coisa ser o que é.  
Às vezes acontece,  
Ou porque parece  
Ou porque a gente tem fé.

Deveras, Maria,  
Ele disse...?  
Se é verdade,  
Desconfia.  
Se é tolice,  
Faze por crer.  
A realidade  
É não se saber.  
Deixa-te ir!  
Bem basta morrer.

20-8-1930

291

Se sou alegre ou sou triste?...  
Francamente, não o sei.  
A tristeza em que consiste?  
Da alegria o que farei?

Não sou alegre nem triste.  
Verdade, não sei que sou.  
Sou qualquer alma que existe  
E sinto o que Deus fadou.

Afinal, alegre ou triste?  
Pensar nunca tem bom fim...  
Minha tristeza consiste  
Em não saber bem de mim...  
Mas a alegria é assim...

20-8-1930

Tirem-me a coleira de lata  
Com que fui cão do Destino.  
Meu coração que se parta  
Como um boneco sem menino.

292

Não saiam das vielas!  
Não cantem, que eu acabo!  
Eu vou beber as estrelas  
Num dos cornos do Diabo!

20-8-1930

Que grande dose de seria!  
Deixem-me. Quero (sem ironia)  
Limpar a noite com benzina  
Só para ver sair o dia.

293

[20-8-1930]

Um, dois, três...  
Pé ante pé...  
O que é?  
Há só luar  
Arvoredo

294

Um homem a medo  
Um, dois, três  
A passar.

Um, dois, três  
Outra vez  
Pé ante pé  
Vão, vem, vão...  
Não virei, por causa do mês,  
Apesar de tudo sou marquês...  
Um, dois, três  
Quem é?  
Quem são?

[20-8-1930]

295

O grande sol na eira  
Talvez seja o remédio...  
Não quero quem me queira,  
Amarem-me faz tédio.

Baste-me o beijo intacto  
Que a luz dá em luzir  
E o verde abraço intacto  
De campos a florir.

O resto é gente e alma:  
Complica, fala, vê.  
Tira-me o sonho e a calma  
E nunca é o que é.

21-8-1930

Menos mundo, por amor de Deus!  
Menos esta vida todos os dias!

296

Basta do mundo, basta de gente!  
Basta de tudo!  
Quero morrer? Não: morrer  
Lembra a qualquer.  
Quero uma solução diferente,  
Com mais vida e absurdo.

Estou farto de andar a ser eu  
Por todo quem sou.  
Quero ser outro? Não: mudar  
É fácil de lembrar.  
Quero ser eu, quero ser meu,  
Mas sem estar onde estou.

21-8-1930

Grande sol a entreter  
Meu meditar sem ser  
Neste quieto recinto...  
Quanto não pude ter  
Forma a alma com que sinto...

297

Se vivo é que perdi...  
Se amo é que não amei...  
E o grande bom sol ri...  
E a sombra está aqui  
Onde eu sempre estarei...

21-8-1930

298

Maravilha-te, memória!  
Lembras o que nunca foi,  
E a perda daquela história  
Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus,  
Rasgaram-lhe a última folha...  
Meus cansaços são ateus  
Dos deuses da minha escolha...

Mas tu, memória, condizes  
Com o que nunca existiu...  
Torna-me aos dias felizes  
E deixa chorar quem riu.

21-8-1930

299

Meu navio sem viagem,  
Meu insulso coração  
Que és como o pó para a aragem:  
Nem o levanta nem não...

Naufrágio antes da partida  
Irrisão da costa-mãe...  
Vai pedir esmola à vida,  
Ó candidato a viagem!

E quando, com trouxa feita,  
Emigrares com estendal,  
Faze obra tua e perfeita:  
Vai esconder-te no quintal.

24-8-1930

Ter antes disto outro ser! 300  
Ter uma alma clara e certa.  
Ver o que sou como ver  
Por uma janela aberta!

Ah, se eu, se eu, se eu, se eu...  
Mas, se eu fosse outro era outro.  
Ah, se este Pégaso meu  
Tivesse uma forma de potro!...

24-8-1930

Entre a noite que cessa 301  
E o começar do dia,  
Meu coração tem pressa  
Da tua nostalgia.

Não é que te deseje  
Ou te quisesse ter,  
Ou em sonhos, voando, beije  
O sonho de te ver.

Quer só tua saudade;  
Ama o lembrar-te, e não  
A sombra da verdade  
Ou o corpo da ilusão.

24-8-1930

302

No vale umbroso, como  
Se houvesse de sconder  
Do mundo o meu assomo  
De não lhe pertencer,

Abrigar-me-ei à aragem  
Que folheando suarqueja  
O chão da minha viagem  
Para onde nada esteja

E ali, parte da paz,  
Sem sorte nem dever,  
Onde nada me traz  
O que não quero ter.

Ali, sentado à calma,  
Ali, talvez, talvez  
Encontrarei minha alma  
Tal como Deus a fez.

24-8-1930

303

Não sei quantas almas tenho.  
Cada momento mudei.  
Continuamente me estranho.  
Nunca me vi nem achei.  
De tanto ser, só não conheço.  
Mudaram-me sempre o preço.  
Quem vê é só o que vê.  
Quem sente não é quem é.

Atento ao que sou e vejo,  
Torno-me eles e não eu.  
Cada meu sonho ou desejo,

É do que nasce, e não meu.  
Sou minha própria paisagem,  
Assisto à minha passagem,  
Diverso, móbil e só.  
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo  
Como páginas, meu ser.  
O que segue não prevendo,  
O que passou a esquecer.  
Noto à margem do que li  
O que julguei que senti.  
O que anotei era eu?  
Sabe-o Deus, porque escreveu.

24-8-1930

Dói-me o nevoeiro, dói-me o céu  
Que não está cá.  
Estou cansado de ser tudo menos eu.  
Onde é que está  
A unidade que Deus, suponho, me deu?

304

Perdi-a por sentir, ou por pensar?  
Não serve saber.  
Extraviei-a, como um embrulho, a sonhar?  
Perder por perder,  
Mais vale deixar perder e não procurar.

24-8-1930

305 O sol queima o que toca.  
O verde à luz desenverdece.  
Seca-me a sensação da boca,  
Nas minhas papilas esquece.

Eu múltiplo, ou isolado,  
Povoação em mim,  
Não sei que hei de sentir, e é enfado,  
Nestes momentos, ser-se assim.

Gostara, realmente,  
De sentir com uma alma só,  
Não ser eu só tanta gente.  
De muitos, meto-me dó.

Não ter lar, vá. Não ter calma,  
Stá bem, nem ter pertencer.  
Mas eu, de tantas ter a alma,  
Nem minha alma chego a ter.

24-8-1930

306 Vem do fundo do campo, da hora,  
E do modo triste como ouço,  
Uma voz que canta, e se demora.  
Escuto alto, mas não posso

Distinguir o que diz; é música só,  
Nas cordas do coração, sem dizer:  
Murmúrio de quem embala, com um vago dó  
De o menino ter de crescer.

Melodia triste sem pranto,  
Diluída, antiga, feliz  
Manhã de sentir a alma como um canto  
De D. Dinis.

24-8-1930

Entre o luar e o arvoredado,  
Entre o desejo e não pensar,  
Meu ser secreto vai a medo  
Entre o arvoredado e o luar.  
Tudo é longínquo, tudo é enredo  
Tudo é não ter nem encontrar.

308

Entre o que a brisa traz e a hora,  
Entre o que foi e o que a alma faz,  
Meu ser oculto já não chora  
Entre a hora e o que a brisa traz.  
Tudo não foi, tudo se ignora.  
Tudo em silêncio se desfaz.

24-8-1930

Às vezes entre a tormenta,  
Quando já humedeceu,  
Raia uma nesga de céu,  
Com que a alma se alimenta.

310

E às vezes entre o torpor  
Que não é tormenta da alma,  
Raia uma espécie de calma  
Que não conhece o langor.

E, quer num quer noutro caso,  
Como o mal feito está feito,  
Restam os versos que deito,  
Vinho, no copo do acaso.

Porque verdadeiramente  
Sentir é tão complicado  
Que só andando enganado  
É que se crê que se sente.

Sofremos? Os versos pecam.  
Mentimos? Os versos falham.  
E tudo é chuvas que orvalham  
Folhas caídas que secam.

26-8-1930

311

Puseram-o contra a parede  
Com os olhos vendados  
(O traidor caíra na rede.)  
Deixa de ver os soldados.

Havia uma rápida história  
Dentro do olhar que acaba...  
Beladona da memória...  
E com a venda apertada,

Aquela súbita pressão  
Lembra-lhe o gesto e quando ele, leve  
De trás a cara e outra mão  
Pôs sobre esses mesmos olhos. Breve.

Quando estava assim, sem ruído...  
Então cansa-se o instante  
Em que lhe disse ao ouvido...  
Fogo! disse o comandante.

26-8-1930

Bem sei. Estou triste, sou calvo,  
Tenho bastantes razões  
Pra me sentir algum alvo  
De algumas desilusões.

312

Mas tudo esquece. As estrelas  
Tornam fria a noite calma,  
E encho da frescura delas  
A sponja que é a minha alma.

26-8-1930

Passam na rua os cortejos  
Das pessoas existentes.  
Algumas vão ter ensejos,  
Outras vão mudar de fato,  
E outras são inteligentes.

313

Não conheço ali ninguém.  
Nem a mim eu me conheço.  
Olho-os sem nenhum desdém.  
Também vou mudar de fato.  
Também vivo e também esqueço.

Passam na rua comigo,  
E eu e eles somos nós.  
Todos temos por abrigo  
Todos mudarmos de fato,  
Ai, mas somos nus a nós.

26-8-1930

314

A nossa magna língua portuguesa  
De nobres sons é um tesouro.  
Secou o poente, murcha a luz represa.  
Já o horizonte não é oiro: é ouro.

Negrou? Mas das altas sílabas os mastros  
Contra o céu vistos nossa voz afoite.  
O claustro negro céu alva azul de astros,  
Já não é noute: é noite.

26-8-1930

315

Passei a minha legenda.  
Caí nas vinhas do chão,  
E chupo os punhos de renda  
Molhados em carrascão.

26-8-1930

316

Desdobrei o meu estandarte  
Sobre os sonhos por sonhar.  
Tomei sentir pela parte  
Que me coube em adiar.

A cota de malha vista  
Era melhor que vestida.  
Pesar não vale a conquista.  
Assim vivi minha vida.

26-8-1930

Tenho pena e não respondo.  
Mas não tenho culpa enfim  
De que em mim não correspondo  
Ao outro que amaste em mim.

317

Cada um é muita gente.  
Para mim sou quem me penso,  
Para outros — cada um sente  
O que julga, e é um erro imenso.

Ah, deixem-me sossegar.  
Não me sonhem nem me outrem.  
Se eu não me quero encontrar,  
Quererei que outros me encontrem?

26-8-1930

As formigas do ardor  
Mato-as sem regas nem pés,  
E não sei o que é pior —  
Se ter por alguém amor  
Ou alguém tê-lo por nós.

318

26-8-1930

319

Quero ser livre, insincero,  
Sem crença, dever ou posto.  
Prisões, nem de amor as quero,  
Não me amem, porque não gosto.

Quando canto o que não minto  
E choro o que sucedeu,  
É que esqueci o que sinto  
E julgo que não sou eu.

De mim mesmo viandante  
Colho as músicas na aragem,  
Que a minha mesma alma errante  
É uma canção de viagem

Pois cai um grande e calmo efeito  
De nada ter razão de ser  
Do céu nulo como um direito  
Na terra vil como um dever.

A chuva morta ainda ensopa  
O chão noturno do céu limpo,  
E faço, sob a aguada roupa,  
Figuras sociais a tempo.

26-8-1930

320

O rio que passa dura  
Nas ondas que há em passar,  
E cada onda figura  
O instante de um lugar.

Pode ser que o rio siga,  
Mas a onda que passou,  
É outra quando prossiga.  
Não continua: durou.

Qual é o ser que subsiste  
Sob estas formas de star,  
A onda que não existe,  
O rio que é só passar?

Não sei, e o meu pensamento  
Também não sabe se é,  
Como a onda o seu momento  
Como o rio □

26-8-1930

Meu ruído da alma cala.  
E aperto a mão no peito,  
Porque sob o efeito  
Da arte e o seu trejeito,  
O que é de Cristo fala.

321

Cega, coxa, porca, lixo  
Da vida que n'alma tem,  
Esta criança vem.  
Que Deus é que do além  
Teve este mau capricho?

E ou jazigo limpo  
Ou sótão com pó,  
Bebé foi-se embora.  
Minha alma está só.

26-8-1930

Gnomos do luar que faz selvas  
As florestas sossegadas,  
Que sois silêncios nas relvas,  
E em almas abandonadas  
Fazeis sombras enganadas,  
Que sempre se a gente olha  
Acabastes de passar  
E só um tremor de folha  
Que o vento pode explicar  
Fala de vós sem falar,

Levai-me no vosso rastro,  
Que em minha alma quero ser  
Como vosso corpo, um astro  
Que só brilha quando houver  
Quem o suponha sem ver.

Ah sentir tudo de todos  
Os feitos!  
Não ter alma, não ter modos —  
Só desvios.  
Alma vista de uma estrada  
Que vira a esmo,  
Seja eu leitura variada  
Para mim mesmo!

Assim eu que canto ou choro  
Quero velar-me e partir.  
Lembrando o que não memoro,  
Alguns me saibam sentir,  
Mas ninguém me definir.

26-8-1930

Minha mulher, a solidão, 323  
Consegue que eu não seja triste.  
Ah, que bom é ao coração  
Ter este lar que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,  
Não sofro o insulto de um carinho,  
E falo alto sem que haja alguém:  
Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda  
Submisso à opressão do Fado,  
Dá-me eu ser só, — veste de seda —,  
E falar só — leque animado.

27-8-1930

Ó Maria dos Prazeres, 324  
Que Prazeres é que tem  
Não quereres, não quereres,  
Não quereres a ninguém?

Ó Maria dos Prazeres,  
Quem esse nome te pôs  
Não to pôs para fazeres  
Pesares a todos nós.

Ó Maria dos Prazeres,  
Finge ao menos quem tu és,  
O caso é só tu quereres —  
Qu'eres a primeira vez

E ó Maria dos Prazeres,  
Depois disso hás de sentir  
Que um nome obriga a deveres,  
O deveres repetir.

31-8-1930

325

Na margem verde da estrada  
Os malmequeres são meus.  
Já trago a alma cansada —  
Não é disso: é de Deus.

Se Deus me quisesse dá-la  
Havia de achar maneira...  
A estrada de cá da vala  
Tem malmequeres à beira.

Se os quero, colho-os e tenho  
Cuidado com os partir  
Cada um que vejo e apanho  
Dá um estalinho ao sair.

São malmequeres aos molhos  
Iguaizinhos para ver  
E nem põe neles os olhos  
Dá a mão pra os receber.

Não é esmola que envergonhe,  
Nem coisa dada sem mais.  
É pra que a menina os ponha  
Onde o peito faz sinais.

Tirei-os do campo ao lado  
Para a menina os trazer...  
E nem me mostra o agrado  
De um olhar para me ver...

É assim a minha sina.  
Tirei-os de onde iam bem  
Só para os dar à menina, —  
E agradeceu a ninguém.

31-8-1930

A estrada, como uma senhora,  
Só dá passagem legalmente.  
Escrevo ao sabor quente da hora  
Babadamente.

326

Não saber bem o que se diz  
É um pouco sol e um pouco alma.  
Ah, quem me dera ser feliz.  
Teria isto, mais a calma.

Bom campo, estrada com cadastro,  
Legislação entre erva nata.  
Vai atar a alma com um nastro  
Só para ver quem ma desata.

31-8-1930

327

Tão vago é o vento que parece  
Que as folhas fremem só por vida.  
Dorme um calor em que se esquece.  
Em que é que o campo nos convida?

Não sei. Anónimo de mim,  
Não posso erguer uma intenção  
Do saco em que me sinto assim,  
Caído nesse verde chão.

Com a alma feita um animal,  
A quem o sol é um lombo quente  
Aceito como a brisa real  
A sensação de ser quem sente.

E os olhos que me pesam baixo  
Olham pela alma o campo e a estrada.  
No chão um fósforo é o que acho.  
Nas sensações não acho nada.

31-8-1930

328

De aqui a pouco acaba o dia.  
Não fiz nada.  
Também, que coisa é que faria?  
Fosse a que fosse, estava errada.

De aqui a pouco a noite vem.  
Chega em vão  
Para quem como eu, só tem  
Para o contar o coração.

E após a noite e mais dormir  
Torna o dia.  
Nada farei senão sentir.  
Também que coisa é que faria?

31-8-1930

É boa! Se fossem malmequeres!  
E é uma papoula  
Sozinha, com esse ar de «queres?»  
Veludo da natureza tola.

329

Coitada!  
Por ela  
Saí da marcha pela estrada.  
Não: não a ponho na lapela.

Oscila ao leve vento, muito  
Encarnada a arroxear.  
Deixei no chão o meu intuito.  
Caminharei sem regressar...

31-8-1930

Enfia a agulha,  
E ergue do colo  
A costura enrugada.  
Escuta: (volto a folha  
Com desconsolo).  
Não ouviste nada.

330

Os meus poemas — este  
E outros que tenho —  
São só a brincar.  
Tu nunca os leste,  
E nem mesmo estranho  
Que ouças sem pensar.

Mas dá-me um certo agrado  
Sentir que tos leio  
E que me ouves ler.  
Faz um certo quadro.  
Dá-me um certo enleio...  
Leio só para te ver.

31-8-1930

331

Parece estar calor, mas nasce  
    Subitamente  
    Contra a minha face  
Uma brisa fresca que se sente.

Assim também — pois comparar  
    É que é poesia —  
    A alma sente-se a esperar,  
Mas sem que saiba em que confia.

31-8-1930

Gradual, desde que o calor 332  
Teve medo,  
A brisa ganhou alma, à flor  
Do arvoredor.

Primeiro, os ramos agitaram  
As folhas que há,  
Depois, cinzentos, oscilaram,  
E depois já

Toda a árvore era um movimento  
E o fresco viera.  
Medita sem ter pensamento!  
Ignora e spera!

31-8-1930

A tarde vulgar e cheia 333  
De gente que anda na rua,  
Escurece, azul e alheia,  
E a brisa nova flutua.

Havia verão com o dia,  
Mas agora, Deus louvado!,  
Primaverou de outonia  
Sob o largo céu parado.

Palavras! Nenhuma cor  
Que o céu finge, ou bisa aqui,  
Torna real esta dor  
Que tive porque a senti.

4-9-1930

334

Ao pé dos salgueirais da margem,  
Não tenho o barco nem o sono.  
Adio o sonho e a viagem,  
E ao pé dos salgueirais da margem  
A mim me deixo ao abandono.

O rio passa largamente,  
Fazem cortinas verdes bem  
Os salgueirais sobre a corrente,  
E o rio passa largamente,  
E eu fico, pois não sou ninguém.

A curva súbita do rio  
Vela a quem é quem pode ser.  
Cai na água, coração vazio,  
E, ermo boiando, sem saber,  
Na curva súbita do rio  
Perde-te e deixa-me esquecer!

5-9-1930

335

O papel que me escreveste  
Era uma carta a fingir.  
Não foi isso que disseste.  
Se acredito, é para rir.

Foi isto, não foi aquilo.  
Razões tem-nas quem as tem.  
Não me ralo. Estou tranquilo.  
Se estás contente, está bem.

Palavras, e assim é tudo.  
Cá por mim, são as que são.  
Quando é preciso, sou mudo,  
E falo noutra ocasião.

Leio e releio de chofre  
A carta que nada diz.  
Sei lá se a minha alma sofre.  
Sabe alguém se é infeliz?

5-9-1930

Se penso bem, creio haver  
Cinco razões para beber,  
Ou anis, ou vinho, ou então  
Sede, ou poder vi-la a ter,  
Ou qualquer outra razão.

336

[5-9-1930]

Entre o arvoredado, entre o arvoredado  
Entre o arvoredado a luarar,  
Passa, fantasma ouvido a medo,  
Sombra composta de segredo,  
Uma presença feita de ar.

337

Se fosse sol eu não ousara  
Sequer pensar em poder ter  
O que, por ver, eu não amara,  
Porque a ilusão é que me é cara,  
E o luar é a ilusão de ver.

Entre o arvoredado, incertamente,  
Nas margens negras das clareiras,  
Cercam-me, e são, se vê quem sente,  
Qualquer coisa que, de repente,  
Sombriamente tem maneiras.

6-9-1930

338

Dá a surpresa de ser.  
É alta, de um louro escuro.  
Faz bem só pensar em ver  
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem  
(Se ela estivesse deitada)  
Dois montinhos que amanhecem  
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco  
Assenta em palmo espalhado  
Sobre a saliência do flanco  
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.  
Tem qualquer coisa de gomo.  
Desejo, quando é que eu embarco?  
Ó fome, quando é que eu como?

10-9-1930

339

E toda a noite a chuva veio  
E toda a noite não parou,  
E toda a noite o meu anseio  
No som da chuva triste e cheio  
Sem repousar se demorou.

E toda a noite ouvi o vento  
Por sobre a chuva irreal soprar  
E toda a noite o pensamento  
Não me deixou um só momento  
Como uma maldição do ar.

E toda a noite não dormida  
Ouvi bater meu coração  
Na garganta da minha vida.

[post 11-9-1930]

Hoje estou triste, estou triste,  
Estou muito triste, e, em parte,  
Minha tristeza consiste  
Em nem saber se estou triste.

340

Se toda tristeza tem  
Uma causa, qual a desta?  
Que mal a causa ou mantém?  
Quem sabe até se é um bem?

A alma humana é estrangeira,  
E tem usos e costumes  
Fora da nossa maneira.  
Estou triste, queira o que queira...

17-9-1930

Não sei que mágoa me deu...  
Se a hei de chamar ou esquecer...  
Lembra-me a sombra do véu...  
Tudo me parece que foi.  
Só para deixar de ser.

341

Ah como às vezes um cheiro  
Ou uma música traz  
Todo o passado ao terreiro.  
Porque é que a vista não faz  
Tanta lembrança primeiro?

Que mágoa me deu? Foi esse  
Perfume (não sei que flor)  
Do jardim que me fez dor.

20-9-1930

342

Como um vento na floresta,  
Minha emoção não tem fim.  
Nada sou, nada me resta.  
Não sei quem sou para mim.

E como entre os arvoredos  
Há grandes sons de folhagem,  
Também agito segredos  
No fundo da minha imagem.

E o grande ruído do vento  
Que as folhas cobrem de som  
Despe-me de pensamento:  
Sou ninguém, temo ser bom.

30-9-1930

343

Neste dia de tristeza  
Em que a chuva começou,  
Quero dizer-te a verdade  
Porque mentir acabou.

Não foi verdade eu amar-te  
Quando disse que te amava,  
Mas amo agora deveras,  
Sou hoje quem se enganava.

Juras falsas as que fiz.  
Mas hoje verdades são.  
Eu quero ser infeliz.  
Pra sentir o coração.

[Setembro 1930]

*Nescio quid meditans*

344

Aqui, na Rua de S. Julião,  
    Uns vêm — outros vão.  
Além, no Poço do Borratém,  
    Uns vão e outros vêm.  
Nenhuns são o que são,  
    Nenhuns têm o que têm;  
E afinal tudo é vão...  
    Mas, se tudo é vão, está bem.

7-10-1930

Quanto fui peregrino  
Do meu próprio destino!  
Quanta vez desprezei  
O lar que sempre amei!  
Quanta vez, rejeitando  
O que quisera ter,  
Fiz dos versos um brando  
Refúgio de não ser!...

345

E quanta vez, sabendo  
Que a mim estava esquecendo,  
E que quanto vivi —  
Tanto era o que pedi —

Como o orgulhoso pobre  
Ao rejeitado lar  
Volvi o olhar, vil, nobre  
Fidalgo só no chorar...

Mas quanta vez descrente  
Do ser insubstancial  
Com que no Carnaval  
Da minha alma irreal  
Vestira o que sentisse  
Vi quem era, quem não sou  
E tudo o que não disse  
Os olhos me turvou...

Então, a sós comigo,  
Sem me ter por amigo,  
Criança ao pé dos céus,  
Pus a mão na de Deus.  
E no mistério escuro  
Senti a antiga mão  
Guiar-me, e fui seguro  
Como a quem deram pão.

Por isso, a cada passo  
Que meu ser triste e lasso  
Sente sair do bem  
Que a alma, se é própria, tem,  
Minha mão de criança  
Dou na de Deus e vou,  
Sem medo nem esperança  
Para aquele que sou.

7-10-1930

Teias de horror na falsa aragem 346  
A aranha do abismo tece...  
O luar não mostra; e a folhagem  
É do meu medo que estremece.

Mas ergue-se do fim do abismo  
O medo e a máscara do dia...  
A sfinje ao fim da fantasia.

Pela floresta indefinida  
Paira um silêncio sempre.

Gnomos ou elfos feios fazem  
Pavor entre o ar e o arvoredos?  
Como uma laje os luares jazem,  
Jazem do fundo do meu medo.

Que manhã ou clarim ou riso  
Dispertará o bosque mudo?  
Meu medo faz tudo impreciso.  
Meu sonho faz meu medo tudo.

7-10-1930

Do meio da rua 347  
(Que é, aliás, o infinito)  
Um pregão flutua,  
Música num grito...

Como se no braço  
Me tocasse alguém  
Viro-me num espaço  
Que o espaço não tem.

Outrora em criança  
O mesmo pregão...  
Não lembres... Descansa,  
Dorme, coração!...

7-10-1930

348

Seja o que for que aconteça  
Nunca acontece de todo.  
Tira o lenço da cabeça  
E põe-o de um outro modo.

A mágoa nunca deu vinha,  
Nem deu vinho repisar...  
Se tenho vida, ela é minha,  
Não a tenho para a dar...

Mas se entesas bem o lenço  
Sobre a cabeça a sorrir,  
Já não sei bem o que penso,  
Começo só a sentir.

Ai pontas do lenço vindas  
Até onde eu quero ver...  
Já te disse coisas lindas  
E vais-te embora a esquecer.

10-10-1930

Não tenho speranza nem fé.  
Bem, goze ao menos, ao pé  
Do silêncio vegetal,  
Este vago aroma que é  
Um fenómeno mental.

349

Construindo sensações  
Com parte da inteligência,  
Terei a dupla consciência  
De quem perdeu as razões  
E não adquiriu a ciência...

Intervalo anterior  
Entre o que sinto e o que sou,  
Gozarei todo o sabor  
Da vida com dar valor  
Ao valor que lhe não dou.

E incerto, preciso, mago  
Que de caracteres a magia,  
Farei da alma que trago  
Sfinge ao fim da fantasia  
A melhor guarda que vê  
Num casual que não havia.

13/14-10-1930

Por quem foi que me trocaram  
Quando estava a olhar para ti?  
Pousa a tua mão na minha  
E, sem me olhares, sorri.

350

Sorri do teu pensamento  
Porque eu só quero pensar

Que é de mim que ele está feito  
E que o tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão  
E vira os olhos a mim...  
Por quem foi que me trocaram  
Quando estás a olhar-me assim?

14-10-1930

351

Leve no cimo das ervas  
O dedo do vento roça...  
Elas dizem-me que sim...  
Mas eu já não sei de mim  
Nem do que queira ou que possa.

E o alto frio das ervas  
Fica no ar a tremer...  
Parece que me enganaram  
E que os ventos lhes levaram  
O com que me convencer.

Ou no relvado das ervas  
Nem bole agora uma só.  
Porque pus eu uma sprança  
Naquela inútil mudança  
De que nada ali ficou?

Mas o sossego das ervas  
Não é o de há pouco já.  
Que inda a lembrança do vento,  
Me as move no pensamento  
E eu tenho porque não há.

14-10-1930

Se tudo o que há é mentira 352  
É mentira tudo o que há.  
De nada nada se tira  
A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha  
Uma coisa ou não, com fé,  
Suponho-a se ela é risonha,  
Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida  
É pôr a vida com jeito.  
Fana a rosa não colhida  
Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,  
Que o resto ortigas o cobrem  
E só se cumpre o dever  
Para que as palavras sobrem.

14-10-1930

Cai chuva do céu cinzento 353  
Que não tem razão de ser.  
Até o meu pensamento  
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza  
Acrescentada à que sinto.  
Quero dizer-ma mas pesa  
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente  
Não sei se estou triste ou não,  
E a chuva cai levemente  
(Porque Verlaine consente)  
Dentro do meu coração.

15-10-1930

354

Perdi completamente uma ilusão.  
Nunca se perde mais do que uma.  
Nela vai todo o coração:  
O resto é espuma.

Quando primeiro confiamos  
Confiamos de uma só vez.  
Morremos se nos enganamos  
□

Ressaca quieta abandonando a areia,  
Vago poente anoitecendo em flor,  
A ilusão que perdi é hoje ideia  
E eu vivo dela sem amor.

15-10-1930

355

Passa entre as sombras do arvoredo  
Um vago vento que parece  
Que não passou, que passa a medo,  
Ou que há porque desaparece.

O ouvido escuta o não-ouvir,  
A alma, no ouvido debruçada,  
Sente uma angústia a não sentir  
E quer melhor ou pior que nada.

É como quando a alma não tem  
Quem ame, quem spere ou quem sinta,  
Quando considerara um bem  
O próprio mal, dès que não minta,

E entre onde as sombras do arvoredo  
Sequestram sons e brisas prendem,  
Este não passar passa a medo  
E certas folhas se desprendem.

Então porque há folhas que caem,  
Volta a ilusão de haver o vento,  
Mas elas, caindo hirtas, traem  
Que não há brisa no momento.

Oh, som sozinho dessa queda  
Das folhas secas no ermo chão,  
Oh, som de nunca usada seda  
Apertada na inútil mão,

Com que terrível similhaça  
A qualquer voz feita em bruxedo,  
Lembrais a morte e a desesperança,  
E o que não passa passa a medo.

18-10-1930

Há um grande som no arvoredo.  
Parece um mar que há lá em cima.  
É o vento, e o vento faz um medo...  
Não sei se meu coração me estima...

356

Sozinho sob os astros certos  
Meu coração não sei da vida...  
Ó vastos céus, iguais e abertos,  
Que é esta alma indefinida?

Que é esta aspiração constante.  
Para o que é obscuro e geral  
Do vento que vai alto e ondeante,  
Da treva que me □

21-10-1930

357

Há um grande som no arvoredo.  
Parece um mar que há lá em cima.  
É todo o vento a fazer medo...  
São os ramos □

Meu coração é mais menino.  
É como ouvir contos de medo  
Ouvir este alto desatino  
Que enche de mar o arvoredo.

E porque sinto a similhaça  
Com essa infância □ me invade  
Uma terrível desesperança,  
Uma profunda saudade.

[21-10-1930]

**Elias Artista**

358

Soa o chicote do castigo  
Por trás das costas do forçado.  
Mas se o forçado é inimigo  
De receber esse castigo  
O açoite dado nunca é dado.

Por mais que a sorte queira dar  
Obstáculos a quem quer ir,  
Se ele disser que os não vê estar,  
Eles por si se hão de arredar,  
E ele por si há de seguir.

Tudo é, no mundo ou no outro mundo,  
O que pensamos na vontade.  
Tudo é o nosso ser profundo.  
De meu imaginar me inundo,  
E o mundo externo não me invade.

Se houver em mim a força e a imagem,  
A imagem de outro ser não tem —  
Seja ela o mundo ou a paisagem  
De um outro espírito — vantagem  
Contra o que eu imagino bem.

Por isso, alheio a menos que eu,  
Figuro o que desejo, e dou  
Ordens ao mundo, porque é meu.  
E meto na algibeira o céu  
No próprio lugar em que estou.

23-10-1930

Dá-me as mãos por brincadeira  
Na dança que não dançamos,  
Porque isso é uma maneira  
De dizer o que pensamos.

Dá-me as mãos e sorri alto,  
A vigiar o que rio.  
Bem sabes que assim já falto  
A pensar coisas a fio.

Não quero largar as mãos  
Assim dadas por brinquedo.  
Deixa-as ficar: há irmãos  
Que brincam assim a medo.

Não largues, ou faz demora  
A arrastar, a demorar,  
As mãos pelas minhas fora,  
E já deixando de olhar.

Que segredos num contacto!  
Que coisas diz quem não fala!  
Que boa vista a do tacto  
Quando a vista desigual!

Deixa os dedos, deixa os dedos,  
Deixa-os ainda dizer  
Aqueles dos teus segredos  
Que não podes prometer!

Deixa-me os dedos e a vida!  
Os outros dançam no chão,  
E eu tenho a alma esquecida  
Dentro do teu coração.

Todo o teu corpo está dado  
Nas tuas mãos que retenho.  
Mais vale ter enganado  
Do que ter porque não tenho.

28-10-1930

Há um grande vento entre os montes,  
E os vales têm alegria.  
Aqui não há horizontes,  
Mas só os cimos e o dia.  
Aqui se esquece o passado,  
Até o só imaginado.

360

Aqui, porque toda a gente  
Está do outro lado das serras,  
E não há rio que intente  
Ligar-nos a outras terras —  
Aqui calmos aguardamos  
O nada que já esperamos.

Sempre a vontade nos falha.  
Sempre o desejo nos sobra.  
A consciência é uma batalha,  
A fantasia é uma obra  
Absurda em trezentos tomos,  
E a vida é o que não somos.

28-10-1930

361

Tenho dito tantas vezes  
Quanto sofro sem sofrer  
Que me canso dos revezes  
Que sonho só pra os não ter.

E esta dor que não tem mágoa,  
Esta tristeza intangível,  
Passa em mim como um som de água  
Ouvido num outro nível.

E, de aí, talvez que seja  
Uma nova antiga dor  
Que outra vida minha esteja  
Lembrando no meu torpor.

E é como a mágoa que nasce  
De ouvir música a sentir...  
Ah, que a emoção em mim passe  
Como se a estivesse a ouvir!

[Novembro 1930, 1.<sup>a</sup> quinzena]

362

Há certa gente que amamos  
Porque não é o que é,  
Porque nela recordamos  
Qualquer coisa, vida ou fé,  
Que nos ficou de um passado  
Entre esquecê-lo lembrado.

Teus olhos azuis e braços,  
Teu frágil corpo inteiro,  
Não pedem talvez meus braços,  
Mas pedem-me o amor inteiro,  
Sinto que ter-te seria  
Regressar a um outro dia.

Manchas da sensação?  
Que sei de ti ou de mim?  
Mas dói-me no coração  
Qualquer cousa, a ti afim,  
Que conheci e perdi,  
Que vivi porque vivi.

11-11-1930

Lenta e quieta a sombra vasta  
Cobre o que vejo menos já.  
Pouco somos, pouco nos basta.  
O mundo tira o que nos dá.  
Que nos contente o pouco que há.

363

A noite, vindo como nada,  
Lembra-me quem deixei de ser.  
A curva anónima da estrada  
Faz-me lembrar, faz-me esquecer,  
Faz-me ter pena e ter de a ter.

Ó largos campos já cinzentos  
Na noite, para além de mim,  
Vou amanhã meus pensamentos  
Enterrar onde estais assim.  
Vou ter aí sossego e fim.

Poesia! Nada! A hora desce  
Sem qualidade ou emoção.  
Meu coração o que é que esquece?  
Se é o que eu sinto que foi vão,  
Porque me dói o coração?

17-11-1930

## Transgressão

Num grande espaço, onde é clareira, vão  
Bailando as fadas e há luar ali.  
Se quem olha é feliz, não vê senão  
Uma sombra no chão, que é a de si.

Mas se quem olha não conhece nada  
E deixa a vida ser o que ela é,  
Seus olhos veem claro cada fada  
E cada fada é que merece fé.

Assim ao bosque solitário, e cheio  
De cousas que a quem vive não tem ser,  
Levei meu sonho à noite de passeio.  
E, porque não sou nada, pude ver.

Assisti, distraído de ser eu,  
Ao bailado das fadas entre si,  
E não conheço história de haver céu  
Igual àquela dança que lhes vi.

Com que grande vontade do desejo  
Eu dera a alma inteira só por ter  
Um momento a floresta e o ensejo  
E as fadas todas para conhecer.

Criança contra os Deuses, minha sorte  
Acabaria ali, dançando ao luar,  
E era melhor do que ter vida e morte,  
E uma alma imortal com que contar.

Mas tudo isto é sonho, ainda que não.  
Fadas, se existem, são de pouca dura.  
Só a maçada de Deus tem duração,  
Só Cristo e os outros Verbos não têm cura.

Quero o luar, quero o luar e as fadas!  
Quero não ter nem deuses nem deveres!  
Matem-me ao luar, em áleas afastadas!  
Corpo e alma enterrem-me entre malmequeres!

19-11-1930

Paira nos bosques noturnos  
Um som de água separado.  
Meus passos seguem soturnos  
Sozinhos com o meu fado.  
Paira nos bosques noturnos  
Um som de água sossegado.

365

A paz não vem por lembrança  
Nem se esquece por vontade.  
Se hei de viver sem speranza,  
Quero viver sem saudade.  
A paz não vem por lembrança  
E esquecer não é verdade.

E fica atrás com o enredo  
Dos bosques mistos no escuro,  
O som de água entre o arvoredado,  
E o meu sentimento obscuro,  
Ficam atrás com o enredo

E fica atrás com o enredo  
Dos bosques mancha ao luar  
O som de água entre o arvoredado  
E o meu sentimento no ar.  
Ficam atrás com o enredo  
Dos bosques sem som que dar.

8-12-1930

Aqui onde um sol brando  
Faz claro um brando mar,  
Quero, nem meditando,  
Nem sequer já sonhando,  
Como o dia ir durando,  
Como o dia acabar.

Não vale a pena nada,  
O esforço é vil e vão.  
Tudo é como uma estrada  
Que tem de ser passada,  
E que há de ser deixada  
Como as estradas são.

Vontade ou pensamento  
Ou a emoção que tem?  
Que são mais que este vento  
Que dura um só momento,  
Só ar em movimento,  
Nada que vai e vem?

O que eu sou em mim, di-lo  
O que não pude ser;  
Sem razão intranquilo,  
Dos sonhos mau pupilo,  
Cansado até daquilo  
Que nem desejo ter.

Ao menos, sossegado  
De ter ou de sentir,  
No olvido do passado,  
Sem futuro almejado,  
Sem virtude ou pecado,  
Aqui dormir, dormir...

Só o embalar que nasce  
Do mar em seu rumor  
E tudo em mim se passe  
Como se a ondeada face  
Fosse a alma que fitasse  
E eu só o exterior.

Só, como quem nos remos  
Descansa, hei de sonhar  
Que alguns seres supremos  
Darão que um dia havemos  
De ter o que não temos;  
Mas não faz mal se errar.

Porque homens, deuses, nada,  
São sombras e ilusão.  
O ser não tem entrada  
Se há qualquer escada  
Que possa ser alçada,  
Deixo-a ficar no chão.

10-12-1930

Antes que o sono afunde  
Minha alma em más visões  
E em seu abismo a inunde  
De falsas confusões,

367

Com quanto ainda em mim vive,  
Enquanto o sono espero,  
Relembro o bem que tive  
E sonho o bem que quero.

Então, porque sonhada  
Te tive, e sonho ainda,  
Como saudade és dada,  
E como sonho és linda.

Até que, vindo a aragem  
Do sonho, como a vida  
Eu paro na viagem  
De te pensar já toda

E é um fim  
Natural e sem arte:  
O da flor que se fana,  
Ou taça que se parte.

15-12-1930

368

Na praia baixa a onda morre  
E se desfaz a chiar.  
Olho, mas nada me ocorre  
Senão que estou vendo o mar.

Dizem que o mar reza cânticos,  
Que a onda é renda e veludo,  
Mas os poetas românticos  
Já venderam isso tudo.

Por isso ante o mar real  
E as ondas como ali há,  
Acho tudo natural.  
Versos? Um outro os fará...

25-12-1930

Vendi o meu realejo, 369  
E já não tenho razão.  
Maria, dá-me esse beijo  
Que me chega ao coração.

O amor é melhor que as árias,  
Mesmo que seja a fingir.  
As consequências são várias  
E tudo se leva a rir.

Precaços da desventura...  
Mas, ao menos, □

25-12-1930

Por trás daquela janela 370  
Cuja cortina não muda  
Coloco a visão daquela  
Que a alma em si mesma estuda  
No desejo que a revela.

Não tenho falta de amor.  
Quem me queira não me falta.  
Mas teria outro sabor  
Se isso fosse interior  
Àquela janela alta.

Porquê? Se eu soubesse, tinha  
Tudo o que desejo ter.  
Amei outrora a Rainha,  
E há sempre na alma minha  
Um trono por preencher.

Sempre que posso sonhar,  
Sempre que não vejo, ponho  
O trono nesse lugar;  
Além da cortina é o lar,  
Além da janela o sonho.

Assim, passando, entreteço  
O artifício do caminho  
E um pouco de mim me esqueço.  
Pois mais nada à vida peço  
Do que ser o seu vizinho.

25-12-1930

371

Chove. É dia de Natal.  
Lá para o Norte é melhor:  
Há a neve que faz mal,  
E um frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente  
Porque é dia de o ficar.  
Chove no Natal presente.  
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse  
O Natal da convenção,  
Quando o corpo me arrefece  
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra  
E o Natal a quem o fez,  
Pois se vai mais uma quadra  
Apanho um Natal nos pés.

Não quero ser dos ingratos  
Mas, com este mesmo céu,  
Puseram-me nos sapatos  
Só o que a chuva me deu.

25-12-1930

Maria, (tu és Maria?)  
Gosto de ti realmente  
Mas não como gostaria  
Quem gosta só por que sente.  
Meu gostar é diferente.

372

Se, sendo a mesma que és,  
Tu fosses outra, e eu,  
Sendo o mesmo que aqui vês,  
Fosse outro, nem teu nem meu,  
Este amor que Deus nos deu  
Talvez desse resultado,  
E então, alegres a par,  
Que par, que casal, que enfado  
Devidamente ajustado  
Nós seríamos a amar!

E é isso a felicidade.  
Por enquanto, Deus não quer  
Mais que eu e tu em verdade.  
Queres ser minha mulher.  
Sei lá o que quero ser...

E entre mim e o que escrevo passa  
O meneio que não olvido,  
O olhar azul rindo com graça  
A boca, o lenço descaído,  
E já meu coração não tem  
A paz que a ele e a mim convém.

Aquela loura a olhar a rir  
Que tinha o lenço descaído  
E cujo andar faz descobrir  
O que há por trás do seu vestido,  
Aquela loura faz-me mal  
E o meu olhar foi casual.

É isto. A gente vive asceta  
E acha bastante só pensar  
E em plena rua vem a seta  
Que um corpo é arco de atirar.  
Sim, o ascetismo continua  
Mas fica essa visão da rua.

Mas (não desejo exagerar)  
Não pesa muito esta visão  
Que vem assim arrelhar  
A minha firme solidão...  
O mal que faz consegue conter  
Toda a brandura do prazer.

Bem: vamos à filosofia,  
A cada qual, inda se o nada  
Acata, há sempre uma alegria  
Que dá e passa e dói e agrada...  
E solidão todos a têm  
O caso é que procurem bem.

25-12-1930

Não tenho ninguém que me ame. 373  
Spera lá, tenho; mas é  
Difícil ter-se a certeza  
Daquilo em que não se crê.

Não é não crer por descrença,  
Porque sei: gostam de mim.  
É um não crer por feitio  
E teimar em ser assim.

Não tenho ninguém que me ame.  
Para este poema existir  
Tenho por força que ter  
Esta mágoa que sentir.

Que pena não ser amado!  
Meu perdido coração!  
Etcetera, e está acabado  
O meu poema pensado.  
Sentir é outra emoção...

25-12-1930

O sino da igreja velha 374  
Tem um som familiar,  
E as casas baixas de telha  
Têm telhados a brilhar.  
Não sei a que o sino toca  
Não sei o que o sino evoca  
Meu coração não coloca  
As coisas no seu lugar.

Era tão feliz outrora  
Que já não sei se era eu.  
Aquele que sou agora  
Se existe, é porque morreu.  
Não tem missa na igreja,  
Nem cousa alguma que seja  
O que sente ou deseja.  
E o sino cessa no céu.

É à missa a que vão crentes  
Ou a que vai quem lá vai  
Que o sino com sons frequentes  
Toca esse som que lhe sai —  
Seja ao que for, vai tocando  
E no meu coração brando  
Como uma clepsidra soando  
Cada som lembrado cai.

[25-12-1930]



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa

—  
[www.impresanacional.pt](http://www.impresanacional.pt)  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

—  
© Ivo Castro  
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—  
O livro *VINTE ANOS DE POESIA ORTÓNIMA. II — 1921-1930*  
é o sexto título da coleção PESSOANA, série EDIÇÕES,  
e tem edição de texto de IVO CASTRO.

Tem edição, revisão e paginação  
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA,  
e *design* gráfico de EDUARDO AIRES.  
Foi composto em caracteres MINION PRO

—  
Edição digital gratuita, dezembro de 2020  
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda





P

***E***

